

SCALABRINI

homem de dores e dissabores
– mártir do cotidiano –

Dirceu Cutti



italiano

español

português



SCALABRINI
homem de dores e dissabores
– mártir do cotidiano –

Dirceu Cutti

SCALABRINI
hombre de dolores y aflicciones
– mártir del cotidiano –

Dirceu Cutti

Traducción: P. Alcides Salinas Sosa, cs

SCALABRINI
uomo di dolori e disagi
– martire della vita quotidiana –

Dirceu Cutti

Traduzione: P. Diógenes Casaril, cs

CEM – Centro de Estudos Migratórios
Missão Paz
São Paulo, 2020

Diretor do CEM

Paolo Parise

Editor

José Carlos Alves Pereira

Comitê Editorial

Ana Carolina Gonçalves Leite (UFPE)

Ana Cristina Arantes Nasser (USP)

Dirceu Cutti (CEM)

Dulce Tourinho Baptista (PUC-SP)

Fernando Altemayer (PUC-SP)

Fernando Antonio Lourenço (UNICAMP)

Gustavo Dias (UNIMONTES)

Helion Póvoa Neto (UFRJ)

José Carlos Alves Pereira (CEM)

João Décio Passos (PUC-SP)

Lúcia Maria Machado Bógus (PUC-SP)

Maria Aparecida de Moraes Silva (UFSCAR)

Marilda Aparecida de Menezes (UFABC)

Margarida Maria de Andrade (USP)

Patrícia Villen (UNICAMP)

Paolo Parise (ITESP)

Rosana Baeninger (UNICAMP)

Sidnei Marco Dornelas (CEMLA - BSAS)

Wellington da Silva de Barros (ITESP)

Wagner Sanches (PUC-SP)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cutti, Dirceu

Scalabrini [livro eletrônico] : homem de dores e dissabores : mártir do cotidiano = hombre de dolores y aflicciones : mártir del cotidiano = uomo di dolori e disagi : martire della vita quotidiana / Dirceu Cutti ; traducción Alcides Salinas Sosa ; traducción Diógenes Casaril. -- São Paulo : Centro de Estudos Migratórios : Missão Paz, 2020.

4.000 Kb ; PDF

Edição trilingue: português/espanhol/italiano

Bibliografia.

ISBN 978-65-88323-01-4

1. Emigração e imigração - Aspectos religiosos - Igreja Católica 2. Igreja Católica - Bispos - Biografia - Itália 3. Igreja Católica - Bispos - Correspondência - Itália 4. Itália - Emigração e imigração - Aspectos religiosos - Igreja Católica 5. Scalabrini, Giovanni Battista, 1839-1905 - Correspondência I. Título. II. Título: Scalabrini : hombre de dolores y aflicciones : mártir del cotidiano. III. Título: Scalabrini : uomo di dolori e disagi : martire della vita quotidiana

20-42275

CDD-922.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Bispos : Itália : Biografia e obra 922.2

Arte capa: Sergio Ricciuto Conte – sergioricciutoconte@gmail.com

Impressão: Max Editora - (11) 3379-7046

Aos que sofrida e corajosamente encaram as mais
variadas e desafiadoras travessias
e aos que com eles se ombreiam:

Migrantes

Refugiados

Voluntários

Leigos

Missionárias Seculares

Irmãs Scalabrinianas

Padres e Irmãos Scalabrinianos

Todos os que já empreenderam nova travessia
(*in memoriam*)

SCALABRINI
homem de dores e dissabores
– mártir do cotidiano –

Dirceu Cutti

SUMÁRIO

Apresentação	11
Prefácio.....	13
Clareando o ambiente	15
Como nos aproximarmos de Scalabrini	16
Como Scalabrini é apresentado aos iniciantes	17
Viajando no tempo.....	18
Contexto amplo.....	18
Contexto italiano	19
Contexto <i>ad intra ecclesia</i>	21
Que homem foi este?	25
Um homem preso ao passado.....	25
Um homem enredado pelo presente	25
Um homem catapultado pelo amanhã.....	25
Scalabrini no <i>Carteggio</i>	29
Marinheiro em situações de tormentas	35
O caso Rocca	35
O caso do opúsculo “Intransigentes e Transigentes”	36
O caso das eleições de 1886.....	39
O caso Miraglia.....	45
Scalabrini e as Missões	49
Convite inusitado.....	55
À guisa de despedida.....	57

*“Se o senhor souber, sabe;
não sabendo, não me entenderá.”*

(João G. Rosa. *Grande Sertão: Veredas*. RJ: Nova Fronteira, 21ª ed., 2015, p. 135).

*“Ninguém pode ouvir nas coisas, inclusive nos livros, mais
do que já sabe. Para aquilo a que não se tem acesso por
vivência, não se tem ouvido.”*

(Fiedrich Nietzsche. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, [1888] 1999, p. 424).

Apresentação

Quero iniciar esta apresentação com as duas últimas palavras do autor deste texto: *Sono lieto!* Estou feliz! Realmente é motivo de muita alegria poder aqui expressar algo sobre o Dirceu e este seu escrito, por três motivos:

Primeiramente, pelo fato de ter sido ele um irmão, amigo e companheiro de caminhada desde os anos 1980, revelando sua paixão pela causa dos migrantes com o espírito de Scalabrini, atuando no Centro de Estudos Migratórios (CEM), na Casa do Migrante e em Casas de Formação.

O segundo motivo da minha alegria é pela experiência de mais de dez anos nos quais estive acompanhando o Movimento Leigo Scalabriniano. Nesse período, o Dirceu – com seu jeito sábio, simples, crítico e profundo – exerceu importante papel na caminhada dos leigos em seus diferentes níveis: na organização, nas coordenações e assessorias.

O terceiro refere-se ao momento em que ganhei um lindo presente de suas próprias mãos, a tradução do *Carteggio* (correspondência entre Scalabrini e Bonomelli), obra que depois de tantos anos de trabalho gratuito, no silêncio das noites e das madrugadas, veio à luz na versão para o português.

Nos lançamentos do livro em que tive a alegria de estar presente – quer em espaços populares, quer em acadêmicos – ouvi apresentações apaixonantes que me motivaram à imediata leitura do *Carteggio*. Mas confesso que muito do que ele dizia, eu não havia lido em nenhum lugar. Foi a partir disso que tive a ideia de convidá-lo a colocar no papel o conteúdo das falas.

Felizmente para nós, ele prontamente aceitou e, pouco tempo depois, recebi em primeira mão o seu escrito. Imaginei que não seriam mais do que quatro ou cinco páginas. Estava enganado. Dei-me conta imediatamente que as falas que ouvi foram apenas aperitivos e de cara também percebi a originalidade do texto estampada já no próprio título. O Dirceu, através das cartas que nosso fundador nos deixou e de alguns fatos históricos que chamaram a sua atenção, nos oferece uma nova face de Scalabrini, aquela de um homem marcado por dores e dissabores, por isso definido como “mártir do cotidiano”.

Confesso ainda que mesmo antes de terminar a leitura percebi que o texto merecia ser publicado. Mais adiante perguntei-me: por que não fazê-lo em vários idiomas? Foi assim que nasceu esta edição, em três versões (português, espanhol e italiano) que agora disponibilizamos a todos para que desfrutem da sua leitura. O autor diz que se trata de um “singelo

depoimento”, mas é muito mais do que isso, é fruto de uma percepção de quem se aprofundou sobre o entendimento da pessoa que é o nosso fundador. Informo que este segundo escrito do Dirceu pode e deve ser considerado o prefácio da tradução do Carteggio.

Por fim, convido você a embarcar na viagem rica em paisagens e imagens que a leitura propicia, pois por trás de dores e dissabores brilha a esperança em forma de poesia.

Pe. Mario Geremia, cs

Prefácio

A beatificação de J. B. Scalabrini, em 9 de novembro de 1997, pelo Papa João Paulo II, como não poderia deixar de ser, trouxe um oxigênio novo a toda Congregação Scalabriniana. Esse sopro do espírito se deve a diversos fatores, entre os quais é forçoso reconhecer o grande entusiasmo do Movimento Leigo Scalabriniano (MLS). Na época, ouvi de vários coirmãos a afirmação de que “os leigos nos ajudaram a redescobrir o Fundador”.

De minha parte, se me proponho a ser sincero e sem qualquer pretensão de humildade (ou falsa humildade), devo admitir que uma pessoa em particular me fez entender esse respiro novo que nos reconduziu à fonte, nutrindo a espiritualidade dos missionários scalabrinianos e nutrindo igualmente a força de um carisma que se revela cada vez mais atual e dinâmico. Refiro-me ao amigo e irmão Dirceu Cutti. Dele posso dizer que me forneceu elementos para olhar o Fundador com luz nova e maior brilho.

À frente do MLS, e convidado a ajudar na formação dos seminaristas, o Dirceu trazia uma bagagem concreta e de longa data no serviço pastoral aos migrantes e, ao mesmo tempo, um estudo sistemático das migrações na condução da Revista *Travessia*, publicada pelo Centro de Estudos Migratórios (CEM). Além disso, de há muito vinha lendo devotamente a obra do Pe. Mario Francesconi, juntamente com outros escritos de Scalabrini. Entre estes últimos, figura de forma especial o *Carteggio Scalabrini-Bonomelli (1868-1905)*. Nele o Dirceu mergulhou, bebeu, se apaixonou e versou o conteúdo para a língua portuguesa.

Apaixonou-se não por um desses “santos” angélicos, de asas, vestes brancas e auréola. Aqueles que já nascem com uma espécie de varinha mágica e que, desde o berço, costumam multiplicar milagres e palavras misteriosas. O que surpreendeu o autor deste artigo foi um homem de pés e mãos ligados firmemente ao chão complexo e contraditório da terra, onde corre lágrimas, suor e sangue. Um homem que, com o coração, a mente e a alma, soube mergulhar nas dores, lutas e esperanças da história, ler seus embates e conflitos, interpretando as luzes e sombras que nela se cruzavam e se alternavam.

Um “santo” que não desceu pronto do alto, como um mensageiro imediatamente reconhecido do céu, sem mácula do pecado original. Nada disso! Ao contrário, a laboriosa travessia em direção à santidade forjou-se nos subterrâneos úmidos e escuros da história, seja de uma época sacudida pela Revolução Industrial e seus efeitos, seja nos caminhos árduos e incertos

percorridos pelos emigrantes que deixavam o velho continente. Aí criou raízes profundas, para então, a exemplo da flor, da espiga e do edifício, levantar-se rumo ao ar livre.

Mais do que ler os rastros dos migrantes na correspondência entre Scalabrini e Bonomelli, o Dirceu se deparou com o coração vivo e palpitante do Fundador. Um coração que pulsava e sofria no ritmo de um período marcado por contrastes e turbulências. E que, nas cartas ao amigo pastor, põe a nu experiências, sentimentos, emoções e muita, muita preocupação com os rumos da Igreja e da história. Dirceu a bem dizer tropeçou com a figura de Scalabrini: homem de Deus, do tempo, da Igreja e da multidão dos sem pátria. As cartas representam uma espécie de espelho vivo e transparente para ler os “sinais dos tempos” desse momento de transição. Mas é preciso intuir o que dizem seus silêncios, suspiros e entrelinhas.

É aqui que entra em cena o Dirceu. Lendo e traduzindo essas cartas com os olhos do coração, foi capaz de enxergar, para além do sentido literal, algo que elas não explicitavam, mas que vinha expresso no olhar atento, lúcido e compassivo de Scalabrini diante da época e de seus acontecimentos. Para concluir, tomando emprestado o mesmo olhar do Fundador, o Dirceu recompõe o panorama histórico do final do século XIX e início do século XX, com suas intrigas e interesses mesclados, tanto na Igreja quanto na sociedade. Com esses óculos mais amplos, o leitor estará mais apto para reler as cartas no contexto social em que foram redigidas e saborear o tempero de sua solicitude pastoral e evangélica.

Pe. Alfredo José Gonçalves, cs
Rio de Janeiro, maio de 2020

Clareando o ambiente

Na vida, por vezes acontecem coisas inesperadas como, por exemplo, a troca de olhares entre duas pessoas desconhecidas que tempo depois redundam em casamento.

Na apresentação que fiz da tradução do *Carteggio* (correspondência entre Scalabrini e Bonomelli) para o português, descrevi como foi minha aproximação com Scalabrini – algo inesperado – à semelhança da troca de olhares.

No dia 20 de janeiro de 2020, mais uma vez inesperadamente, recebi uma mensagem de parte de um integrante da Direção Geral dos Scalabrinianos para rabiscar algo em torno da pessoa de nosso fundador. Devo esclarecer com todas as letras que não sou nenhum *expert* no assunto, porém, encontro-me menos desprovido do que da vez anterior e, além disso, aceitei o convite porque, por ocasião dos vários lançamentos que fiz da tradução, algumas pessoas disseram estar ouvindo algo diferente e me instigaram a estender o conteúdo da fala para o papel. Confesso que não sei o que anda sendo dito por aí (na minha vida só ouvi duas palestras) e do que está escrito, do pouco que li, é o que está à disposição de todos. De toda forma, tentarei “imobilizar o que pulsa”. Explico: nas intervenções que fiz aqui e acolá sempre tive às mãos não mais que um pedaço de papel contendo esparsos apontamentos à guisa de auxílio às minhas narrativas.

Tenho por mim que a escrita, ao tolher o tom de voz, ao ocultar a brevíssima pausa do silêncio quando este é mais eloquente que as palavras, ao impossibilitar o cruzamento de olhares, entre tantos outros ricos detalhes que a fala possibilita, corre o risco de limitar a transmissão de uma mensagem e, se não tanto, pode engessá-la. Ademais, o texto escrito – excetuando a poesia, o conto, a crônica e por extensão a literatura – ao livre voo do encanto da alma impõe a primazia da racionalidade lógica. Dito isso, como é difícil dizer “não” a amigos, deixei meus dedos brincarem com o teclado.

De cara, informo: a mim, não foram os feitos de Scalabrini que mais me impactaram, foi a pessoa dele; não foi o que se disse sobre Scalabrini, foi o que Scalabrini nos deixou dito.

O que se segue, longe de ser um subsídio para estudo, aproxima-se mais de um singelo depoimento. Sem abusar de Scalabrini, mas parafraseando-o, diria: “*tutto buttato giù*” (tudo jogado às pressas).

Resta-me, nesta abertura de palco, dar crédito às informações que trago. As citações que reporto à correspondência entre Scalabrini e Bonomelli encontram-se na tradução que fiz para o português e as demais, devo-as à “biblioteca ambulante” que já nos deixou, o querido e saudoso pe. Mario

Francesconi e à leitura de parte dos *Scritti* de Scalabrini compilados pela Congregação no ano de 1980 entre os quais se encontra o *Carteggio*, base da minha tradução. Lamento por só ter tido acesso à brilhante publicação ampliada deste, realizada no ano de 1983 sob a coordenação de Carlo Marcora, quando meu trabalho já havia sido finalizado. Também recorri, para solucionar pequenas pendências, ao pe. Giovanni Terragni, diretor do Arquivo Geral Scalabriniano (AGS) e a alguns acervos digitais.

Como nos aproximarmos de Scalabrini

Pela sua importância para a história da igreja italiana na segunda metade do século XIX; por suas iniciativas no campo social e, sobretudo, por seu legado junto a um dos setores nevrálgicos da modernidade – os migrantes – Scalabrini merece ser contemplado por diversos ângulos do saber. Sua vasta atuação e sua postura diante dos desafios da época oferecem amplo campo de pesquisa a sociólogos e historiadores da Igreja.

Por primeiro, porém, é tarefa nossa, como scalabrinianos/as, sabermos perseguir toda riqueza que nosso fundador nos deixou. Mas a nós, precisamente a nós, porque nos é imperioso termos nele uma fonte de espiritualidade, cabe-nos a exigência maior de uma aproximação com a pessoa de Scalabrini, para alguém ou para além do homem público que marcou época.

Onde ela se revela com maior nitidez, onde ela se desnuda? Sem ser simplista e evasivo, diria: Em tudo! Mas vejam a nossa sorte, e dou um exemplo: quando uma empresa quer hoje contratar um profissional de ponta, o que ela primeiro vasculha no candidato são suas redes sociais. O currículo é importante, por isso sempre solicitado, mas este não diz dos valores que norteiam o candidato, das suas reações diante de problemas, do seu foco de interesses, etc. Ou seja, se o currículo diz o que o pleiteante da vaga **sabe**, as redes sociais dizem **quem ele é**.

Scalabrini, além de um vastíssimo currículo, disponibiliza a todos nós livre acesso ao seu *WhatsApp*, ou seja, sua correspondência, em especial aquela confidencial, na qual por vezes recomenda ao destinatário que após a leitura a queime, ou então que não revele a ninguém seu conteúdo, “*nem mesmo se for defunto*”, como diz numa delas (Scalabrini a Bonomelli, [janeiro de 1886], apud CUTTI, 2019, p. 179)¹. É por esta vereda que me arrisco a trilhar alguns modestos passos. Antes, porém...

¹ Para evitar repetição exaustiva desta fonte (CUTTI, 2019), todas as citações da correspondência entre Scalabrini e Bonomelli constarão apenas com as iniciais dos respectivos nomes acompanhados pela data, como segue (S. a B. dia, mês, ano).

Como Scalabrini é apresentado aos iniciantes

A sua biografia inaugura qualquer fala. As Visitas Pastorais e a Renovação da Catequese, duas das três prioridades por ele assumidas quando esteve à frente da diocese de Piacenza, sempre ganham particular atenção. Quanto à terceira, Formação do Clero, pouco se menciona. Sua ampla atuação no campo social não deixa de merecer seu devido destaque e, a partir disso, adentra-se para o considerado cerne do seu legado, aquilo que gosto de definir como “a prioridade não planejada” – os migrantes – e tudo o que dela decorre: a carta da Estação de Milão, as conferências e os escritos sobre a Emigração, os projetos de lei, a fundação das Congregações e da São Rafael, as viagens pela América, o Memorial apontando para a necessidade da Igreja de acompanhar a todos os migrantes; enfim, àquilo que Scalabrini diz estar na base de tudo: “o que vi, ouvi e vivenciei”.

Há no acima descrito “pano pra muita manga”. Prova-o as várias publicações que já vieram a público. Mas o seu *WhatsApp*, a sua correspondência possibilita-nos garimparmos mais fundo; é quando nos deparamos de frente não só com um homem profundamente mergulhado nas contradições do seu tempo, mas também, a partir do aparentemente insignificante, com a possibilidade de tocarmos a alma do filho de Luigi Scalabrini e Colomba Trombetta.

Foi ele quem, com seu pé direito tendendo para o acelerador, mas freando com frequência nas curvas sinuosas da história, nos deixou dito: “Devemos [...] ser homens do nosso tempo [...]. O mundo caminha e nós não podemos ficar para trás [...]” (FRANCESCONI, 1985, p. 792/3). Esta frase foi pronunciada por quem entendeu a fundo que as mudanças de seu tempo eram mudanças de paradigmas e por isso exigiam mentes abertas e mangas arregaçadas. Entretanto, o solo em que pisava, sob vários aspectos, era solo minado. Como homem de vanguarda, naquilo que acreditava ser essencial, não se omitia. Entrou de corpo e alma, por exemplo, na luta pela resolução da Questão Romana, mas foi vencido. Travou duras batalhas contra aqueles que não só pisavam no freio – os intransigentes – mas perseguiam os que caminhavam, colhendo para si nada mais que dores e dissabores. E da sua atuação cotidiana de pastoreio amalhava cansaço sobre cansaço.

Pois foi este homem de dores e dissabores, frequentemente marcado pela exaustão física, que encontrei na correspondência, particularmente no *Carteggio*. Mas o que é o *Carteggio*? Numa comparação, podemos defini-lo como sendo um retrato das labaredas de fogo que marcaram

um determinado período da história da igreja. Labaredas nas quais Scalabrini – com tato prudente, com visão estratégica e, sobretudo, com pulso firme – corajosamente mergulhou de corpo e alma. Mergulho que lhe acarretou, por diversas vezes, queimaduras de terceiro grau.

Para entender as labaredas (cartas) é necessário saber qual a lenha que as alimenta, noutros termos, necessitamos colocar minimamente o texto em seu contexto.

Viajando no tempo

A tarefa de descrever o contexto do texto não é tão simples e exigiria algumas páginas, incorrendo sempre no risco de tornar linear o que se apresenta sinuoso e, sobretudo, eivado de contradições – os processos sociais. Esta tarefa caberia, evidentemente, não a um leigo no assunto, mas a alguém especializado. Entretanto, como estes rabiscos não carregam nenhuma pressão acadêmica, aventuro-me a traçar o que chamarei de “caricatura da época”.

Isso é necessário porque a força maior de tudo o que Scalabrini diz e faz verte do solo por ele palmilhado. Sem negar a ontologia, precisamos ter clareza que somos seres históricos, pessoas situadas no tempo e no espaço.

Contexto amplo

Há estudiosos que debatem se estamos ou não na pós-modernidade. Scalabrini, contrariamente a nós que presenciamos a crise da modernidade (quicá após a Covid-19 se inaugure de fato uma nova era, com um passo a mais em direção ao primado da vida, quicá!), respirou seus ares prenhes de promessas. Promessas que pressupunham suplantar uma velha ordem que vinha sendo abalada desde o século XIV com o Renascimento.

A ciência passava a galgar cada vez mais o lugar anteriormente ocupado por Deus. No campo da reprodução da vida surgiram as classes sociais. A mobilidade emergiu como um dos principais pilares da nova organização social, da qual a migração constitui o aspecto de maior visibilidade. Vários historiadores designam esse período como “século do movimento”. Alguns estimam que de 1820 a 1920, entre 60 e 70 milhões de pessoas deixaram o velho continente europeu em busca de novas terras na América e na Austrália.

Consolidou-se o Estado moderno, deslocando as decisões dos palácios para os parlamentos.

A modernidade, com seus muitos “ismos” (iluminismo, antropocentrismo, positivismo, liberalismo, socialismo, etc.), surgiu ateia e anticlerical. A visão da cristandade (*extra ecclesiam nulla salus*, fora da igreja não há salvação) sofreu fortes arranhões. A igreja que andava de braços dados com a ordem estabelecida vê-se diante de um divórcio na sua relação com a sociedade, e no caso específico da Itália, divórcio litigioso.

Contexto italiano

A este caldeirão no âmbito macro soma-se o contexto específico italiano, altamente complexo, com seu processo de independência e unificação política, longo e conturbado. Estendeu-se de 1848 a 1870 quando finalmente Roma foi ocupada e o papa Pio IX destituído do poder temporal que ainda detinha sobre a “cidade eterna”. Trata-se de um período em que a relação entre estado italiano e igreja não foi tão amistosa.

O governo atacava e a igreja contra-atacava. Pio IX (1846-1878) usou e abusou das excomunhões.

Em 1860 consolidou-se o Reino da Itália (à exceção de Roma), tendo à frente o rei Vittorio Emanuele II e, no ano seguinte, aconteceram os festejos pela unidade. Roma simplesmente proibiu o clero de tomar parte nas comemorações; imagino que muitos não obedeceram.

Uma retaliação de maior impacto por parte da cúria romana diz respeito a não participação dos católicos nas eleições. Era esta uma discussão que se arrastava no interior da igreja, com seus prós e contras, prevalecendo a posição dos que defendiam a abstenção. Em determinado momento foi até aberta uma exceção possibilitando a candidatos católicos concorrerem ao parlamento. Como toda lei, esta diretriz também foi interpretada ao sabor de muitas opiniões/interesses e para selar as divergências, Pio IX, em janeiro de 1868, saiu a público ratificando a abstenção, o chamado *non expedit* (não é conveniente), ou seja, a orientação aos católicos de não tomarem parte nas eleições parlamentares.

No *Carteggio*, Bonomelli aparece mais enfurecido contra o *non expedit*, mas é Scalabrini quem age de maneira estratégica tentando superá-lo. Em carta de 1882 a Leão XIII assim se expressa:

Sinto a obrigação de informá-lo que na minha diocese, todos, sem exceção, os proprietários (e são muitíssimos), os donos de comércios, de oficinas, etc. já inscreveram

todos os seus subordinados como eleitores, e isso me faz crer que o *non expedit* da S. Sé, que foi pouco observado no passado, o será menos ainda daqui pra diante, em detrimento das consciências e da autoridade da igreja [...] Compreendo muito bem, Santo Padre, as dificuldades todas, entretanto rogo [...] que não deixe escapar a oportunidade que agora se apresenta de fazer aquilo que cedo ou tarde fatalmente deverá ser feito. [...] Falo com a sinceridade de um filho [...]. São estes [...] os sentimentos também de muitíssimos bispos que eu conheço, mas que infelizmente não ousam falar por receio de desgostá-lo (FRANCESCONI, 1985, p. 632/3).

Scalabrini martelava nas questões que julgava importantes, em que pese os ventos contrários.

Cheguei a Roma na terça-feira passada e na quarta fui recebido em audiência particular pelo Santo Padre; [...] disse tudo e com toda a franqueza, mas, fazer o quê, não nos entendem! Quanto às eleições, tenho a impressão que tudo vai ficar como antes (S. a B. 29.09.1882).

Mas o bispo não jogava a toalha facilmente. Voltou ao tema, como relata ao amigo:

Com relação ao assunto das eleições, embora me dissessem que após muita hesitação havia-se decidido pela manutenção do *non expedit*, eu não me intimidei com isso e propus uma questão à Sagrada *Penitenzieria* perguntando se, num caso particular – que não constitui exceção – em determinado colégio eleitoral se encontrarem frente a frente vários candidatos, e dentre eles alguém declaradamente católico e decidido a defender o quanto possível a causa da igreja, e outros mais ou menos hostis à mesma, poder-se-ia aprovar ou ao menos tolerar que os eleitores mais ligados à religião pudessem intervir com plena tranquilidade de consciência às eleições, no intuito de promover o candidato católico? O pedido [...] não foi mal aceito e, ontem à noite, fui chamado e me responderam verbalmente que, ocorrendo um caso desses, com as devidas ressalvas, podemos permitir que isso aconteça [...] (S. a B. 09.10.1882).

Vieram as eleições de 1886; Scalabrini repisou o assunto com o papa o qual lhe disse que estava mantida a orientação de 1882. No que deu, voltaremos mais adiante, mas antecipo que foram sérios os dissabores por ele enfrentados.

O governo, que nos anos de 1866/67 suprimiu 700 casas/propriedades religiosas, em 1869 alfinetou novamente a igreja introduzindo o serviço militar obrigatório a todos os clérigos por três anos.

São estas apenas algumas informações ilustrativas de como o clima era hostil entre as partes, tendo seu fulcro maior condensado em torno da chamada *Questão Romana*. Esta consistia na total inconformidade por parte da Santa Sé por ter sido destituída do poder temporal (político), em especial sobre Roma e, por parte do governo, a cabal negativa frente a qualquer possibilidade de negociação.

Sob o aspecto político, pouco ou nada a esperar. O S. Padre está mais do que nunca decidido a querer a sua Roma. “Roma – são palavras textuais dele – mesmo permanecendo italiana, deve ser a capital não apenas de um reino, mas do mundo católico” (S. a B. 13.11.1887).

O papa só voltou a ser chefe de Estado a partir de 1929 quando o governo de Benito Mussolini, no Tratado de Latrão, lhe cedeu o território do Vaticano.

Contexto *ad intra ecclesia*

O advento da modernidade que atingiu em cheio a igreja provocou fissuras também no interior desta. O que assinalamos acima em relação ao *non expedit* aponta para isso. Mas faço um alerta: a razão humana jamais abarca toda a realidade, pois esta última é sempre mais complexa e, sobretudo, contraditória do que qualquer narrativa que se pretenda correta e imparcial. A própria modernidade não avançou de forma linear no tempo e no espaço. As pessoas mesmas por vezes apresentam posturas avançadas em determinados aspectos e mais conservadoras em outros. Nem por isso podemos deixar de dizer que dentro da igreja surgiram duas tendências: a dos que aceitavam dialogar com a modernidade (os transigentes) e os que se aferravam ao passado (os intransigentes), evidentemente com suas graduações (os flexíveis, os moderados e a tendência que mais se sobressaía, a dos radicais, em especial do lado dos intransigentes).

Antes de prosseguir, importante frisar que a Itália não conformava um bloco homogêneo, o *locus* da grande efervescência no campo social, das ideias, da cultura, da política, da religião concentrava-se na Itália setentrional, o chão pisado por Scalabrini.

Os que viam a necessidade de caminhar com a história, no campo político/cultural eram taxados de liberais e, no campo do pensamento teológico/filosófico, de rosminianos. “Quem não aprova é liberal, cleroliberal, rosminiano e tudo o mais” (B. a S. 02.02.1881). “[...] fui apontado diante do S. Padre como um rosminiano!” (B. a S. 20.09.1881).

Antonio Rosmini (1797-1855) foi encarregado pelo papa Pio VIII para que buscasse junto aos pensadores modernos elementos de diálogo com a teologia. Sofreu alguns contratemplos, como o do ano de 1849 quando teve duas obras incluídas no Índice (catálogo de livros proibidos). Entretanto, escritos seus continuaram sendo estudados e debatidos livremente.

Os intransigentes radicais encamparam o termo “rosminiano” e lhe imputaram uma conotação altamente negativa. Ser taxado de liberal ou de rosminiano equivalia à acusação de ser totalmente contrário ao papa. E afirmar isso de um bispo era acusá-lo de desobediência, de rebeldia e até mesmo de traição, por isso motivo de escândalo junto ao povo simples, preocupação expressa reiteradas vezes por Scalabrini.

Em janeiro de 1886, o diretor da revista rosminiana *La Sapienza*, Vincenzo Papa, escreveu a Scalabrini informando que havia recebido, através do cardeal Jacobini, um agradecimento especial do papa por um telegrama que lhe havia enviado “como escritor católico”, palavras do próprio Leão XIII. E sabendo que o bispo estivera em Roma, perguntou se era verdade o que ouvira dizer, de que o papa lhe afirmara que não desaprovava que as questões filosófico-rosminianas fossem debatidas.

Na resposta (s/d), Scalabrini disse haver informado ao papa que na sua diocese eram muitos os que seguiam o sistema filosófico de A. Rosmini e diante disso indagara ao sucessor de Pedro como deveria portar-se frente aos mesmos. O papa lhe respondeu:

Diga aos seus padres que Nós nunca entendemos de retirar a quem quer que seja a liberdade de debater em torno de doutrinas deixadas abertas à discussão. Também no que se refere a Rosmini, seus adeptos podem muito bem continuar suas discussões com tranquilidade de consciência [...] (FRANCESCONI, 1985, p. 704).

E logo na sequência deixou escrito: “Palavras textuais [...] que eu de pronto registrei para que não viesse a esquecer-las, mudá-las, diminuí-las, ou de qualquer outra forma alterá-las” (FRANCESCONI, 1985, p. 705).

Mas, donde brotavam as acusações contra Scalabrini e Bonomelli?

Para entender onde residia o centro nevrálgico dos ataques é necessário dizer duas palavras acerca do jornal *L’Osservatore Cattolico*.

“Todos sabem que o jornalismo católico é uma potência”, disse em certa ocasião um padre jornalista a Scalabrini (S. a B. 01.02.1883) e mais forte se tornou quando da fundação do *L’Osservatore Cattolico*. O objetivo primeiro do jornal era o de defender os direitos do papado.

Teve seu primeiro número lançado em janeiro de 1864, com sede em Milão, com a finalidade de atingir toda a região da Lombardia. Frise-se que mais tarde Leão XIII chegou a suspeitar do “quadrilátero lombardo” formado por Milão, Cremona, Bérgamo e Piacenza, como sendo um espaço em que o espírito cismático havia sido largamente difundido, por isso, merecedor de atenção especial. Ilustra-o o que escreveu Bonomelli a Scalabrini: “No dia quatro escrevi ao papa para mostrar-lhe que o espírito cismático não existe em nossas dioceses, ele é imaginado pelo *Osservatore* [...]” (B. a S. 29.07.1890).

Em 1869 foi chamado para trabalhar no jornal D. Davide Albertário, padre e jornalista que a partir de janeiro de 1873 tornou-se seu principal diretor. Para se ter uma pequena ideia da oposição que fazia aos bispos de Piacenza e Cremona, cito apenas algumas passagens da correspondência entre os dois prelados:

[...] julgo extremamente necessário, especialmente para nós bispos, grandíssima discricção, uma vez cercados como estamos e vigiados por certos fariseus [...] que buscam avidamente qualquer pretexto para nos julgar e nos colocar em aparente contradição com a S. Sé [...] o que se transforma em enorme escândalo para os fiéis (S. a B. 11.09.1881).

Há alguns dias alguém me falou das insinuações diabólicas feitas pelo *Osservatore* contra você, a mim e a algum outro colega. Há dois anos não leio aqueles papéis e não me preocupo pelo que dizem (S. a B. 22.09.1881).

De resto, se eu encontrar um bispo que se junte a mim estou prontíssimo a proibir o famoso jornal na diocese. Não poderia ser você mesmo este bispo que eu procuro? (B. a S. 01.10.1881).

O *Osservatore*, nesses dias, está fazendo o diabo a quatro contra Piacenza; disse tudo o que quis e quem sabe o que não dirá ainda; [...] (S. a B. 16.10.1881).

Eu nunca leio aquele jornal, nem quero que me falem dele, acho que é a melhor maneira para conservar o quanto possível a tão necessária paz (B. a S. 17.02.1882).

Como você sabe, eu não leio o *execrável* jornal, que continua se dizendo órgão do Papa (B. a S. 13.09.1882).

Não pode dizer: Não leio *L'Osserv.* Eis, gritariam, nos condena sem nos ler; foi enganado, etc.! (S. a B. 23.01.1883).

Eu não posso mesmo ler aquele jornal, nem em momentos como este. Se não leio, permaneço tranquilo, se o leio, o sangue me sobe na hora e perco as estribeiras (B. a S. 24.01.1883).

Escute mais esta. Um respeitável eclesiástico, que além do mais é Monsenhor, diz-me ter lido um livro de 70 e poucas páginas no qual o Albertário conta a história, a seu modo, do seu jornal, das perseguições sofridas, etc., etc. O bom Mons., comovido até as lágrimas, garante-me também que eu e você e alguns outros somos apresentados como inimigos da imprensa católica e coisas até piores (S. a B. 01.02.1883).

Nós somos seguidos, vigiados, questionados de uma forma estranha e romanesca. Aqueles tais [...] empinam corajosamente a cabeça [...]. Se Deus não intervier, verá quantas amarguras nos farão engolir. Mons. Mascaretti ouviu em Milão ameaças contra mim que o fizeram empalidecer (S. a B. 24.01.1884).

Para precisar melhor o clima no interior da Igreja é importante sublinhar que, com a assunção ao papado de Leão XIII (1878-1903) os ares ganharam um contorno mais ameno. O jornal *Osservatore Cattolico* não mereceu inicialmente, por parte do novo papa, as atenções que lhe eram dispensadas por Pio IX; a postura em relação às eleições e ao pensamento de Rosmini, como vimos, ensaiavam esperanças de abertura. Na questão social bastanos lembrar da *Rerum Novarum* (1891). Aliás, quando da publicação desta, houve reação por parte de católicos que rezaram e pediram orações pela conversão do papa.

Descrito brevemente e até mesmo de certa forma superficial o fogo com suas achas e labaredas, não podemos esquecer que do mesmo também emana fumaça e fagulhas e é exatamente nessas que a pessoa

de Scalabrini se revela a nós com maior transparência. Diria que é no aparentemente insignificante que reside o maior significado. Antes, porém, de falar de fumaça e fagulhas uma mirada a mais em nosso personagem historicamente situado.

Que homem foi este?

Scalabrini foi um homem, como já afirmamos, profundamente mergulhado nas contradições de sua época. Isso nos possibilita defini-lo, em poucas palavras, como:

Um homem preso ao passado

Dentro da cosmovisão da cristandade, sonhava com a recristianização da sociedade. A própria fundação da Congregação enquadra-se neste grande leque, manter lá fora o que internamente estava se perdendo – a fé. Não esperamos encontrar em Scalabrini a explicitação de conceitos que apontem na perspectiva do Reino; a Igreja, instituída por Jesus Cristo, representava para ele o ponto de partida e de chegada. É na sua práxis que se aninha o gérmen do novo.

Um homem enredado pelo presente

Não esteve imune ao positivismo. Pelo contrário, valeu-se dele quando, de maneira inteligente, por ocasião da primeira Visita Pastoral enviou antecipadamente aos párocos um formulário para munir-se com dados objetivos em relação à realidade sociorreligiosa da sua diocese. Fez o mesmo quando liderou uma mobilização em defesa dos trabalhadores sazonais do arroz.

Não esteve imune ao nascente nacionalismo de uma Itália em processo de unificação, por isso, aos emigrantes, além do conforto da fé, era necessário levar o “sorriso da pátria”.

Também dizia que Deus faz milagres, mas não a “torto e direito”, portanto, fazia-se imperioso arregaçar as mangas, ingressar na vida pública.

Um homem catapultado pelo amanhã

Os tempos históricos em que ocorrem grandes transformações são também tempos que sinalizam na direção do horizonte. Foi o que aconteceu com a poetisa Ermínia Fuá Fusinato, que perplexa diante do

grande êxodo assim se expressou: “*Talvez o mundo inteiro seja a pátria para um mortal*”. Com Scalabrini aconteceu o mesmo, e diria até que aqui reside um dos *insights* mais extraordinários de seu legado. O sociólogo Toniolo, seu contemporâneo, assim se expressou em carta a Rinaldi M. de 01.11.1911: “[...] *aquele homem teve a intuição dos acontecimentos futuros, característica esta reservada às mentes superiores e aos que tem um coração grande [...]*” (TONIOLO, 1911. [AGS/DE 48-09-01]).

Intui que as migrações seriam ingrediente constitutivo da nova organização social ao propor a fundação da Congregação para estar junto deles, contrariamente aos que lhe disseram tratar-se de um fenômeno passageiro.

O papa Paulo VI, ao desengavetar o processo de beatificação, trancado a sete chaves pela linhagem dos intransigentes, disse que Scalabrini antecipou o Concílio Vaticano II. Nesse sentido, vale cotejar algumas palavras do bispo registradas em sua Primeira Carta Pastoral e/ou proferidas por ocasião do seu Jubileu Episcopal com as que abrem o principal documento conciliar, a *Gaudium et Spes*.

No Jubileu: “As vossas alegrias sempre foram as minhas alegrias; minhas dores, as vossas” (FRANCESCONI, 1985, p. 1236).

Na primeira Carta Pastoral: “[...] enviado primeiramente aos pobres [...] sofrerei com eles” (FRANCESCONI, 1985, p. 108).

Gaudium et Spes: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1968, p. 143).

Lembremos que a renúncia ao sonho individual de ser missionário nas Índias possibilitou a Scalabrini concretizar um grande sonho coletivo, aquilo que ele inicialmente sempre chamava de “as missões”, voltadas aos imigrantes italianos na América. Este sonho, uma vez concretizado não se estanca, vai se alargando. É quando, já no final da sua travessia pelas mais variadas paisagens da mãe-terra, nos brinda com um fruto maduro – o Memorial –, uma proposta para que a Igreja assumisse o compromisso de acompanhar os migrantes de todas as nacionalidades.

Proposta também esta “*buttata giù*”, senão vejamos. Foi rabiscada durante sua viagem ao Brasil em 1904; nela apresentava a ideia geral. Da Santa Sé, aos 19.03.1905, através do cardeal Merry Del Val, chegou a observação de que se tratava de algo muito vago, havia necessidade de detalhar a sua operacionalização, ao que Scalabrini, aos 29.03.1905, respondeu: “Suas observações me parecem sábias, mas não poderei enviar tão rapidamente um novo estudo por sobrecarga de trabalho” (FRANCESCONI, 1972, p. 190).

Assim que lhe foi possível, aos 05.05.1905, reenviou uma segunda versão ao mesmo cardeal, com a seguinte observação:

Escrita a intervalos, entre uma audiência e outra e em meio a mil afazeres, apresenta muitos defeitos, lacunas e uma que outra repetição. Precisaria revê-la e dar-lhe outra ordenação, mas estou impossibilitado de fazê-lo agora. Vou refazê-la e complementá-la, se Deus me der vida, mais adiante (FRANCESCONI, 1972, p. 190).

Não seria difícil adivinhar como Scalabrini reagiu consigo mesmo: “Meu Deus, ou não são capazes, ou não querem!”

Entretanto, neste escrito “*buttato giù*”, no qual não cansa de repetir: “[fruto] daquilo que eu vi nas minhas viagens; daquilo que tenho visitado; daquilo que eu conheci; daquilo que vivenciei”, há lampejos extraordinários que só se tornariam coqueluche de agentes de pastoral a partir do avanço da segunda metade do século XX, de modo particular na América Latina. Vejamos:

- Intuiu, por que não dizê-lo, um dos pilares do método do educador Paulo Freire e da própria Teologia da Libertação, qual seja, a realidade como ponto de partida:
“O que deve fazer a igreja? A pergunta é simples, porém, não a resposta, a qual, para ser adequada, deve ser abrangente e exequível; ao mesmo tempo global e particular; [...] particular e diversa de acordo com as realidades de cada local, segundo as diferentes necessidades a que deve atender [...]” (FRANCESCONI, 1972, p. 194).
- Antecipou o que o antropólogo Darcy Ribeiro afirmou em relação à formação étnica e cultural do povo brasileiro, decorrente da fusão de vários povos.
“[Presenciamos] um inundar calmo de águas fecundas, [...] fusões, adaptações em que as distintas nacionalidades se encontram, se entrecruzam, se robustecem e dão origem a novos povos” (FRANCESCONI, 1972, p. 193).
- Balbuciu ingredientes da dialética:
“[O migrante é] sempre instrumento daquela Providência que preside os destinos da humanidade e os guia, mesmo através de catástrofes [...]” (FRANCESCONI, 1972, p. 193).

- Vislumbrou um protagonismo original dos migrantes:
“A migração [...] mexe e mescla, sem destruir, os componentes da vida [...] transformando-os e aperfeiçoando-os para renovar a cada instante o milagre da criação” (FRANCESCONI, 1972, p. 193).
- Conclamou para um trabalho em rede:
“O fenômeno migratório é universal e o deve ser também a resposta. Os bispos em suas dioceses, não sabendo o que os outros fazem nas deles, pode redundar num desperdício de forças” (FRANCESCONI, 1985, p. 976).
- Alertou para a necessidade de agir com senso prático:
“Para fenômenos novos, organizações novas, adequadas às necessidades. Princípios e orientações isoladas, por mais sábias que sejam não são suficientes [...], sem os meios para a sua implementação [...] de pouco valem” (FRANCESCONI, 1985, p. 976).
- Anteviu o que hoje se chama de pós-moderno; ao encampar para si a intuição da poetisa, não só deixou de lado o “talvez” como antecipou o conceito de cidadania universal:
“[A migração] estende o conceito de pátria para além das fronteiras físicas, fazendo com que a pátria do homem seja o mundo inteiro” (FRANCESCONI, 1985, p. 941).

“Precisaria revê-lo e dar-lhe outra ordenação, mas estou impossibilitado de fazê-lo agora. Vou refazê-lo e complementá-lo, se Deus me der vida, mais adiante”. Pressentiu e adivinhou: não teve tempo de refazê-lo e complementá-lo. Fazia-se necessário? Não! Após esta cereja no seu legado, podia partir; despediu-se no dia 1º de junho.

Se no título identificamos Scalabrini como mártir, aqui não podemos omitir outra palavra que lhe cabe muito bem – foi profeta! Quando deu a “guinada” (veremos isso adiante) e centrou seu coração, juntamente com sua visão estratégica para o lado dos migrantes – e viu nisso uma possibilidade concreta para aquele momento histórico específico de superação da fissura deixada pela Questão Romana – legou para a história um campo de atuação junto a uma realidade que hoje se transformou num dos temas mais candentes que a modernidade trouxe para o cardápio do seu dia a dia: a migração, e com ela um número imenso de voluntários/as, leigos/as, missionários/as espalhados mundo afora junto às trincheiras percorridas pelos migrantes.

Scalabrini no *Carteggio*

Demoramos a abeirar-nos da vereda, mas cá estamos prontos a mergulhar em meio a fagulhas e fumaça. Nossa atenção recairá sobre o aparentemente insignificante, aquilo que gosto de chamar de apostos, de parêntesis, ou seja, aquilo que pode muitas vezes ser subtraído de um texto sem que seu conteúdo sofra qualquer prejuízo.

Na leitura que fiz do *Carteggio* e durante o processo de tradução fui ouvindo nas cartas de Scalabrini certas notas musicais que foram calando mais fundo em mim na medida em que se iam repetindo. Lá pelas tantas, não tive mais dúvidas: aquele homem público de estatura baixa, inteligente, sagaz, estrategista, coerente, insistente, criativo, pastor, devoto da Eucaristia e de Maria, caridoso, obediente incondicional ao papa, renovador da catequese, pai dos migrantes, etc., etc., revela-se, acima de tudo e principalmente, um homem de uma sensibilidade enorme e de um coração que não lhe cabia no peito. “[...] solicitei audiência com o santo padre [...]. Foi longa e cordial mais do que de costume, tão cordial que me arrancou lágrimas dos olhos” (S. a B. 31.01.1891).

Tão forte foi esta sensação que me senti instigado a comprová-la. Trago aqui o resultado da enquete que fiz junto às 219 cartas de autoria de João Batista que chegaram até nós através do *Carteggio* (segundo consta nos *Scritti*). Haverá, como sempre afirmam os institutos que realizam pesquisas de intenção de voto, alguma diferença para mais ou para menos, mas aqui a precisão matemática é questão de somenos importância.

Por 11 vezes Scalabrini se refere a *fake news*.

Apareceu no *Progresso*, órgão praticamente oficial dos amigos do A.[Albertário] que eu tenha sido nomeado coadjutor do arcebispo de Milão e que, portanto, estava vacante a sede de Piacenza. Mas com que finalidade uma notícia infundada e falsa? (S. a B. 21.10.1882).

Então estamos destituídos? Eu não estou sabendo absolutamente de nada e você sabe de alguma coisa? (S. a B. 24.05.1904).

Em 34 cartas diz estar partindo, realizando ou chegando de Visita Pastoral. As Visitas Pastorais constituíam uma antiga orientação emanada do Concílio de Trento que Scalabrini a transformou em prioridade e seguiu ao pé da letra. Diferentemente de outros colegas que agrupavam paróquias próximas ou enviavam delegados, visitou a todas, e eram muitas, 364

quando da primeira visita; ao todo realizou cinco e antes de alçar novos voos, anunciou a sexta. É este pano de fundo, das Visitas Pastorais, que nos possibilita entendermos muitas das reiteradas expressões que conformam o que chamo de fumaça e faíscas.

Nelas dizia que aí encontrava o consolo da fé, mas também extremos sacrifícios. Fica até difícil hoje, quando a imensa maioria das pessoas do orbe vive em centros urbanos e conectada virtualmente, querer transmitir minimamente quais foram alguns dos sacrifícios encarados pelo pai dos migrantes em suas Visitas Pastorais. As cavalgadas montanha acima e montanha abaixo, além da infraestrutura hiperprecária, quando não inexistente (numa das vezes “dormiu” num galinheiro) para alojamento nos confins da diocese, talvez sejam as que lhe custaram os maiores sacrifícios físicos. Só quem andou a cavalo por trilhas montanhosas sabe precisar o que aqui tentamos transmitir. Morro acima é possível reclinar o corpo para frente e, se necessário, agarrar-se ao pescoço do animal, mas nos declives mais acentuados não há como firmar-se no dorso da montaria. Diga-se que 200 paróquias só eram acessíveis a cavalo. Na quarta Visita (realizada entre os anos de 1893 e 1899) – sendo que três de seus acompanhantes já havia sofrido acidentes, inclusive com fraturas – foi a vez do Monsenhor ser surpreendido por uma brusca empinada do cavalo que lhe causou a hidrocele, causa indireta da sua morte.

Não custa aqui efetuarmos um pequeno desvio de rota e acenar à pergunta dirigida ao seu secretário quando desembarcou da balsa no rio Taquari, no Rio Grande do Sul, em sua visita ao Brasil em 1904, subindo da capital Porto Alegre em direção a Encantado. Do porto até a sede da primeira paróquia estabelecida no sul do Brasil a distância era de 30 km. Logo avistou uma caravana de cavaleiros à sua espera. Após o pipocar dos rojões e das saudações, correu os olhos à volta e, diante das dores que o acompanhavam, indagou se não havia outro meio de transporte. Não havia. “Então vamos!” Colocou o pé no estribo e galgou para iniciar a marcha de sete horas, marcha marcada por uma alegria indescritível por parte dos que o acompanhavam e de dores por parte de quem a motivava. Sequer falamos das cavalgadas anteriores pelas fazendas de café do interior paulista.

Não contava ele com o calvário que o aguardava após a visita a Encantado. Eram várias as paróquias e muito mais os núcleos coloniais a serem visitados, do pé ao topo da Serra, hoje região de vinhedos e vinhos. Era mês de julho, auge do inverno, os deslocamentos transcorriam muitas das vezes sob chuva e vento gelados encharcando “até os ossos” os que seguiam em carroças improvisadas.

Deixemos que a comitiva se instale em alguma das missões, troque suas roupas e por lá repouse, não sem antes dizer que as peregrinações pelas fazendas e rincões do Brasil, antecedidas por muitas outras durante a quinta Visita Pastoral, na qual quis “recuperar o tempo perdido” em virtude da sua viagem aos EUA, foram determinantes para o derradeiro adeus. Mas retomemos as trilhas do *Carteggio*.

Scalabrini finaliza 26 cartas com as expressões “com pressa” ou “apressadamente”. No começo soavam para mim como meras formalidades de despedida; no conjunto da obra, porém, foram se revestindo de seu significado literal. Por que só começou a utilizá-las a partir da 23ª carta? Por que Bonomelli as emprega apenas esporadicamente? Não foi difícil perceber que não se tratava de mera formalidade estilística.

Em 64 cartas, principalmente na saudação inicial, quase sempre em forma de apostos, não conseguindo omitir ao amigo o que se passava com ele, utiliza expressões tais como: ocupadíssimo, falta de tempo, pressa, escrevo ditando e outras reportando-se a cansaço, dor, sofrimento. Por vezes, isoladas; em outras, agrupadas.

Expressões de alegria só as detectei em 12 correspondências, sendo que uma delas, de 1º de julho de 1883, se enquadra perfeitamente no ditado popular que diz “Alegria de pobre dura pouco!” e três outras são do tipo: “alegro-me por você”, referentes ao amigo de Cremona.

Mas quem melhor resume esta matemática é quem está por trás dos números. Escreveu ao colega:

Solicito, pois, a manter o mais absoluto segredo, porque a proposta não se consumará. [Recebera carta informando que seria arcebispo de Ravenna]. De minha parte não comento sequer ao meu fiel secretário, que há 25 anos é meu companheiro inseparável... (S. a B. 03.03.1901).

A frase poderia perfeitamente encerrar-se aqui, mas da caneta do pai dos migrantes resvalou para o papel o que se passava no coração: “... que há 25 anos é meu companheiro inseparável **das minhas poucas alegrias e dos meus muitos sofrimentos**”. Sofrimentos da alma, ou morais, como dizia ele, advindos, principalmente, da parte dos intransigentes e, sofrimentos físicos, decorrentes de problemas de saúde mas intimamente correlacionados com o excesso de atividades, noutros termos, por uma vida marcada pela doação cabal. Seguiu ao pé da letra o que escreveu na primeira Carta Pastoral de 04.11.1876, ao anunciar sua primeira Visita: “Anseio do fundo do meu coração o momento de poder abraçar a todos, [...] Irei até vocês, [...]

pronto a sacrificar [...] não só o quanto possuo, comodidade, tranquilidade e descanso, mas a própria vida” (SCALABRINI, 1980, v. 7, p. 43). Ele disse “comodidade, tranquilidade e descanso”? Só se os teve antes de 1876. Mas também disse “pronto a sacrificar a própria vida”, e a sacrificou!

Se me pedissem para definir em pouquíssimas palavras o que captei da pessoa de João Batista a partir do *Carteggio*, eu não titubearia: “*Mi duole il corpo e mi duole l’anima!*” (dói-me o corpo e dói-me a alma”.

Longe, porém, de imaginarmos um homem abatido, humilhado. Dizia ao amigo: “Mantenhamos a mente serena e o coração tranquilo” (S. a B. 24.01.1897). Era homem de uma altivez extraordinária, de oratória brilhante, de olhar perspicaz e personalidade forte. Arguto.

Mas ainda falta uma palavra para defini-lo cabalmente: FOI UM MÁRTIR.

Sempre que ouvimos esta palavra, normalmente a associamos a uma morte dolorida e repentina. Scalabrini foi mártir ao longo de todo o seu Episcopado, foi mártir do cotidiano. Vivenciou um martírio crescente, advindo do que ele sempre colocava diante de si e que reiteradamente resumia da seguinte forma: “Pouco importaria para as nossas pessoas, sobretudo a minha, completamente insignificante, mas, e as almas? E a Igreja? E os interesses de Jesus Cristo?” (S. a B. 02.03.1883).

Deixemos, porém, que o próprio Scalabrini – ele agora não se encontra mais ocupadíssimo – se acomode confortavelmente a nossa frente e com calma nos fale um pouco do que se passou em seu peito, relembando o que escreveu ao amigo.

Confesso-lhe de coração que o estado lamentável das nossas dioceses, devido aos agitadores e às escandalosas polêmicas, provoca a maior dor de minha vida e me aflige a tal ponto que abala até minha saúde (S. a B. 22.09.1881).

[...] empenhemo-nos com pureza de intenções em defender não tanto as nossas pessoas, quanto a causa de Deus e da sua igreja [...] (S. a B. início de março/1883).

Já lhe escrevi que me ocupo da diocese com atividade febril. [...] Você me fala de cruz, ah, meu Deus, é a nossa porção e a igreja nos faz carregar a de ouro sobre o peito a qual muitas vezes se transforma em áspero ferro que arrebenta a alma (17.09.1883).

Quando não escrevo, diga sem medo de errar: aquele pobre homem de Piacenza é tomado pela febre da atividade (S. a B. 27.11.1883).

Sobrevivente de Visita Pastoral, cheio de cansaço e com um resfriado superlativo, não sinto vontade de fazer nada (S. a B. 28.04.1884).

Se reler uma carta minha do inverno passado encontrará um aceno [...] das aflições que nos preparam (S. a B. 20.05.1884).

Foi por um fio que quase não fui para o outro mundo [...] (S. a B. fim de junho/1884).

[...] este excelente médico me garante de arrancar também a raiz do mal se eu tiver juízo e se souber ter algum cuidado. A causa dos meus achaques é o querer fazer demais. [...] Estou decidido a mudar de comportamento, ao menos o sistema até agora adotado e espero que as minhas não sejam promessas de marinheiro em situações de tormentas (S. a B. 08.07.1884).

Quanto à minha saúde, tenho a impressão de estar bem, mas desconfio de não ser mais aquele de antes. No dia da Assunção quase fico no púlpito. A certo ponto da homilia senti-me tão mal que tive de parar no meio. O que fazer? Precisa seguir os desígnios de Deus e suprir as deficiências das forças físicas com a santidade, da qual sou tão carente! (S. a B. 10.09.1884).

Neste ano o Senhor dignou-se visitar-me com dores físicas e com angústias morais; que Sua santa vontade seja feita em tudo e por tudo (S. a B. 13.11.1884).

A febre que me prostrou dias atrás foi embora [...]. Todavia, permaneceu em mim outra febre, aquela decorrente do presenciar como tantos e tantos vão se afastando da Igreja por causa daqueles que não deveriam fazer outra coisa que atraí-los. Você sabe o quanto esta febre incomoda (S. a B. 16.08.1887).

Não me encontro morto, nem moribundo, mas um pouco abatido, sim! O mal-estar, certamente não foi pequeno. Parece ter sido um ataque de tifo que me deixou totalmente impotente. No momento estou me recompondo, apesar de muito lentamente. Ainda sinto um pouco de fraqueza, sobretudo pela manhã quando celebro a S. Missa. O médico queria que eu me retirasse, mas não consigo decidir-me. Verei mais adiante (S. a B. 04.11.1889).

[...] é necessário sermos fortes e capazes de suportar com grande dignidade o peso da presente tribulação (S. a B. 28.04.1890).

Estive em Levico, mas não senti melhora alguma. Agora estou em Rabbi, já há três semanas, mas também aqui o resultado é muito pequeno. Tem me visitado, por várias vezes, o prof. Strambio que me assegurou que a minha doença não é outra coisa senão um esgotamento generalizado decorrente do excessivo trabalho. Será verdade? Ordenou-me absoluto repouso por alguns meses. Amarguíssimo tratamento! (S. a B. 04.08.1890).

Encontro-me tão esgotado pelas visitas e perseguido pelos compromissos que me perdoará se escrevo ditando (S. a B. 31.01.1891).

O novo ano começou para mim sob auspícios nada felizes, como se diz. Ao problema Miraglia soma-se a repentina doença, a mesma de 1890 e que me manteve inativo por meses seguidos (S. a B. 27.01.1896).

Deus está me castigando de verdade e tem mil motivos. Concede-me, porém, uma calma e tranquilidade muito particulares. O cálice que o Pai me deu, não o beberei? [...] me recomendo da maneira como nunca fiz às suas orações (S. a B. 21.02.1896).

Quanto a mim, na paz sofro amargamente minhas tristezas (S. a B. 5ª feira Sta. 1896).

Uma dose de espiritualidade e da refinada é o remédio para todos os males. Acredite! (S. a B. 24.01.1897).

Esgotados os recursos humanos é necessário recorrer com maior fé junto a Deus. Espero que uma vez ou outra Ele se digne a me atender (S. a B. 10.06.1898).

Esta paróquia em que me encontro é a 123ª que visito neste ano, é coisa de louco, mas quero recuperar o tempo perdido no ano passado (S. a B. 08.08.1902).

[...] uma febrezinha de 24 horas que me pegou de surpresa ao retornar de uma sacrificada Visita Pastoral às paróquias do alto dos Apeninos. Foram excessivas fadigas de toda ordem [...]. Não sei moderar-me, nem consigo pensar em ter que mudar de ritmo, todavia terei que fazê-lo. Os anos passam, 64, as conseqüências aparecem, as demandas apresentam-se a cada momento mais desafiadoras [...] tudo me convence e me empurra para um ritmo superior aos meus limites físicos e morais, mas de toda maneira sigo em frente em nome do Senhor até minhas forças aguentarem (S. a B. 04.10.1903).

Que o martírio de uma nova espécie que me fizeram padecer os jornais possa produzir o grande efeito que você previu, agradecemos a Deus! (S. a B. 16.02.1904).

Marinheiro em situações de tormentas

A promessa feita por ele em 1884 foi sim “promessa de marinheiro” e, como se não bastasse seu testemunho de vida para prová-lo, deixou isso registrado de próprio punho anos mais tarde:

“[...] as demandas apresentam-se a cada momento mais desafiadoras [...] tudo me convence e me empurra para um ritmo superior aos meus limites físicos e morais, mas de toda maneira sigo em frente em nome do Senhor até minhas forças aguentarem” (S. a B. 04.10.1903).

E quanto suas forças ainda aguentaram? Menos de dois anos.

Mas deixemos de lado as promessas, foquemos em algumas “situações de tormentas” enfrentadas pelo nosso marinheiro.

O caso Rocca

Se o Albertário desponta como sendo publicamente o grande alfinetador da alma de Scalabrini através do *L'Osservatore Cattolico*, Rocca era um dos correspondentes “secretos” encarregado de abastecer o jornal de Milão.

Quem era Rocca? Nada melhor que Scalabrini para defini-lo:

Enquanto isso comecei a responder ao *Osservatore*, quer saber de que modo? Destituindo da função de reitor e professor do meu seminário o canônico Rocca, correspondente mentiroso e fanático do jornal, ídolo do partido [...] (S. a B. 22.09.1881).

Não vem ao caso entrar em detalhes, pois a história é longa, informo apenas que a destituição não se deu sem dores de cabeça ao bispo, como ele próprio expressou em carta a Leão XIII em 26.09.1881:

Mas as amarguras não tardaram. [...] Eu que tenho comprometido a saúde e gasto já tudo o que era meu para o bem da religião [...]. Eu que estive, e não somente com palavras, e estou pronto a verter o meu sangue pela igreja e pelo seu augusto chefe, eu ser tomado como suspeito de traição? (FRANCESCONI, 1985, p. 504).

Em verdade, Rocca foi destituído por motivos disciplinares, o caso, porém, foi transformado numa “questão rosminiana”. Tanto assim que as amarguras o obrigaram a estender para o papel um dos seus mais extensos textos que nos deixou, isso lá adiante, em julho de 1895, quando suas atividades o iam envolvendo mais e mais. Mas ele mesmo pode nos dizer algo: “Sinto muito em ter que perder um tempo preciosíssimo para mim ao ocupar-me com um escrito semelhante a este que me foi solicitado – a respeito do sr. can. teólogo D. Savino Rocca” (SCALABRINI, 1980, v. 3, p. 370). Lembremos que para o projeto considerado a “pupila dos olhos” – a Congregação – só teve tempo de rabiscá-lo, como disse, “*tutto buttato giù*”, “*abbozzo di progetto*”; “tudo jogado às pressas”, “esboço de projeto”.

Olhando com frieza e olhar crítico o “conjunto da obra”, não parece ter sido esta, por parte da cúria romana, uma atitude de “pura sacanagem” em relação à pessoa de Scalabrini!?

O caso do opúsculo “Intransigentes e transigentes”

Acenamos que havia um clima acirrado no interior da igreja envolvendo as alas dos transigentes e intransigentes. Em meados de 1885 saiu a público uma carta do cardeal francês Pitra, porta-voz dos ultramontanos franceses e dos intransigentes espanhóis e italianos que não viam com bons olhos a forma como Leão XIII vinha se comportando. A mesma foi publicada no *Osservatore Cattolico* que não se eximiu de tecer comentários com largos elogios. A reação foi grande, inclusive do próprio papa, e Pitra teve que se retratar.

Mas o caso não se encerrou, pelo contrário. No final de agosto do mesmo ano, na Alta Itália, começou a circular rápida e secretamente um opúsculo anônimo intitulado: *A carta do ilustríssimo cardeal Pitra: os comentários e a palavra do papa*. Bonomelli apostou imediatamente 99 contra 1 que a origem do escrito – puro elogio à carta de Pitra e deboche de Leão XIII – não podia ser outra que a do *Osservatore*, e que sequer merecia ser lido.

Scalabrini, com seu olhar aguçado, deu-se conta imediatamente da gravidade do fato. Em meados de setembro escreveu ao card. Jacobini, pensando o escrito, dizendo não haver dúvidas quanto à caneta que o pariu e que se ocultava aí uma tentativa de cisma, pois *não mais super Petram, mas super Pitram* deveria erigir-se a igreja, de acordo com o documento anônimo.

Indaga se é possível manter silêncio diante de tamanho despropósito e solicita autorização para sair a público. Em síntese, o silêncio foi rompido. Feita à base de três mãos (redigida por Scalabrini, com sugestões de Jacobini e total aprovação do papa), em meados de outubro foi publicada a *Carta Pastoral do bispo de Piacenza* sobre o “caso Pitra”, seguida de quatro edições e sendo traduzida para o francês; ou seja, foi um sucesso.

No mês seguinte, em novembro, Scalabrini encontrou-se com o papa por ocasião da visita *ad limina*. Não há gravações da conversa, mas apenas retornado de Roma, assim se dirigiu ao amigo de Cremona:

Por enquanto saiba que um bispo amigo seu está publicando um opúsculo assim intitulado: *Intransigentes e transigentes, considerações de um bispo italiano*. Trata-se de um opúsculo que provocará muitas reações, mas o autor buscou proteger-se e está em plena sintonia com S. S. [Sua Santidade], (isso fique só entre nós), que leu e aprovou o escrito (S. a B. 28.11.1885).

A publicação ocorreu no começo de dezembro de 1885, também de forma anônima.

Como previsto, as reações não se fizeram esperar, foram muitas e ásperas. Em carta de dezembro de 1885 Bonomelli escreve ao amigo: “E você dorme? E as violentas pauladas das quais está cheio de marcas o seu filho – parido da sua mente, da sua coragem, do seu zelo – não são suficientes para fazê-lo reagir? O que acontece? O que se passa? [...]” (B. a S. 30.12.1885).

O próprio Bonomelli foi tomado como autor. Scalabrini então confia ao amigo:

Você [...] ainda não entendeu a origem altíssima daquele singelo opúsculo. Eu o tive em mãos apenas para olhar a forma, quanto ao resto havia muito pouco a fazer e, aquele pouco, o fiz. Mas quem me entregou para que o revisasse, e eu mesmo o levasse a Bologna, sabe quem foi? O P.[Papa], o próprio P. que se declarou inspirador ao invés de autor. Compreendeu agora o motivo do meu silêncio e da minha incompreensível apatia? [...] Lida a presente, por favor, queime-a de imediato, não diga a quem quer que seja, nem agora, nem jamais o segredo que acabo de revelar [...] (S. a B. s/l, s/d [janeiro de 1886]).

Há outras passagens nas quais Scalabrini se reporta à autoria do documento. Mario Francesconi, com base nelas todas, conclui: “O mínimo que se pode deduzir das afirmações é que o conteúdo do opúsculo foi aprovado por Leão XIII” (FRANCESCONI, 1985, p. 591).

Apenas a título de curiosidade, trago mais uma extraída da minuta de uma carta de Scalabrini a Leão XIII (s/d), a qual contém cinco itens acerca do Opúsculo entregue pelo papa a Scalabrini. No item primeiro observa:

S. Padre, se me permite, gostaria de fazer algumas observações ao opúsculo que se dignou confiar-me para que providenciasse a publicação e a divulgação. Em primeiro lugar, eu alteraria o título. Na verdade, não poderia chamar-se *Comentário* à minha Carta Pastoral [sobre o caso Pitra] a não ser em sentido muito amplo. Parece-me, portanto, mais conveniente, mais oportuno e de maior atualidade o seguinte título “Intransigentes e transigentes: Considerações de um bispo italiano”. Anônimo ou de um simples teólogo não seria tomado seriamente em consideração. Não passaria de um opúsculo qualquer (FRANCESCONI, 1985, p. 590).

No segundo item, no qual sugere retirar menção feita ao autor de um escrito que não goza de nenhum crédito, acrescenta: “Por outro lado, parece-me que o conceito do **nosso Opúsculo** ficaria muito diminuído se déssemos atenção a um escrito irrelevante [...]” (FRANCESCONI, 1985, p. 590).

A partir do meu singelo e distante olhar, descreveria o acontecido assim: A ideia, naquela visita *ad limina* de novembro de 1885, seguramente saiu da boca de Scalabrini. O papa, que confiava no faro do bispo de Piacenza – “Imagine só que em dado momento, vendo que eu tinha na mão a tabaqueira, sorrindo saiu-se com esta: *dê-me, Monsenhor, uma pitada do seu tabaco, deste modo saberei se também aqui tem bom faro!*” (S. a B. 12.03.1891) – e, ademais, no embalo aproveitado por este em relação ao caso Pitra, Leão XIII a apoiou. Trocaram informações sobre conteúdo e forma e seguiu-se a redação com seus trâmites normais de quando um trabalho é feito a duas mãos (melhor seria dizer, a duas cabeças, pois a mão que redige normalmente é uma). Com base nestas divagações, eu teria sugerido o seguinte subtítulo: Considerações de dois bispos italianos.

Scalabrini, quando o amigo do peito disse que havia gente suspeitando que o autor fosse ele, assim ponderou: “[...] o singelo escrito já produziu

um grande bem ao permitir, sendo anônimo, que certas pessoas que o papa acreditava convertidas, tirassem a máscara [...]” (S. a B. s/l, s/d) [janeiro de 1886].

Fato é que, com “s” ou sem “s” no subtítulo, com máscara ou sem máscara dos intransigentes disfarçados, às fortes reações o papa não emitiu sequer uma vírgula, manteve-se em absoluto silêncio. Coube a Scalabrini, por coerência aos seus princípios, ser “o saco de pancadas” e sofrer calado. Porém, não acumulava suas mágoas no peito por tempo demasiado, não conseguia. Sem públicos alardes, da maneira como avaliava ser a melhor, as exteriorizava, ao confidente ou a quem de direito, como o fez a Leão XIII (s/l e s/d) em 1886:

Não me queixo, Santidade, daquela gente já capaz de tudo, mas devo queixar-me, respeitosamente sim, mas com toda energia do meu ser, de ter sido abandonado por quem me autorizava os atos causadores de tanta guerra. Ele [Deus], justo juiz, saberá reparar a honra ultrajada e deixada ultrajar de um bispo como o abaixo assinado, que em seus atos nada mais fez além de obedecer a quem tinha o dever de ordenar (FRANCESCONI, 1985, p. 616).

O caso das eleições de 1886

Reproduzimos, acima, um trecho de carta escrita a Bonomelli, de outubro de 1882, na qual Scalabrini relata que não se intimidou quanto à reafirmação de os católicos não deverem tomar parte nos pleitos eleitorais relativos ao parlamento. Nela também relata ter procurado a *Sagrada Penitenzieria* e perguntado se, em casos particulares, não seria possível flexibilizar o *non expedit*, tendo recebido verbalmente aceno positivo.

Esta orientação, porém, não teve nenhum efeito prático à época, pois as eleições daquele ano aconteceram assim que Scalabrini retornou de Roma. Bonomelli ponderou ao amigo que a resposta dada verbalmente significava claro indício da oscilação que havia no Alto.

A postura favorável quanto às eleições, acordada verbalmente com você, é uma prova da indecisão dos que ocupam o topo da hierarquia: querem, mas ao mesmo tempo não querem e ficam nessa, sem se lançar nem à direita, nem à esquerda, nem para frente, nem para trás. Estão sempre esperando! (B. a S. 13.09[10].1882).

Pois vieram as eleições de 1886. Scalabrini escreveu a Roma e, por ordem do papa, recebeu resposta através do Mons. Boccali, em data de 01.05.1886, informando que estava mantida a mesma orientação que lhe fora dada em 1882. E em conformidade com a orientação recebida, assim procedeu, conforme ele mesmo explica ao cardeal Secretário do Santo Offício, R. Monaco La Valletta:

Exporei os fatos como de fato ocorreram. Neste Colégio Eleitoral apresentavam-se como candidatos a deputado pelo partido radical pessoas notoriamente hostis ao papa e à igreja, tais como Priario e Cavallotti, que nesses anos infernizaram a cidade e os principais vilarejos com discursos ateus e blasfemos, para não dizer outras coisas. Acreditando eles que já haviam atraído para si essa boa gente, apresentaram-se desta vez com um programa dos mais irreligiosos e subversivos.

As pessoas de bom senso ficaram alarmadas, e em muitas delas surgiu naturalmente a dúvida se, neste caso todo particular, não se devesse tomar parte nas eleições, com a finalidade de impedir que, saindo-se vencedores os candidatos acima mencionados, se transformassem em donos do pedaço e continuassem, como no passado, a disseminar dúvidas no tocante à fé e a corromper as almas. Do outro lado, alguns dos candidatos do partido monárquico ofereciam, também através de declarações a eles solicitadas, garantias bastante seguras da sua boa disposição em favorecer a causa católica.

Diante do quadro exposto, algumas pessoas, antes que eu partisse para a Visita Pastoral, vieram privadamente interrogar-me se, convencidos como estavam da necessidade de apresentar-se às urnas, pudessem assim proceder com a consciência tranquila.

Eu, ponderando as circunstâncias nossas locais, [...] limitei-me a responder a cada um e de maneira privada que, participar às urnas não era em si um ato ilícito, mas subsistia o *non expedit*, e que eu, portanto, não os aconselhava, nem desaconselhava a fazê-lo, que agissem de acordo com a própria consciência visando o bem maior.

Tal foi a resposta, repito, que dei para os casos especiais que se me apresentaram; resposta que sei ter sido dada positivamente por outros bispos em circunstâncias talvez menos excepcionais àquelas de Piacenza; resposta

plenamente em conformidade àquela que obtive através de carta do Mons. Boccali do dia 1º de maio p.p. por ordem do S. Padre [...] (Scalabrini a R. Monaco La Valletta, 11.06.1886, apud FRANCESCONI, 1985, p. 663).

Antes de ocorrerem as eleições, no dia 1º de maio, o bispo partiu para uma Visita Pastoral às paróquias mais longínquas da sede, donde retornou no dia 8 de junho. Antes de partir, porém, deixou as mesmas orientações ao seu vigário geral, caso alguém o procurasse.

Transcorreram as eleições no dia 23 de maio. O resultado? Havia quatro candidatos da União Monárquica e três deles, apoiados pelos católicos, venceram e dos candidatos radicais, apenas um venceu. Adivinhem a quem os adversários atribuíram o resultado?! Ao dedo do bispo. O barulho que se seguiu foi grande e atirando para todos os lados, inclusive com *fake news* grosseiras.

O bispo, com certeza previu que tudo iria parar em Roma. E foi. Mas ele não previu como as coisas chegariam lá e, feliz ou infelizmente, jamais o saberá. Muito menos previu o troco que de lá viria.

Foi o próprio vigário geral, monsenhor Francesco Tammi, intransigente, quem o denunciou ao Santo Ofício, em carta de 18.05.1886, diretamente ao cardeal Parocchi, cujo prestígio junto a Leão XIII era elevado. Além deste, os dois mais férreos adversários que Scalabrini possuía entre o seu clero também escreveram para lá. Um deles, já conhecido nosso, o Rocca.

Após rápido trâmite, com apoio do papa, João Batista foi intimado pelo Santo Ofício no dia 6 de junho para justificar-se. Justificou-se! Foi no dia 11 de junho, recém-retornado da Visita Pastoral, respondendo uma a uma todas as acusações e, na sequência emendou: “Encerro por aqui porque me sinto enojado em ter que continuar uma defesa que me humilha, sendo evidente para mim que as acusações foram arquitetadas [...]” (FRANCESCONI, 1985, p. 664).

Aproveitou também para solicitar autorização para publicar a sua defesa. No que deu? Não só não foi autorizado pelo papa a publicar a sua defesa, como o Santo Ofício lhe disse que o caso não estava de todo encerrado, pois extrapolou Piacenza e até em Milão havia circulado um panfleto que o acusava.

Diante do silêncio de Scalabrini, quem se aproveitou foi o *Osservatore Cattolico*, com a seguinte manchete: Piacenza “a cidadela da transigência”, ou seja, “praça cedida ao inimigo” (FRANCESCONI, 1985, p. 669).

Mas havia mais chumbo no ar. E vejam a ironia: quem repercutiu a grande bomba foi *Il Piccolo*, jornal de Piacenza, com a seguinte manchete do dia 20 de junho de 1886:

Uma telha [desgraça] sobre a cabeça de Monsenhor Scalabrini

O presidente do Comitê diocesano de Piacenza, o conde Carlo Radini Tedeschi, foi condecorado pelo papa Comendador da Ordem *Piano*, em reconhecimento pela conduta mantida por ocasião das últimas eleições políticas. O conde, como todos sabem, ateve-se rigorosamente ao *non expedit*, defendendo a abstenção. Acabamos de ler esta notícia no *Unione* de Bolonha; notícia que ganha um alto significado de solene reprovação à conduta do Monsenhor Scalabrini, que se portou como um agente eleitoral ativíssimo, embora indiretamente, nas últimas eleições políticas (FRANCESCONI, 1985, p. 661).

Tedeschi, entre o laicato, era um dos mais ferrenhos adversários que o bispo tinha na praça. Mas deixemos agora que também nosso personagem diga algumas palavras. Em carta (ditada) de 24 de junho de 1886 a Leão XIII assim se expressa:

[...] Desde o dia em que publiquei a Carta Pastoral contra o famoso opúsculo publicado em Milão no ano passado [sobre o caso Pitra] e, principalmente, a partir do dia em que veio a público, em Bolonha, o opúsculo bem conhecido de parte Sua, do qual eu fui tido como autor [o escrito intransigentes e transigentes...], o partido dos intransigentes – todos contra mim, pode-se dizer – apontou suas flechas envenenadas. [...]

As últimas eleições ofereceram aos intransigentes ocasião propícia, mais que qualquer outra, para armar contra mim uma das suas tantas maquinações. Frise-se que se saíram muitíssimo bem. Conseguiram fazer acreditar (também lá onde não deveriam ter encontrado a não ser indiferença e desprezo) que eu tenha... [e Scalabrini segue descrevendo as acusações contra ele]. [...] não me surpreende nem um pouco. Surpreende-me, todavia, dolorosamente e, grandemente me surpreende o presenciar como, sem que eu nada soubesse, tenham induzido Sua Santidade a conceder uma honraria ao conde Carlo Tedeschi, e

concedê-la num momento em que ele e sua família eram motivo de escândalo perante toda a cidade por sua conduta desleal para com seu próprio bispo, inventando e depois creditando a ele os maiores absurdos [...].

Como é de se esperar, a honraria está sendo interpretada por todos como um ato de desaprovação pública e solene que Você, Santo Padre, não imagino por qual motivo, quis infligir ao bispo de Piacenza. Confesso, Santo Padre, que jamais imaginaria tamanho golpe vindo das suas mãos. [...] em penitência aos meus muitos pecados, aceito a imerecida humilhação (FRANCESCONI, 1985, p. 665/6).

Poderia tecer um comentário pessoal mais adiante, mas faço-o de pronto. Não me preocupei em registrar passagens nas quais nosso fundador revela toda a sua reverência, fidelidade, respeito, amor à pessoa do papa (refiro-me aos três com os quais conviveu), afirmando, mais de uma vez, estar disposto a dar a sua vida para defendê-lo; nem mencionei o cuidado que sempre teve para nunca deixar resvalar dos seus lábios ou da pena, qualquer palavra, por mais leve que fosse, que pudesse mostrar contrariedade ao representante de Cristo na terra. Sempre que dele discordou, o fez através de cartas ou pessoalmente.

Não o fiz porque o foco aqui é outro, o de sublinhar que nosso fundador foi um mártir do cotidiano.

Todo homem público está sujeito a sofrer oposição. Se este homem público for um líder, muito mais, até ataques infundados por parte de adversários lhe desabam sobre a cabeça. Cabe ao homem público saber minimamente conviver com isso e, quando for o caso, defender-se. No nosso caso aqui, estamos diante de um homem público e líder. Gostaria, porém, que deixássemos ligeiramente de lado este aspecto e voltássemos nosso olhar para o homem de uma coerência e fidelidade a toda prova e de uma sensibilidade ímpar; para o homem que antes de mais nada possuía um coração de pastor. Só este olhar é que possibilita a nós percebermos o quão enorme foi o seu sofrimento.

Foram muitas as vezes em que Scalabrini solicitou, pessoalmente ou por cartas, que a Cúria e o próprio papa tomassem posições firmes e **públicas** contra os radicais intransigentes quando apelavam para mentiras e calúnias. Com ele, a moeda usada foi outra e, via de regra, tergiversavam, como demonstra o que disse ao Cardeal Jacobini em carta de 08.04.1883.

Recebi a sua do dia 2 do corrente mês de abril. Agradeço imensamente. Permita, porém, Emo., que com a minha costumeira franqueza Lhe diga ter ficado desiludido na minha expectativa. [...] Com os documentos em mãos provei com toda evidência, que em todas as publicações o sacerdote Albertário publicou mentiras e calúnias a meu respeito. [...] Agora V. Exma. me responde em termos totalmente vagos [...] (SCALABRINI, 1980, v.3, p. 318).

Se Scalabrini em determinados momentos foi duro com Leão XIII, como ele mesmo atesta em cartas a Bonomelli, não há porque eu não dizer aqui que Leão XIII, nos momentos de tormentas, foi injusto com Scalabrini. Se assim não fosse, em resposta s/d a uma carta de Galimberti (quando este praticamente fazia as funções de Secretário de Estado) dirigida a Scalabrini a pedido de Leão XIII, datada de 24.12.1886, solicitando que o assunto eleições se encerrasse de vez, Scalabrini não teria dito: “Confesso, com toda simplicidade, que ainda não consigo convencer-me de ter merecido os dissabores que desabaram sobre mim em virtude deste acontecimento” (FRANCESCONI, 1985, p. 674).

Scalabrini declara que “ainda” não tinha se convencido dos dissabores sofridos. Convencer-se de ter merecido uma injustiça, jamais! Mas que logo à frente compreendeu o incompreensível não tenho a menor dúvida.

As turbulências acima descritas (itens 7.2 e 7.3), aliadas à assunção do intransigente cardeal Rampolla ao cargo de Secretário de Estado em 1887, fazem deste ano um marco que pode ser definido com a palavra GUINADA. E para provar que a guinada não foi de poucos graus, acrescento que neste mesmo ano o Santo Ofício condenou 40 proposições de Rosmini. “Partilho plenamente dos seus temores no que tange às consequências de uma condenação de Rosmini; eu, não rosminiano, no momento a temo com grande ansiedade” (S. a B. 28.03.1882).

A palavra guinada, porém, deve agora ir para o plural, pois foram duas. A primeira, da parte de Leão XIII, sendo totalmente açambarcado pela ala mais intransigente. Para ilustrá-la trago aqui o que disse Bonomelli, anos após o adeus final do amigo, numa carta enviada à condessa Revel Parravicino em 24.02.1914: “Para mim é sempre um mistério saber se Rampolla guiava Leão ou se Leão puxava a reboque Rampolla. À história a solução do enigma” (TRINCIA, 2004, p. 262).

A segunda guinada, da parte de Scalabrini, que de ora em diante voltará mais e mais suas atenções para as Missões, termo com o qual se reporta a Bonomelli toda vez que se refere aos seus projetos relativos aos migrantes, os quais, já adianto, também não serão imunes a dores e dissabores.

Mas, para além da dúvida “bonomelliana”, Scalabrini de pronto soube radiografar a realidade e efetuar o diagnóstico: “Os tempos vão amadurecendo, entretanto, não me parecem ainda maduros [...]” (S. a B. 12.12.1887); e mais adiante acrescenta “As tradições possuem mais força do que a vontade das pessoas” (S. a B. 15.07.1903). Que sabedoria!

A conversa [com o Papa], ainda que bastante extensa, girou quase toda em torno do assunto pelo qual estou aqui: a *Emigração* (S. a B. 13.11.1887).

[...] eu mesmo me propus a não pensar em outras coisas além da minha diocese, das Missões e dos amigos [...] (S. a B. 24.01.1897).

Quanto a mim, [...] no tocante aos grandes acontecimentos, embora não seja indiferente, já não me interessam tanto (S. a B. 11.08.1903).

O caso Miraglia

Estamos sublinhando que Scalabrini foi um homem que encarou muitos sofrimentos. O caso Miraglia talvez constitua o ápice do seu calvário durante os anos de seu episcopado. Não podemos deixar passar despercebida uma brevíssima frase acima transcrita: “[...] me recomendo da maneira **como nunca o fiz** às suas orações” (S. a B. 21.02.1896).

Mais uma vez, ressalto que haveria aqui a necessidade de um *expert* em história da época para situar devidamente “o texto em seu contexto”. Feita esta ressalva, sinto-me na obrigação de descrever minimamente o *background* envolvendo mais esta tormenta.

Poderíamos começar dizendo que Piacenza era, em certo sentido, um campo minado sob o aspecto político e o era, não por sua importância estratégica geopolítica, mas porque nela residia uma liderança de visão estratégica. Deixemos que o superior provincial dos carmelitas da Lombardia, pe. Romualdo nos diga, através de carta enviada a Leão XIII em 12.10.1884, como ele observava o bispo de Piacenza:

Se Monsenhor Scalabrini fosse menos sábio, menos experimentado, menos ativo, se tivesse menos tato prático para com os assuntos de governo, se tivesse menos influência sobre a opinião pública, seria deixado em paz [...], mas ele é um daqueles homens que atrai a atenção dos inteligentes [...] (FRANCESCONI, 1985, p. 907).

Se de um lado havia em Piacenza este Monsenhor, do outro, sem reprisar os intransigentes, despontavam os anticlericais, com sua imprensa. De resto, sabemos como esta age quando se trata de atrair leitores e combater adversários.

Omitindo detalhes, este é o caldo posto à mesa quando o Miraglia entra em cena.

Paolo Miraglia Gullotti, natural da Sicília, ordenou-se aos 22 anos de idade e, contra a vontade do seu bispo, continuou a estudar. Dedicou-se aos estudos da Bíblia e ganhou destaque por sua capacidade comunicativa fazendo com que comesse a pregar aqui e acolá. Dizia ser seu grande inspirador Gerolamo Savonarola, denunciador da corrupção do clero.

Em 1894 o bispo de Nicósia, em virtude de violentos ataques desferidos contra o clero, o suspendeu da pregação.

Ao encontrar-se com a superiora das irmãs agostinianas, Miraglia disse a ela que há dez anos vinha se sentindo perseguido por ciúmes do clero, mas que havia chegado o momento de dar um ponto final nisso. Da próxima vez que alguém o contrariasse, romperia com Roma. Certa mania de perseguição apossou-se dele.

Deu-se que no ano seguinte foi convidado para as pregações do mês de maio na basílica de São Savino, diocese de Piacenza. O convite não poderia ter sido efetuado sem a aprovação da cúria episcopal, pois se tratava de alguém de fora da diocese. Fato é que, com sua imponente oratória e atribuindo-se ser um reformador, atraiu atenções. Porém, seu tom polêmico e suas bravatas também atraíram cartas anônimas nas quais foi chamado de “Mitraglia” [metralhadora] e, evidentemente, causou preocupações junto à cúria de Piacenza.

A essas alturas o bispo encontrava-se ausente, havia partido no dia 15 de maio para a França, donde retornou no dia 28 e de cara deparou-se com um calvário totalmente inesperado. Por que inesperado?

Poucas cidades, poucas dioceses, como a nossa, podem se orgulhar de não ter cedido um palmo sequer de terreno ao monstro da heresia. (Carta Pastoral de Scalabrini por ocasião do reconhecimento público das relíquias dos santos Antonino e Vittore, 1880) (FRANCESCONI, 1985, p. 866).

A história, melhor seria dizer a dor, se estende por um longo período que não vem ao caso detalhar aqui. Digamos apenas que foram muitas as tentativas visando acalmar os ânimos, desde pedidos para que deixasse a diocese, a processos e recursos das várias partes.

Apenas as autoridades locais – pois os fatos foram ganhando contorno religioso-político – parecem ter-se acomodado na poltrona querendo ver o circo pegar fogo e a imprensa contrária à igreja não deixava de jogar lenha na fogueira. Fogueira bem descrita por Bonomelli ao traçar o perfil do revoltoso em carta ao amigo.

Esteve [aqui] em junho e não sabia mais como livrar-me dele, eram ataques e mais ataques contra tudo e todos; em vão tentava acalmá-lo; as minhas palavras pareciam um sopro ao fogo e praticamente temia um acontecimento no escritório. Não havia argumentos, só ele existia no mundo, todos os demais são idiotas [...]. É um louco! [...] mantenha-se firme e ele acabará indo para algum outro lugar ou cometerá alguma barbaridade que o conduzirá à prisão. Fique de olho, trata-se de pessoa *violenta* e capaz de aprontar alguma, um pouco de vigilância sobre ele e sobre você não fará mal a ninguém. Mantenha-o distante (B. a S. 09.08.1895).

À medida que o tempo passava, Miraglia ensandecia-se mais e mais e sua postura cismática culminou em maio de 1900 com a consagração episcopal que lhe foi conferida por um estadunidense que vivia na França e disse ser Arcebispo. Foi excomungado pelo Santo Ofício em julho deste mesmo ano quando se encontrava em Roma. Andou fugindo e aprontando por diversos países e seus últimos dias se passaram na América do Norte.

Houve quem suspeitasse que as cartas anônimas ao “Mitraglia” tenham partido de adversários do bispo, numa trama para instigar ainda mais o revoltoso. Sendo isso verdade ou não, fato é que Scalabrini não merecia mais esta, sobretudo considerando que adversários distantes poderiam estar esfregando suas próprias mãos.

Mas antes de encerrarmos esta viagem pelas tormentas de nosso marinheiro, precisamos provar umas pitadas deste prato de temperos amargos que foi a caso Miraglia, não sem depois colocarmos nele alguns raminhos de salsa.

Até outubro de 1895 Scalabrini parecia não ter percebido o amargo; é o que transparece quando disse ao amigo Bonomelli: “O caso Miraglia não me provoca mais que uma grande repulsa” (S. a B. 25.10.1895). Dias depois, seu paladar acusou o gosto verdadeiro do prato: “Aquele desgraçado de padre está tecendo uma verdadeira coroa de espinhos com uma audácia de sectário escolado” (S. a B. 09.11.1895).

Mario Francesconi (1985, p. 903) afirma que, considerando a sensibilidade humana e religiosa do bispo, esta foi a humilhação e o sofrimento mais agudos que se abateram sobre o prelado. Para tal, traz depoimentos de testemunhas. Destacamos duas delas:

Posso declarar com conhecimento de causa que o Servo de Deus sofria imensamente, e mais de uma vez o vi em situação de provocar dó, sobremaneira quando o Miraglia se fez consagrar bispo (F. Torta).

Mais de uma vez deparei-me com ele chorando [...] (L. Mondini).

Diz também Francesconi que o médico de Scalabrini e da Casa Mãe da Congregação, dr. Luigi Marchesini, em várias oportunidades afirmou que o escândalo do Miraglia foi o desencadeador da doença que lhe afetou o coração. “A sua saúde permaneceu muito instável” (1985, p. 905).

Alguns raminhos de salsa:

[...] devo dizer a você que, pelo menos até agora, o Senhor tem me concedido tanta força que quase não tenho sentido as fortes e contínuas agulhadas. Percebo que Deus me está guiando através de uma Providência repleta de mistérios e me sinto, pelo menos tenho a sensação de sentir-me, disposto a repetir em cada acontecimento: Assim, Pai, como foi do teu agrado diante de Ti (S. a B. 09.11.1895).

Deus está me castigando de verdade e tem mil motivos. Concede-me, porém, uma calma e tranquilidade muito peculiares. O cálice que o Pai me deu, não o beberei? (S. a B. 21.02.1896).

Quanto a mim, na paz sofro amargamente minhas tristezas (S. a B. 5ª Feira Santa, 1896).

Neste ano, o Senhor quis visitar-me com todas as formas de tribulações, mas a resignação e a calma parece-me de nunca tê-las deixado de lado. [...] e senti assim mesmo alegria (Scalabrini a L. Cornaggia Medici, 12.05.1896, apud FRANCESCONI, 1985, p. 905).

Considerar sempre as cruzes, as tribulações, as humilhações, os desprezos como meios preciosos para a santificação. Não queixar-me, não entristecer-me, não desanimar-me: oferecer cada coisa em união aos sofrimentos de Jesus Cristo (Anotação extraída dos exercícios espirituais de 1896, apud FRANCESCONI, 1985, p. 905).

O ano que está por se encerrar foi para mim repleto de cruces, mas o mais fecundo, graças a Deus, de obras santas (Scalabrini a Zaboglio, 11.12.1896, apud FRANCESCONI, 1985, p. 905).

Vale repetir o que disse a Bonomelli: “Uma dose de espiritualidade e da refinada é o remédio para todos os males. Acredite!” (S. a B. 24.01.1897).

Encerro este caso das tormentas com a frase acima porque, no episódio Miraglia, em nenhum momento Scalabrini mostrou-se duro com o Vaticano. Imagino que se o cisma tivesse ocorrido no começo dos anos 1880, ele teria insistido energeticamente junto a Roma para que acesse em seu favor a fim de estribá-lo com alguma medida que pusesse fim ao caso o quanto antes; estendeu-se por cinco anos.

Um analista frio poderia alegar que não o fez dessa forma porque se sentia escaldado pelos acontecimentos do Opúsculo Intransigentes e Transigentes e das Eleições de 1886. A justificativa não seria de todo desprezível a um olhar sociológico. Prefiro acreditar que Scalabrini, após a guinada, quando os horizontes ganharam amplitude maior, havia alcançado o zênite da dose refinada de espiritualidade que aconselhava ao amigo.

Scalabrini e as Missões

É possível a nós imaginarmos o quanto de felicidade e realização lhe tenha proporcionado o projeto das Missões. Foquemos, por exemplo, na figura de Scalabrini ao término de uma conferência sobre a Emigração com gente do lado de fora querendo ouvi-lo! Quanta satisfação! Mas se os momentos de felicidade ficam por conta da nossa mente, alguns de dores e dissabores ele os registrou.

Começamos pela homilia de junho de 1884 quando, ao presidir a celebração de envio de novos missionários do PIME, assim se expressou:

Circunstâncias imprevistas surgiram [...] fato é que a cruz de madeira do missionário foi substituída por esta de ouro que carrego ao peito, a qual me faz frequentemente romper em queixas com meu Deus, porque quis dar-me antes esta que aquela (FRANCESCONI, 1985, p. 57).

Mas chegou a vez do feliz dia do envio dos seus primeiros missionários ao Brasil. Felicidade que durou pouco, como prova o que escreveu a Simeoni no dia 08.09.1888. Na carta relata que os enviados a Curitiba foram recebidos

com festa; já os que estavam indo para o Espírito Santo, ainda não haviam chegado, mas que a passagem deles pelo Rio de Janeiro não foi nada auspiciosa. “[O bispo do Rio] os acolheu dizendo que a missão deles seria muito, mas muito difícil, que em nada resultaria, que se fosse por ele teria mandado embora todos os italianos” (FRANCESCONI, 1985, p. 1025). Por isso suplica a Simeoni que dê um jeito para que o papa envie a carta aos bispos da América que há meses se encontrava sobre a mesa do cardeal Jacobini. Perdoem-me, isso soa em mim como sabotagem!

No mês seguinte, em carta postada aos 17.10.1888, escreve ao pe. Francisco Zaboglio [nos EUA]: “Dos coirmãos enviados ao Brasil tenho notícias não todas boas. [...] Os outros três, destinados ao estado do Espírito Santo, não encontram grande apoio da parte do bispo e são hostilizados, pelas costas, pelos párcos” (SCALABRINI, 1980, v. 1, p. 135).

Somam-se os problemas financeiros. A nascente Congregação surgiu com base na Providência, não sem sérias dificuldades financeiras. Para fazer frente às mesmas, Scalabrini contava com dez mil libras anuais que o próprio papa lhe destinara. Porém, aos 04.04.1889 o vemos indagando ao cardeal Simeoni o que aconteceu em relação a esta ajuda “pois as despesas são grandes e diárias e devo agir com seriedade para não me atolar em dívidas” (SCALABRINI, 1980, v. 1, p. 241). Aos 15.01.1890 volta ao assunto e em 23.06.1891 diz ao mesmo cardeal: “Encontro-me diante de grandes necessidades” (SCALABRINI, 1980, v. 1, p. 332).

Simeoni morreu e em seu lugar assumiu o Rampolla. Aos 06.09.1892 escreve a este e esclarece tratar-se de “um desabafo confidencial do coração” (SCALABRINI, 1980, v. 1, p. 404). Narra o que vinha ocorrendo em relação à ajuda prometida e diz que sequer uma justificativa lhe havia sido dada e arremata: **“Digo tudo isso sem lamentar-me [...]. Sei que as obras de Deus nascem e crescem aos pés da Cruz e é isso que me conforta”** (SCALABRINI, 1980, v. 1, p. 405). E teve mesmo que se confortar junto à Cruz, pois as dez mil libras não só não mais chegaram às mãos de Scalabrini, como foram parar naquelas de um tal de Coccolo, que gozava de boa reputação entre os conservadores.

Coccolo, ao final de 1905, numa iniciativa paralela a de nosso fundador, instituiu a Sociedade dos Missionários da Emigração para acompanhar os migrantes na travessia e, em 1908 estendeu a finalidade para os locais de destino; também pretendeu abrir uma missão no Porto de Gênova, onde há 15 anos atuava o pe. scalabriniano Maldotti. Tudo isso com ampla divulgação e apoio do Vaticano que ordenou coleta em todas as paróquias italianas

para as obras de Coccolo, o que foi sistematicamente negado a Scalabrini e à São Rafael, mesmo quando o pedido foi encaminhado por escrito e com a assinatura de 34 dos mais renomados arcebispos e bispos italianos. O que soava como sabotagem, agora se revela como clara oposição.

Ao menos desse dissabor (e me perdoem se não consigo deixar de adjetivá-lo) na minha opinião, satírico, Scalabrini viu-se livre, pois tudo aconteceu quando ele já repousava nos braços do Pai. Do alto, porém, presenciou e presença – e foram várias as iniciativas devotadas à mesma causa em sua época – que a única que sobreviveu às intempéries dos tempos foi a dele, agora nossa. E porque nossa, cabe-nos, em meio às grandes e intermináveis cruces dos migrantes, palmilharmos as sendas por ele apontadas, sempre com uma boa dose de espiritualidade, de preferência, da refinada.

Na sequência, adentramos não apenas em momentos de dores, mas em algo bem mais sutil – de humilhação. Scalabrini escreveu uma carta ao cardeal Rampolla na qual, entre outros assuntos, solicitava ao papa que enviasse uma bênção especial a todos os seus missionários. Não é de acreditar na resposta que lhe foi dada:

Aproveito a ocasião para dizer-lhe que cheguei ao conhecimento da Santa Sé que alguns missionários seus estão propagando ideias liberais na América e, mais especificamente, do desastrado opúsculo do Mons. Bonomelli que, como você bem sabe, foi reprovado pela Santa Sé e pelo próprio autor. Por isso, o Santo Padre, muito preocupado com isso, encarregou-me de chamar seriamente a sua atenção quanto a este grave inconveniente e pedir-lhe que tome medidas enérgicas para encerrar o assunto (RAMPOLLA, 1893. [Rampolla a Scalabrini, 04.04.1893]).

O consolo da bênção esvaiu-se. Releiam a última frase do parágrafo acima e prestem atenção no que Rampolla ainda dirá. A impressão que me fica é que ele, ao despachar, quando se dava conta de que se tratava de Scalabrini, em relação a determinados assuntos, encerrava suas cartas com um “Ctrl-C” e um “Ctrl-V”.

Mas Scalabrini não deixou por menos:

A gravíssima acusação que me deu a conhecer, através da Sua do dia 4 p.p. de abril, “por parte de alguns missionários” causou-me muita dor, em que pese ter eu razões para acreditar que seja sem fundamento algum [...]. Mas se você

tiver informações seguras, por favor, abra o jogo, dizendo ao menos em que parte da América, em que cidade [...]. Você sabe melhor do que eu que acusações vagas contra alguém, com a expressão *alguns*, não servem para nada e a ninguém. Espero uma resposta para que eu possa saber o que devo fazer (Scalabrini a Rampolla, 25.05.1893, apud CONGREGAZIONE SCALABRINIANA, s/d, s/p).

Ao que Rampolla retrucou: “O papa me encarregou de dizer-lhe que confia que você seguirá vigiando os Missionários na América para que não ofereçam o mínimo pretexto às acusações por mim referidas em carta anterior” (RAMPOLLA, 1893. [Rampolla a Scalabrini, 12.06.1893]).

Comentários a essas alturas apresentam-se desnecessários, mas Rampolla, o intransigente, teve outra oportunidade para tratar Scalabrini como moleque. Ressalto, utilizo esta expressão não porque ao texto não dou um caráter acadêmico, mas porque tento trazer à tona o que se passava no íntimo de nossa personagem, conforme escreveu ao colega de Cremona: “[...] você pode imaginar que tipos de julgamentos a nosso respeito! Vão espalhar por aí, como sempre, que nós seremos castigados (como as crianças das creches) [...]” (S. a B. 01.02.1883).

Primeiramente os antecedentes de mais um dissabor. O arcebispo de Nova Iorque, que estabeleceu uma relação de amizade com Scalabrini e manifestou todo apoio ao seu projeto em favor dos imigrantes, em virtude de um contratempo, tomou uma decisão precipitada que magoou muito o fundador. Entre os primeiros missionários enviados aos EUA em 1888, pe. Morelli fixou-se em Nova Iorque, tendo sido o primeiro provincial. Excelente missionário na lida com o povo, mas carente de visão na parte administrativa. Iniciou a construção de uma igreja contraindo dívidas acima das possibilidades de quitá-las. Mons. Corrigan enervou-se, o destituiu da direção da Igreja e vendeu o terreno com a construção em andamento.

Scalabrini sentiu seu peito doer, pois Corrigan até o momento só havia dispensado elogios aos missionários e foi duro, dizendo, entre outras coisas: “Para mim é uma questão que envolve pessoas e dignidade, não é questão de grana” (Scalabrini a Corrigan, 05.02.1894, apud SCALABRINI, 1983, v. 2, p. 32). O arcebispo retrucou:

Se você decidisse retirar os missionários para enviá-los a outros lugares onde as dificuldades econômicas são menores, quem sabe não seja esta a melhor solução! [...] Quanto à São Rafael, não vejo outra saída a não ser

entregá-la a um americano, ao menos para administrá-la economicamente (CORRIGAN, 1894. [Corrigan a Scalabrini, 22.02.1894]).

Baixada a poeira do desencontro, ou a nuvem que toldou o céu, como ambos referiram, os dois voltaram a se abraçar como dantes.

Com o Rampolla a poeira não baixou, pelo contrário, este continuou com o ventilador ligado e aproveitou a deixa para humilhar novamente o pai dos migrantes:

[...] como é fácil entender, em muitas pessoas o descrédito que a igreja católica pode sofrer naquelas regiões e os prejuízos ao Instituto por você fundado, sabendo-se que o sucedido deve-se a pouca ou nenhuma capacidade do Superior daquela cidade. Apesar de não duvidarmos que você já está inteirado do assunto, mesmo assim não posso deixar de chamar a sua atenção dizendo que o Santo Padre manifestou o desejo de que você tome as medidas necessárias para impedir que fatos iguais venham a ocorrer (Rampolla a Scalabrini, 23.11.1893, apud FRANCESCONI, 1973, p. 158/9).

Na sequência, nosso fundador respondeu:

Infelizmente foi fechada, não a igreja italiana, mas um começo de igreja. [...] Eu me despojei de tudo. [...] As acusações de liberalismo me machucaram profundamente. Mas não quero queixar-me. Sei que as obras de Deus brotam aos pés da Cruz e crescem sob a prova de fogo das tribulações. Quando o Santo Padre me encarregou de pensar sobre esta necessidade, aceitei as cruces que se abateriam sobre mim e senti tanta dor que fui acometido por febre durante dois dias. Mas chega: ponho tudo nas mãos de Deus e naquelas amáveis do Santo Padre. Eu me dedicarei ao máximo, farei o melhor que posso para que tudo sirva para a glória de Deus e para o bem das pessoas que esperam a misericórdia divina (SCALABRINI, 1893. [Scalabrini a Rampolla, 30.11.1893]).

Peço permissão para abrir mais um parêntesis. Se me fosse solicitado confeccionar o documento de identidade do nosso fundador, na parte da frente, junto à foto, eu estamparia o escrito da Estação de Milão. Por quê? Porque a Estação de Milão permite-nos fazer o sequenciamento do DNA da pessoa de Scalabrini.

Olhos > vê; coração > sente; cabeça > analisa; mãos > age.

- Há vários anos assisti em Milão a uma cena [...]. Passando pela estação vi o salão, vi pessoas, vi suas faces sulcadas, vi a agitação dos sentimentos, vi emigrantes.
- Deixou-me na alma um sentimento de profunda tristeza. Parti comovido. Uma onda de sentimentos tristes me invadia o coração.
- Ante tal estado de coisas perguntei-me e me pergunto novamente.
- Que solução se deve buscar? Que fazer para socorrê-los? [Fundei duas sociedades, uma de sacerdotes e outra de leigos].

Em seu verso, imprimiria a resposta acima dada ao Rampolla. Na minha avaliação, as breves linhas aí contidas também traduzem inegáveis traços do seu DNA: Personalidade forte, sincero, sensível, muita dor na alma, respeito à figura do papa como ícone da unidade, confiança total em Deus e uma doação total: “me despojei de tudo”. Observaria apenas a ausência de um filamento: o do perdão. Sempre dizia que condenava o pecado, não o pecador. Foi assim com o Albertário, mas não vem ao caso narrar aqui.

Aos 15 de março de 1892 Scalabrini enviou carta aos missionários nos Estados Unidos manifestando o seu desejo de visitá-los no ano seguinte. Não foi possível. No final de 1897, diante das dificuldades que lá se apresentavam, em especial junto ao Porto de Nova Iorque onde a São Rafael estava presente (devotava a esta Missão um carinho todo particular), decidiu efetuar de pronto uma visita *in loco*. Pediu imediata autorização a Roma para se ausentar da diocese por alguns meses. Adivinhem?! Só conseguiu embarcar no dia 18.07.1901. Não tenho mais dúvidas: somos herdeiros de um projeto, aprovado e apoiado por Leão XIII e Pio X, mas sistematicamente sabotado nos bastidores.

Foram sinuosas as veredas palmilhadas por nosso personagem; algumas curvas poderiam ter sido mais suaves, como ele próprio, num sutil desabafo, explicita ao confidente: “Se aquele abençoado Agliardi tivesse aceitado o cargo de secretário [...] talvez as coisas se tivessem endereçado por um caminho melhor. Ao invés disso... Chega! Que Deus olhe por nós” (S. a B. 11.08.1903).

Poderia alongar-me mais narrando outras dores que calavam fundo na alma do mártir do cotidiano, como as advindas de relatos que chegavam do outro lado do Atlântico através de seus missionários. Ponderando que quantidade não é sinônimo de qualidade, opto por cerrar as cortinas, não sem antes estender a todos um convite.

Convite inusitado

Aviso que não lido com hipnose, mesmo assim me atrevo a lançar um convite inusitado: voltarmos no tempo e no espaço para um lugar geográfico distante e revivermos um momento histórico peculiar. O lugar? A catedral de Piacenza e seu entorno. O momento? Os festejos de um Jubileu Episcopal. A data? Dias 15, 16 e 17 de junho de 1901. O personagem em foco? João Batista Scalabrini.

E o clima? Havia dois: o meteorológico e aquele que dominava os ares em torno do evento, ambos intrinsecamente mesclados.

Quem atesta o segundo (observem, com três meses e meio de antecedência) é o próprio bispo quando, no dia 3 de março de 1901, indagado por Bonomelli se era verdade que seria arcebispo de Ravenna, assim respondeu:

Trocar de diocese aos 62 anos, com tantos compromissos sob a minha direta responsabilidade, num momento em que o meu ótimo clero e o meu querido povo estão se preparando com toda dedicação para os festejos do meu Jubileu, não, não, não é possível (S. a B. 03.03.1901).

Quanto ao primeiro, para fugir do rigor do inverno, os festejos não ocorreram em janeiro, mês da sagração episcopal, mas em junho, pleno verão na Europa.

Foram três dias de ambiente e falas engalanadas, mais que merecidos; no terceiro, a solene celebração religiosa presidida pelo homenageado.

Fantasiemos: Em torno do altar, uma dezena de bispos, padres, muitos padres, sem falar dos coroinhas. Nas fileiras da frente, autoridades civis.

De um lado da igreja, em seu interior, mulheres, dentre elas, mães, muitas mães amamentando bebês ao colo e com um dos braços segurando outros pequenos em permanente estado de inquietação, alguns chorando. Outras mulheres, voltando a essas os seus olhares e, outras ainda, com a cabeça nos afazeres do dia, em especial os que as aguardavam assim que a cerimônia no templo se encerrasse.

Do outro lado, homens, muitos homens, junto a eles os filhos de maior idade. O corpo presente, semblante de atenção, mas muitos cérebros esvoaçando, quando não premidos pelo desejo de dar umas tragadas no pito. Outros homens, preocupados com o cerimonial, com a permanente atenção aos detalhes para que tudo ocorresse conforme ensaiado.

Em semelhantes casos, acreditem, a atenção volta-se mais para o que vem a seguir do que pelo que está acontecendo. Será que dessa vez foi diferente?

Encerrou-se a missa, ninguém arredou pé. O homenageado tomou a palavra para agradecer por tudo e a todos. Adiantou, se não estragou a festa, foi por um fio! Também pudera, não conteve seu coração no peito e, imagino eu, sem dar-se conta, expressou com todas as letras o sentimento mais profundo que aninhava em sua alma.

Por outro lado, também sou capaz de imaginar que o estrago da fala não tenha sido maior ou não tenha tido grande repercussão entre os ouvintes porque não é difícil compreender o que se passa numa igreja apinhada, com cerimônia alongada, em dia de calor eminentemente festivo. Ademais, um dia para ser marcado pela emoção, não pela razão. Era dia de festa, festa rara, o Jubileu do bispo.

Porém, custo a acreditar que ninguém tenha se dado conta do que o festejado verbalizou. A esses, na hora do almoço, a comida lhes desceu a contragosto.

Imaginemos uma grande família. Os filhos, juntamente com cunhados(as), genros, noras, netos decidem dar uma grande festa aos pais por ocasião das bodas de ouro. Numa cerimônia antes do almoço pedem aos homenageados que profiram algumas palavras. É a vez da mãe: "Agradeço por esta festa maravilhosa, mas não posso mentir para ninguém, se este dia é motivo de alegria para vocês todos, para mim não passa de tristes lembranças das vezes em que fui traída...". Estragou o almoço!

Agora, com a palavra o nosso festejado. Porém, para não ultrapassar os poucos segundos que as mentes eletrônicas de hoje conseguem manter-se concentradas, solicitamos a ele que se pronuncie com a maior brevidade possível.

Teria sido verdadeiramente meu desejo (e Deus o sabe) que o feliz acontecimento passasse despercebido. Mas como ditar lei ao amor? [...] os anos de episcopado que à vossa fé e bondade são hoje motivo de festa, para mim não passam de agonia e de tormento.

Hoje, mais do que nunca, eu sinto a enorme responsabilidade que recai sobre meus ombros. [...] E se o futuro me aterroriza, o passado me humilha profundamente e me preocupa (SCALABRINI, 1980, v.13, p. 300/1).

Não cabe acrescentar mais palavras, por isso recorro ao que Dostoiévski (2002, p. 245) em sua obra *Crime e Castigo*, disse acerca das pessoas que aliam inteligência ao coração: “*O sofrimento e a dor são inerentes a uma ampla consciência e a um coração profundo*” e prossegue, através da fala do personagem central do livro, Raskólnikov: “*Em minha opinião, os homens verdadeiramente grandes devem padecer neste mundo uma grande dor.*”

À guisa de despedida...

Não foi fácil policiar-me durante a construção deste texto. A tentação de resvalar por outras veredas foi grande, mas penso que por elas muitos outros já trilharam. O que é certo, é que ainda há cerejas para serem acrescidas ao bolo, ainda há azeitonas para complementar a salada. Porém, um só confeitiro ou um só *maitre* dificilmente darão conta de servir o banquete completo. O essencial é não dissociarmos um ingrediente do outro, nem exagerar num tempero em detrimento de outro.

Felizes nós por termos no Bem Aventurado João Batista Scalabrini uma das fontes que ajudam a irrigar tantas sedes do corpo e da alma. Lembremos sempre que ser fiel a Scalabrini não é imitá-lo, é seguir adiante nas pegadas por ele traçadas.

Só me resta torcer, do fundo do coração, para que nós scalabrinianos/as, apesar da nossa pequenez, consigamos fazer com que, lá no alto, com o peito estufado, esfregando as mãos de felicidade e um sorriso na face, alguém possa pronunciar duas palavras que a história insistentemente subtraiu da sua boca – *sono lieto*, estou feliz!

Referências

- COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, decretos, declarações. *Gaudium et Spes*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 143.
- CONGREGAZIONE SCALABRINIANA. *Scalabrini, Leone XIII e Mariano Rampolla (1887-1894)*. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/it/document/read/16026627/scalabrini-leone-xiii-e-mariano-rampolla-congregazione->>. Acesso em: 02.05.2020.
- CORRIGAN, Michael Augustine. Carta. Destinatário: G. Scalabrini. s/l, 22.02.1894. In. ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO (AGS). Roma, s/d, s/p.
- CUTTI, Dirceu (org.). *Correspondência Scalabrini-Bonomelli: Controvérsias com os intransigentes*. São Paulo: CEM/Missão Paz, 2019.
- FRANCESCONI, Mario (a cura di). “Un progetto di Mons. Scalabrini per l’assistenza religiosa agli emigrati di tutte le nazionalità”. *Studi Emigrazione*, Roma, anno IX, n. 25-26, marzo-giugno, 1972, pp. 185-203.
- FRANCESCONI, Mario (a cura di). *Storia della Congregazione Scalabriniana*. Vol. II. Organizzazione interna e Prime Missioni negli Stati Uniti (1888-1895). CSER, 1973. Disponível em: <<http://simn-global.org/wp-content/uploads/2019/04/Wholebook.pdf>>. Acesso em: 20.05.2020.
- FRANCESCONI, Mario. *G. B. Scalabrini*. Roma: Città Nuova Editrice, 1985.
- RAMPOLLA, Mariano. Carta. Destinatário: G. Scalabrini. s/l, 04.04.1893. In. ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO SCALABRINIANA (AGS). Roma, BA 02-15-12.
- RAMPOLLA, Mariano. Carta. Destinatário: G. Scalabrini. s/l, 12.06.1893. In. ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO SCALABRINIANA (AGS). Roma, BA 02-16-03.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. Carta. Destinatário: M. Rampolla. s/l, 30.11.1893. In. ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO (AGS). Roma, AGS/BA7 02-17-09c.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. *Scritti*. V. 1, L’Emigrazione e I Missionari di San Carlo I, 1887-1892. Roma: Congregazione Scalabriniana, 1980.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. *Scritti*. V. 3, Carteggio Scalabrini-Bonomelli e Controversie con gl’intransigenti. Roma: Congregazione Scalabriniana, 1980.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. *Scritti*. V. 4, Lettere I. Roma: Congregazione Scalabriniana, 1980.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. *Scritti*. V. 7, Pastorali I, 1876-1883. Roma: Congregazione Scalabriniana, 1980.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. *Scritti*. V.13, Discorsi IV. Roma: Congregazione Scalabriniana, 1980.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. *Scritti*. V. 2, L’Emigrazione e I Missionari di San Carlo II, 1893-1905. Basilea: CSERPE, 1983.
- TONIOLO, Giuseppe. Carta. Destinatário: Rinaldi M. s/l, 01.11.1911. In. ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO SCALABRINIANA (AGS). Roma, AGS / DE 48-09-01.
- TRINCIA, Luciano. “Galimberti e il nucleo tedesco: un potere parallelo?” *Mélanges de l’école française de Rome*. 116-1, 2004, p. 255-279. Disponível em: <www.persee.fr/doc/mefr>. Acesso em: 02.05.2020.

SCALABRINI
hombre de dolores y aflicciones
– mártir del cotidiano –

Dirceu Cutti

Traducción: P. Alcides Salinas Sosa, cs

SUMARIO

Presentación.....	65
Prefacio.....	67
Limpiando el ambiente.....	69
Cómo acercarse a Scalabrini.....	70
Cómo se presenta Scalabrini a los principiantes	71
Viajando en el tiempo	72
Contexto amplio	72
Contexto italiano	73
Contexto <i>ad intra ecclesia</i>	75
¿Qué hombre era este?.....	79
Un hombre atrapado por el pasado	79
Un hombre enredado por el presente	79
Un hombre conjugado para el mañana.....	79
Scalabrini en el <i>Carteggio</i>	83
Marinero en situaciones de tormenta.....	89
El caso Rocca	89
El caso del opúsculo “Intransigentes e Transigentes”	90
El caso de las elecciones de 1886.....	93
El caso Miraglia.....	99
Scalabrini y las Misiones.....	103
Invitación inusitada	109
A modo de despedida	111

*“Si el Señor lo sabe, sabe;
si no lo sabe, no me entenderá”.*

(João G. Rosa. *Grande Sertão: Veredas*. RJ: Nova Fronteira, 21ª ed., 2015, p. 135).

*“Nadie puede escuchar cosas, inclusive en los libros, más
de lo que ya sabe. Para aquel que no tiene acceso por su
vivencia, no se ha escuchado”.*

(Fiedrich Nietzsche. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, [1888] 1999, p. 424).

Presentación

Quiero iniciar esta presentación con las dos últimas palabras del autor del texto: “¡Soy lieto!”, ¡Estoy feliz! Verdaderamente es una alegría poder expresar algo sobre Dirceu y sobre su escrito, por tres razones:

En primer lugar, porque es hermano, amigo y compañero de viaje desde los años 1980, revelando su pasión por la causa de los migrantes con el espíritu de Scalabrini, trabajando en el Centro de Estudios Migratorios (CEM), en la Casa del Migrante y en las Casas de Formación.

El segundo motivo de mi alegría, es por la experiencia de más de diez años de acompañamiento del Movimiento Laico Scalabriniano. Durante este tiempo, Dirceu – con su manera sabia, simple, crítica y profunda – jugó un papel importante en el camino de los laicos en sus diferentes niveles: en la organización, en las coordinaciones y en los servicios de asesoramiento.

El tercero motivo, se refiere al momento en que gané un hermoso regalo de sus propias manos, la traducción del *Carteggio* (correspondencia entre Scalabrini y Bonomelli), una obra que después de tantos años de trabajo gratuito, en el silencio de las noches y en los amaneceres, salió a la luz en la versión portuguesa.

En las publicaciones del libro, que tuve la alegría de estar presente – tanto en los espacios populares como en los académicos – escuché presentaciones apasionadas que me motivaron a leer inmediatamente el *Carteggio*. Pero, confieso que mucho de lo que él decía, no lo había leído en ninguna parte. Fue a partir de esto que tuve la idea de invitarlo a poner en papel el contenido de las charlas.

Por suerte para nosotros, aceptó con alegría y poco después recibí su escrito de primera mano. Imaginé que no sería más de cuatro o cinco páginas. Me equivoqué. Inmediatamente me di cuenta de que lo hablado y lo que escuché eran sólo aperitivos y también comprendí la originalidad del texto ya expreso en el propio título. Dirceu, a través de las cartas que nos dejó nuestro fundador y de algunos hechos históricos que le llamaron la atención, nos ofrece un nuevo rostro de Scalabrini, aquél rostro de un hombre marcado por dolores y aflicciones, por esto es definido como “mártir del cotidiano”.

Confieso también, que incluso antes de terminar la lectura, me di cuenta de que el texto merecía ser publicado. Más tarde me pregunté: ¿Por qué no hacerlo en varios idiomas? Y fue así que nació esta edición, en tres versiones (portugués, español e italiano) que ahora ponemos a disposición de todos,

para que disfruten de su lectura. El autor dijo que se trata de una “simple declaración”, pero es mucho más que eso, es el fruto de una percepción de quien ha profundizado su comprensión sobre la persona que es nuestro fundador. Les informo que este segundo escrito de Dirceu puede y debe ser considerado como el prefacio de la traducción del *Carteggio*.

Por último, les invito a embarcarse en el viaje rico en paisajes e imágenes que la lectura proporciona, porque detrás de dolores y aflicciones, brilla la esperanza en forma de poesía.

P. Mario Geremia, cs

Prefacio

La beatificación de J. B. Scalabrini, el día 9 de noviembre de 1997, por el Papa Juan Pablo II, trajo un nuevo oxígeno a toda la Congregación Scalabriniana. Este soplo del espíritu se debe a varios factores, entre los cuales es necesario registrar el gran entusiasmo del Movimiento Laico Scalabriniano (MLS). En esa época, escuche de varios hermanos la afirmación de que “los laicos nos han ayudado a re descubrir al Fundador”.

De mi parte, me he propuesto ser sincero y, sin pretender ser humilde, o de una falsa humildad, debo admitir que una persona en particular me hizo comprender este nuevo aliento, que nos trajo de vuelta a la fuente, nutriendo la espiritualidad de los misioneros scalabrinianos y, nutriendo potencialmente la fuerza de un carisma que se revela cada vez más actual y dinámico. Me refiero al amigo y hermano Dirceu Cutti. Puedo decir que él me proporcionó elementos para ver al Fundador con nueva luz y mayor brillo.

Al frente del MLS, he invitado a ayudar en la capacitación de seminaristas, Dirceu traía un bagaje bien concreto y de larga data en el servicio pastoral a los migrantes y, al mismo tiempo, un estudio sistemático de las migraciones en la conducción de la Revista *Travessia*, publicada por el Centro de Estudios de Migración (CEM). Además, durante mucho tiempo había leído fervientemente la obra del P. Mario Francesconi, y otros escritos de Scalabrini. Entre estos últimos, aparece de forma especial el *Carteggio* (correspondencia) entre Scalabrini-Bonomelli (1868-1905). En la misma, Dirceu se sumergió, bebió, se enamoró y, escribió el contenido en portugués.

No se enamoró por unos de esos “santos” angelicales, con alas, túnicas blancas y aureolas. Aquellos que nacen con una especie de varilla mágica y que, desde su nacimiento, generalmente multiplican milagros y palabras misteriosas. Lo que sorprendió al autor de este artículo fueron los pies y las manos de un hombre ligado firmemente al suelo complejo y contradictorio de la tierra, donde mana lágrimas, sudor y sangre. Un hombre que, de corazón, mente y alma, sabía cómo sumergirse en los dolores, luchas y esperanzas de la historia, leer sus luchas y conflictos, interpretando las luces y sombras que se cruzaban y se alternaban.

Un “santo” que no bajó de arriba, como un mensajero inmediatamente reconocido desde el cielo, sin mancha del pecado original. ¡Nada de eso! Al contrario, el laborioso viaje hacia la santidad se forjó en los húmedos y oscuros subterráneos de la historia, desde una era sacudida por la

Revolución Industrial y sus efectos, o en los arduos e inciertos caminos recorridos por los emigrantes que abandonaron el viejo continente. Allí creó raíces profundas para que, como ejemplo de la flor, de la espiga y el edificio, elevarse al aire libre.

Más que leer las huellas de los migrantes en la correspondencia entre Scalabrini y Bonomelli, Dirceu se encontró con el corazón vivo y palpitante del Fundador. Un corazón que latía y sufría al ritmo de un período marcado por contrastes y turbulencias. Y eso, en las cartas al pastor amigo, expone experiencias, sentimientos, emociones y muchas, pero, muchas preocupaciones con la conducción de la Iglesia y la historia. Dirceu de hecho, tropezó con la figura de Scalabrini: un hombre de Dios, del tiempo, de la Iglesia y de la multitud de personas sin patria. Las cartas representan una especie de espejo vivo y transparente para leer los “signos de los tiempos” de ese momento de transición. Pero es necesario intuir lo que dicen sus silencios, suspiros y las entre líneas.

Aquí es donde entra en escena Dirceu. Al leer y traducir estas letras con los ojos de su corazón, pudo ver, además del significado literal, algo que no explicaron, pero que se expresó en la mirada atenta, lúcida y compasiva de Scalabrini frente a la época y sus acontecimientos. Para concluir, tomando prestada la misma apariencia que el Fundador, Dirceu reconstruye el panorama histórico de los finales del siglo XIX y principios del XX, con sus intrigas e intereses entreverado, tanto en la Iglesia como en la sociedad. Con anteojos más potente, el lector podrá releer mejor las cartas en el contexto social en el que fueron escritas y saborear el degustar de su atención pastoral y evangélica.

*P. Alfredo José Gonçalves, cs
Rio de Janeiro, mayo de 2020*

Limpiando el ambiente

En la vida, a veces suceden cosas inesperadas, como, por ejemplo, el intercambio de miradas entre dos personas desconocidas y mediante procesos terminan en matrimonio.

En la presentación que hice de la traducción del *Carteggio* (correspondencia) entre Scalabrini y Bonomelli al portugués, describí cómo en mi acercamiento con Scalabrini fue algo inesperado, similar al intercambio de miradas.

El 20 de enero de 2020, recibí un recado inesperado de un miembro de la Dirección General de los scalabrinianos, solicitándome garabatear algo sobre la persona de nuestro fundador. Debo explicar con todas las letras que no soy un experto en el tema, sin embargo, me encuentro menos privado que la vez anterior y, además, acepté la invitación porque, con motivo de los diversos lanzamientos que hice de la traducción, algunas personas dijeron que estaban escuchando algo diferente y me instigó a extender el contenido del discurso al papel. Confieso que no sé lo que se dice por ahí (en mi vida solo escuché dos conferencias) y lo que está escrito, lo poco que leo, es lo que está disponible para todos. De todos modos, intentaré “inmovilizar lo que palpita”. Explico: en las intervenciones que hice por aquí y allá, siempre tuve en mis manos no más que un pedazo de papel que contenía notas dispersas para ayudarme en mis narraciones.

Para mí que la escrita al cambiar el tono de voz, al ocultar la breve pausa del silencio cuando es más elocuente que las palabras, al hacer que sea imposible cruzar miradas, entre tantos otros ricos detalles que el discurso hace posible, corre el riesgo de limitar la transmisión de un mensaje y, si no tanto, puede enyesarlo. Además, el texto escrito, con la excepción de la poesía, los cuentos, las crónicas y, por extensión, la literatura, al vuelo libre del encanto del alma impone la primacía de la racionalidad lógica. Dicho esto, como es difícil decir “no” a los amigos, dejo que mis dedos brinquen y acaricien el teclado.

De inmediato, aclaro: que no fueron los logros de Scalabrini lo que más me impactó, sino su persona; no fue lo que se dijo sobre Scalabrini, fue lo que Scalabrini nos dejó dicho.

A continuación, lejos de ser un subsidio para el estudio, está más cerca de una simple declaración. Sin abusar de Scalabrini, pero parafraseándolo, diría: “*tutto buttato giù*” (todo echado a perder, para abajo).

Me resta, en esta apertura del escenario, dar crédito a las informaciones que traigo. Las citas a que me refiero, a la correspondencia entre Scalabrini y Bonomelli que se pueden encontrar en la traducción que hice al portugués y

a los demás, se las debo a la “biblioteca itinerante” del querido y recordado padre Mario Francesconi y la lectura de parte de los *Scritti* de Scalabrini compilados por la Congregación en 1980, incluido *Carteggio*, la base de mi traducción. Lamento que solo haya tenido acceso a la brillante publicación ampliada de esta, que tuvo lugar en 1983 bajo la coordinación de Carlo Marcora, cuando mi trabajo ya había finalizado. También recurrí al P. Giovanni Terragni director del Archivo General Scalabriniano (AGS) y algunas colecciones digitales.

Cómo acercarse a Scalabrini

Por su importancia para la historia de la iglesia italiana en la segunda mitad del siglo XIX; por sus iniciativas en el campo social y, sobre todo, por su legado con uno de los sectores clave de la modernidad, los migrantes, Scalabrini merece ser contemplado desde diferentes ángulos de conocimiento. Su gran desempeño y actitud hacia los desafíos de la época ofrecen un amplio campo de investigación a sociólogos e historiadores de la Iglesia.

Sin embargo, nuestra primera tarea, como scalabrinianos/as, es saber cómo buscar toda la riqueza que nuestro fundador nos dejó. Pero a nosotros, precisamente a nosotros, porque es necesario que tengamos una fuente de espiritualidad, de ahí la necesidad de una mayor relación de proximidad con la persona de Scalabrini, más allá del hombre público que marcó la época.

¿Dónde se revela con mayor nitidez; dónde se desnuda? Sin ser simplista y evasivo, diría: ¡En todo! Pero vean nuestra suerte, y doy un ejemplo: hoy, cuando una empresa quiere contratar a un profesional de punta, lo primero que busca del candidato son sus redes sociales. El currículum es importante, por eso siempre se solicita, pero no dice acerca de los valores que guían al candidato, sus reacciones a los problemas, su enfoque de intereses, etc. Es decir, si el currículum dice lo que el candidato **sabe**, las redes sociales dicen **quién es**.

Scalabrini, además de un amplio currículum, nos brinda a todos acceso gratuito a su *WhatsApp*, es decir, su correspondencia, especialmente la confidencial, en la que a veces recomienda que el destinatario la quemara después de leerla, o que no se la revele a nadie su contenido, “ni siquiera al difunto”, como dice en uno de ellos (Scalabrini a Bonomelli, [enero de 1886], apud CUTTI, 2019, p. 179)¹.

Es en este camino que me aventuro a tomar algunos moderados pasos. Antes, sin embargo...

¹ Para evitar una repetición exhaustiva de esta fuente (CUTTI, 2019), todas las citas de la correspondencia entre Scalabrini y Bonomelli aparecerán sólo con las iniciales de sus respectivos nombres acompañado de fecha, como sigue (S. a B. día, mes, año).

Cómo se presenta Scalabrini a los principiantes

Su biografía abre cualquier discurso. Las Visitas Pastorales y la Renovación de la Catequesis, dos de las tres prioridades que asumió cuando estaba al frente de la diócesis de Piacenza, siempre reciben especial atención. En cuanto a la tercera, la Formación del Clero, se menciona poco. Su amplio desempeño en el campo social no deja de merecer su debida importancia y, a partir de eso, entra en el núcleo considerado de su legado, lo que me gusta definir como “la prioridad no planificada”, los migrantes, y todo lo que de lo que sigue: la carta de la Estación de Milán, las conferencias y escritos sobre emigración, los proyectos de ley, la fundación de las Congregaciones y San Rafael, los viajes por América, el Memorial que señala la necesidad de que la Iglesia acompañe a todos migrantes; en resumen, lo que Scalabrini dice está en la base de todo: “lo que vi, escuché y experimenté”.

De lo descrito anteriormente, “hay muchatela para las mangas”. Las diversas publicaciones que ya se han hecho públicas lo demuestran. Pero su *WhatsApp*, su correspondencia nos permite profundizarlo; es cuando nos enfrentamos no solo con un hombre profundamente inmerso en las contradicciones de su tiempo, sino también, desde lo aparentemente insignificante, con la posibilidad de tocar el alma del hijo de Luigi Scalabrini y Colomba Trombetta.

Fue él quien, con el pie derecho tendido hacia el acelerador, pero frenando con frecuencia en las curvas sinuosas de la historia, nos dijo: “Debemos ser [...] hombres de nuestro tiempo [...]. El mundo se está moviendo y no podemos quedarnos atrás [...]” (FRANCESCONI, 1985, p. 792/3). Esta frase fue pronunciada por quien entendió profundamente que los cambios de su tiempo eran cambios de paradigmas y, esto, exigían mentes abiertas y mangas bien remangadas. Sin embargo, el suelo que pisaba, en muchos sentidos, era suelo minado. Como hombre de vanguardia, en lo que creía que era esencial, no se descuidaba. Entró de cuerpo y alma, por ejemplo, en la lucha por resolver la Cuestión Romana, pero, fue derrotado. Enfrento duras batallas contra aquellos que no solo pisaban los frenos, los intransigentes, sino persiguieron a los que caminaban, cosechando nada más que dolor y aflicciones. Y de su trabajo diario de pastoreo, acumulaba, cansancio, sobre cansancio.

Fue este hombre de dolores y aflicciones, a menudo marcado por el agotamiento físico, lo que encontré en la correspondencia, particularmente en el *Carteggio*. ¿Pero qué es el *Carteggio*? En una comparación, podemos definirlo como un retrato de las llamas de fuego que marcaron un cierto

período en la historia de la iglesia. Llamas en las que Scalabrini, con tacto prudente, con visión estratégica y, sobre todo, con pulso firme, se sumergió valientemente en cuerpo y alma. La zambullida le causó, en varias ocasiones, quemaduras de tercer grado.

Para comprender las llamaradas (cartas) es necesario saber cuál es la leña que las alimenta, en otras palabras, necesitamos colocar mínimamente el texto en su contexto.

Viajando en el tiempo

La tarea de describir el contexto del texto no es tan simple y requeriría algunas páginas, siempre corriendo el riesgo de hacer lineal lo que parece sinuoso y, sobre todo, plagado de contradicciones: procesos sociales. Esta tarea, por supuesto, no recaería en un laico sobre el tema, sino en alguien especializado. Sin embargo, como estos garabatos no tienen ninguna presión académica, me aventuro a dibujar lo que llamaré “caricatura de la época”.

Esto es necesario porque la mayor fuerza de todo lo que Scalabrini dice y hace derrama en el suelo que pisa. Sin negar la ontología, debemos tener claro que somos seres históricos, personas ubicadas en el tiempo y el espacio.

Contexto amplio

Hay estudiosos que debaten si estamos o no en la posmodernidad. Scalabrini, a diferencia de nosotros, que presenciamos la crisis de la modernidad (tal vez después de Covid-19, se inauguró una nueva era, ¡con un paso más, quizás hacia la primacía de la vida!), respiró sus aires llenos de promesas. Promesas que presuponen suplantarse un antiguo orden que se había sacudido desde el siglo XIV con el Renacimiento.

La ciencia estaba escalando cada vez más el lugar anteriormente ocupado por Dios. En el campo de la reproducción de la vida, surgieron las clases sociales. La movilidad se ha convertido en uno de los principales pilares de la nueva organización social, de la cual la migración es el aspecto más visible. Varios historiadores designan este período como “siglo del movimiento”. Algunos estiman que entre 1820 y 1920, entre 60 y 70 millones de personas abandonaron el viejo continente europeo en busca de nuevas tierras en América y Australia.

El estado moderno se consolidó, cambiando las decisiones de los palacios para los parlamentos.

La modernidad, con sus muchos “ismos” (ilustración, antropocentrismo, positivismo, liberalismo, socialismo, etc.) surgió atea y anticlerical. La visión del cristianismo (*extra ecclesiam nulla salus*, fuera de la iglesia no hay salvación) ha sufrido severamente arañones. La iglesia que iba de la mano con el orden establecido se enfrenta a un divorcio en su relación con la sociedad, y en el caso específico de Italia, un divorcio litigioso.

Contexto italiano

Además de este calderón a nivel macro, se suma el contexto específico italiano, muy complejo, con su largo y problemático proceso de independencia y unificación política. Se extendió desde 1848 hasta 1870 cuando Roma finalmente fue ocupada y el Papa Pío IX despojado del poder temporal que aún tenía sobre la “ciudad eterna”. Es un período en el que la relación entre el Estado italiano y la iglesia no fue tan amigable.

El gobierno atacó y la iglesia contraatacó. Pío IX (1846-1878) usó y abusó de las excomuniones.

En 1860 se consolidó el Reino de Italia (con la excepción de Roma), dirigido por el rey Vittorio Emanuele II y, al año siguiente, se celebraron las festividades por la unidad. Roma simplemente prohibió al clero participar en las celebraciones; me imagino que muchos no obedecieron.

Una represalia de mayor impacto por parte de la curia romana se refiere a la no participación de los católicos en las elecciones. Esta fue una discusión que se extendió dentro de la iglesia, con sus pros y sus contras, prevaleciendo la posición de quienes defendían la abstención. En un momento, incluso se hizo una excepción permitiendo a los candidatos católicos postularse para el parlamento. Al igual que todas las leyes, esta guía también se interpretó a la luz de muchas opiniones/intereses y para sellar las diferencias, Pío IX, en enero de 1868, se hizo pública ratificando la abstención, la llamada *no expedita* (no es conveniente), es decir, instruyendo a los católicos a no participar en las elecciones parlamentarias.

En *Carteggio*, Bonomelli parece más enfurecido contra el *no expedito*, pero es Scalabrini quien actúa estratégicamente tratando de superarlo. En una carta de 1882 a León XIII, se expresa de la siguiente manera:

Siento la obligación de informarles que en mi diócesis, todos, sin excepción, son los dueños (son muchos de ellos), los dueños de tiendas, talleres, etc. ya han registrado a todos sus subordinados como votantes, y eso me hace creer que la falta de expedición del S. Sé,

que se observó poco en el pasado, será aún menos a partir de ahora, en detrimento de las conciencias y la autoridad de la iglesia [...] Entiendo muy bien, Santo Padre, todas las dificultades, sin embargo, le ruego que no [...] pierdas la oportunidad que ahora se te presenta de hacer lo que tarde o temprano debes hacer. [...] Hablo con la sinceridad de un hijo [...]. Estos son también los sentimientos de muchos obispos que conozco, pero que desafortunadamente no se atreven a hablar por miedo a disgustarlo (FRANCESCONI, 1985, p. 632/3).

Scalabrini insistía con los temas que consideraba importantes, a pesar de los vientos en contra.

Llegué a Roma el martes pasado y el miércoles fui recibido en audiencia privada por el Santo Padre; [...] le dije todo y con toda sinceridad, pero, ¡qué hacer, no nos entienden! En cuanto a las elecciones, tengo la impresión de que todo será como antes (S. a B. 29.09.1882).

Pero el obispo no tiró la toalla fácilmente. Retomó el tema, como describe a su amigo:

Con respecto al tema de las elecciones, aunque me dijeron que después de muchas dudas se decidió mantener la no expedición, esto no me intimidó y le pregunté a la *Sagrada Penitenciaría* si, en un caso particular, que no es una excepción, en determinado colegio electoral, si varios candidatos se reúnen cara a cara, y entre ellos alguien declarado católico y decidido a defender la causa de la iglesia tanto como sea posible, y otros más o menos hostiles, podría aprobarse o al menos tolerarse que ¿Los votantes más conectados con la religión podrían intervenir con total tranquilidad en las elecciones, para promover al candidato católico? La solicitud no fue mal aceptada y, anoche, me llamaron y me respondieron verbalmente que, en tal caso, con las debidas reservas, podemos permitir que [...] esto suceda (S. a B. 09.10.1882).

Llegaron las elecciones de 1886; Scalabrini insistió el asunto con el Papa, quien le dijo que se mantuvo la orientación de 1882. En lo que resultó, volveremos más tarde, pero anticipo que fueron serias las aflicciones por él enfrentado.

El gobierno, que en los años 1866/67 suprimió 700 casas/propiedades religiosas, en 1869 cubrió a la iglesia nuevamente al introducir el servicio militar obligatorio a todos los clérigos durante tres años.

Estas son solo algunas informaciones que ilustran cuán hostil era el clima entre las partes, con su enfoque principal condensado en torno a la llamada Cuestión Romana. Esto consistió en la no conformidad total por parte de la Santa Sede por haber sido privado del poder temporal (político), especialmente sobre Roma y, por parte del gobierno, completamente negativo ante cualquier posibilidad de negociación.

Sobre este aspecto, poco o nada que esperar. El Santo Padre está más que nunca decidido a querer su Roma. “Roma – son sus palabras textuales – aunque sigue siendo italiano, debe ser la capital no solo de un reino, sino del mundo católico” (S. a B. 13.11.1887).

El papa solo se convirtió en jefe de estado a partir de 1929 cuando el gobierno de Benito Mussolini, en el Tratado de Letrán, le dio el territorio del Vaticano.

Contexto *ad intra ecclesia*

El advenimiento de la modernidad que golpeó duramente a la iglesia, también causó fisuras en su interior. Lo que señalamos anteriormente en relación a las elecciones apunta a esto. Pero advierto: la razón humana nunca abarca toda la realidad, ya que esta última siempre es más compleja y, sobre todo, contradictoria que cualquier narrativa pretenda que sea correcta e imparcial. La modernidad en sí misma no avanzó linealmente en el tiempo y en el espacio. Las personas a veces tienen posturas avanzadas en ciertos aspectos y más conservadoras en otros. No podemos dejar de decir que surgieron dos tendencias dentro de la iglesia: la de aquellos que aceptaron dialogar con la modernidad (los transigentes) y los que se aferraron al pasado (los intransigentes), evidentemente con sus graduaciones (la flexible, la moderada y la tendencia más destacada, la de los radicales, especialmente la del lado de los intransigentes).

Antes de continuar, es importante señalar que Italia no formó un bloque homogéneo, el lugar de gran efervescencia en el campo social, de ideas, cultura, política y religión se concentró en el norte de Italia, (Italia Septentrional) el terreno caminado por Scalabrini.

Aquellos que vieron la necesidad de caminar con la historia, en el campo político/cultural, fueron etiquetados como liberales y, en el campo del pensamiento teológico/filosófico, como rosminianos. “Quien no aprueba es liberal, clero-liberal, rosminiano y todo lo demás” (B. a S. 02.02.1881). “[...] ¡Fui nombrado ante el Santo Padre como un rosminiano!” (B. a S. 20.09.1881).

Antonio Rosmini (1797-1855) fue comisionado por el Papa Pío VIII para buscar en los pensadores modernos elementos de diálogo con la teología. Sufrió algunos contratiempos, como el año 1849 cuando tuvo dos obras incluidas en el Índice (catálogo de libros prohibidos). Sin embargo, sus escritos continuaron siendo estudiados y debatidos libremente.

Los intransigentes radicales arrebataron el término “rosminiano” y le atribuyeron una connotación muy negativa. Ser etiquetado como liberal o rosminiano equivalía a la acusación de oponerse totalmente al papa. Y afirmar esto de un obispo era acusarlo de desobediencia, de rebelión e incluso de traición, por ese motivo de escándalo entre la gente sencilla, preocupación expresada en varias ocasiones por Scalabrini.

En enero de 1886, el director de la revista rosminiana *La Sapienza*, Vincenzo Papa, escribió a Scalabrini diciendo que había recibido, a través del cardenal Jacobini, un agradecimiento especial del Papa por un telegrama que lo había enviado “como escritor católico”, palabras del mismo León XIII. Y sabiendo que el obispo había estado en Roma, preguntó si era cierto lo que había escuchado, que el Papa le había dicho que no desaprobaba que se debatieran las cuestiones filosóficas-rosminianas.

En respuesta (s/d), Scalabrini dijo que le había informado al Papa que en su diócesis había muchos que seguían el sistema filosófico de A. Rosmini y, en vista de esto, le preguntó al sucesor de Pedro cómo debía comportarse frente a ellos. El papa respondió:

Díganles a sus sacerdotes que nunca entendemos quitarle a nadie la libertad de debatir sobre las doctrinas que quedan abiertas para la discusión. También con respecto a Rosmini, sus partidarios pueden continuar sus conversaciones con tranquilidad de conciencia [...] (FRANCESCONI, 1985, p. 704).

Y justo después de eso, escribió: “Palabras [...] textuales que registré inmediatamente para no olvidarlas, cambiarlas, disminuirlas o alterarlas de ninguna otra manera” (FRANCESCONI, 1985, p. 705).

¿Pero, de dónde provienen las acusaciones contra Scalabrini y Bonomelli?

Para comprender dónde residía el centro neurálgico de los ataques, es necesario decir dos palabras sobre el periódico *L'Osservatore Cattolico*.

“Todos saben que el periodismo católico es una potencia”, dijo un sacerdote periodista a Scalabrini (S. a B. 01.02.1883) y se fortaleció cuando se fundó *L'Osservatore Cattolico*. El objetivo principal del periódico era defender los derechos del papado.

Su primer número se lanzó en enero de 1864, con sede en Milán, con el objetivo de llegar a toda la región de Lombardía. Cabe señalar que más tarde, León XIII llegó a sospechar que el “cuadrilátero lombardo” formado por Milán, Cremona, Bérgamo y Piacenza, era un espacio en el que el espíritu cismático había sido ampliamente difundido, por lo que merecía especial atención. Ilustrado por lo que Bonomelli escribió a Scalabrini: “En el cuarto día, escribí al Papa para mostrarle que el espíritu cismático no existe en nuestras diócesis, *L'Osservatore* lo imagina [...]” (B. a S. 29.07.1890).

En 1869 fue llamado a trabajar en el periódico D. Davide Albertario, sacerdote y periodista que, desde enero de 1873, se convirtió en su director principal. Para tener una pequeña idea de la oposición que estaba haciendo a los obispos de Piacenza y Cremona, cito solo algunos pasajes de la correspondencia entre los dos prelados:

[...] Creo que es extremadamente necesario, especialmente para nosotros los obispos, gran discreción, una vez rodeados como estamos y vigilados por ciertos fariseos [...] que ansiosamente buscan cualquier pretexto para juzgarnos y ponernos en aparente contradicción con Santa Se lo que se convierte en un gran escándalo para los fieles (S. a B. 11.09.1881).

Hace unos días, alguien me habló de las insinuaciones diabólicas hechas por *L'Osservatore* contra usted, yo y algún otro colega. No he leído esos documentos en dos años y no me importa lo que digan (S. a B. 22.09.1881).

Además, si encuentro un obispo que se junte conmigo, estoy muy listo para prohibir el famoso periódico en la diócesis. ¿No serás tú, el obispo que estoy buscando? (B. a S. 01.10.1881).

L'Osservatore, en estos días, está haciendo el papel del diablo en contra de Piacenza; dijo todo lo que quería y quién sabe lo que no dirá todavía; [...] (S. a B. 16.10.1881).

Yo nunca leo ese periódico, ni quiero que me mencionen, creo que es la mejor manera de preservar la mayor paz posible (B. a S. 17.02.1882).

Como sabes, yo no leo el periódico detestable, que sigue afirmando ser un órgano del Papa (B. a S. 13.09.1882).

No se puede decir: no leo *L'Osservatore*. Aquí, gritarían, nos condenarían sin leernos; fue engañado, etc. (S. a B. 23.01.1883).

Ni siquiera puedo leer ese periódico, incluso en momentos como este. Si no leo, mantengo la calma, si lo leo, la sangre sube en el acto y pierdo los estribos (B. a S. 24.01.1883).

Escuche esta. Un respetado eclesiástico, que también es Monseñor, me dice que haya leído un libro de 70 y pocas páginas en las que Albertario cuenta la historia, a su manera, de su periódico, de las persecuciones sufridas, etc., etc. El buen Monseñor, conmovido hasta las lágrimas, me asegura que usted y yo, y algunos otros somos presentados como enemigos de la prensa católica e incluso cosas peores (S. a B. 01.02.1883).

Somos seguidos, observados, interrogados de una manera extraña y romanesca. Aquellos [...] levantan audazmente la cabeza [...]. Si Dios no interviene, verá cuántas amarguras nos hará tragar. Mons. Mascaretti escuchó amenazas en Milán contra mí que lo pusieron pálido (S. a B. 24.01.1884).

Para comprender mejor el clima dentro de la Iglesia, es importante subrayar que, con la asunción del papado de León XIII (1878-1903), el aire adquirió un contorno más ameno. El periódico *L'Osservatore Cattolico* no mereció inicialmente, por parte del nuevo Papa, la atención que le dio Pío IX; la actitud hacia las elecciones y el pensamiento de Rosmini, como hemos visto, ensayaron esperanzas de apertura. En la cuestión social, es suficiente recordar el *Rerum Novarum* (1891). De hecho, cuando se publicó, hubo una reacción por parte de los católicos que rezaban y pedían oraciones por la conversión del Papa.

Describiendo brevemente e incluso superficialmente el fuego con sus llamas abrazadoras, no podemos olvidar que también emanan humo y chispas, es precisamente en ellos que la persona de Scalabrini se nos revela con mayor transparencia. Diría que, es en lo aparentemente insignificante que reside el mayor significado. Antes de hablar sobre humo y las chispas, una mirada más a nuestro personaje históricamente situado.

¿Qué hombre era este?

Scalabrini era un hombre, como ya hemos dicho, profundamente inmerso en las contradicciones de su tiempo. Esto nos permite definirlo, en pocas palabras, como:

Un hombre atrapado en el pasado

Dentro de la cosmovisión del cristianismo, soñaba con la cristianización de la sociedad. La base misma de la Congregación encaja en este amplio rango, evitando lo que se estaba perdiendo internamente: la fe. No esperemos encontrar en Scalabrini la explicación de conceptos que apuntan en la perspectiva del Reino; la Iglesia, instituida por Jesucristo, representaba para él, el punto de partida y de llegada. Es en su praxis lo que se anida el germen de lo nuevo.

Un hombre enredado por el presente

No era inmune al positivismo. Al contrario, lo utilizó de manera inteligente, por ocasión de la primera Visita Pastoral, envió un formulario por adelantado a los párrocos para equiparse con datos objetivos sobre la realidad socio-religiosa de su diócesis. Hizo lo mismo cuando dirigió una movilización en defensa de los trabajadores estacionales de arroz.

No era inmune al naciente nacionalismo de una Italia en el proceso de unificación, por lo tanto, a los emigrantes, además de la comodidad de la fe, era necesario llevar la “sonrisa de la patria”.

También dijo que Dios hace milagros, pero no “torcido y derecho”, por lo tanto, era imprescindible arremangarse, e ingresar en la vida pública.

Un hombre conjugado para el mañana

Los tiempos históricos en los que ocurren grandes transformaciones también son tiempos que señalan la dirección del horizonte. Fue lo que le sucedió a la poeta Ermínia Fuá Fusinato, que quedó perpleja por el gran éxodo y se expresó de la siguiente manera: *“Tal vez el mundo entero sea la patria de un mortal”*. Con Scalabrini aconteció lo mismo, e incluso diría que aquí se encuentra una de las ideas más extraordinarias de su legado. El

sociólogo Toniolo, su contemporáneo, se expresó en una carta a Rinaldi M. del 1 de noviembre de 1911: “[...] ese hombre tenía la intuición de eventos futuros, una característica reservada para mentes superiores y personas con un gran corazón [...]” (TONIOLO, 1911. [AGS/DE 48-09-01]).

Intuyó que la migración sería un ingrediente constitutivo de la nueva organización social al proponer la fundación de la Congregación para estar con ellos, al contrario de lo que dijeron que era un fenómeno pasajero.

El papa Pablo VI, al desentrañar el proceso de beatificación, encerrado bajo llave por el linaje de intransigentes, dijo que Scalabrini anticipó el Concilio Vaticano II. En este sentido, vale la pena comparar algunas palabras del obispo registradas en su Primera Carta Pastoral y/o dadas con motivo de su Jubileo Episcopal con las que abren el documento conciliar principal, *Gaudium et Spes*.

Sobre el Jubileo: “Tus alegrías siempre han sido mis alegrías; mis dolores, los tuyos” (FRANCESCONI, 1985, p. 1236).

En la primera Carta Pastoral: “[...] enviado primero a los pobres [...] sufriré con ellos” (FRANCESCONI, 1985, p. 108).

Gaudium et Spes: “Las alegrías y las esperanzas, las tristezas y las angustias de los hombres de hoy, sobre todo los pobres y todos los que sufren, son también las alegrías y las esperanzas, las penas y las angustias de los discípulos de Cristo” (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1968, p. 143).

Recordemos que renunciar al sueño individual de ser un misionero en las Indias hizo posible que Scalabrini realizara un gran sueño colectivo, lo que inicialmente llamó “las misiones”, dirigido a inmigrantes italianos en América. Este sueño, una vez realizado, no se detiene, se ensancha. Es cuando, al final de su viaje a través de los más variados paisajes de la madre tierra, nos ofrece una fruta madura, el Memorial, una propuesta para que la Iglesia asuma el compromiso de acompañar a los migrantes de todas las nacionalidades.

Esta propuesta fue también “*buttata giù*”. Fue garabateado durante su viaje a Brasil en 1904; en ella presentaba la idea general. Desde la Santa Sede, el 19 de marzo de 1990, a través del Cardenal Merry Del Val, llegó la observación de que era algo muy vago, había una necesidad de detallar su operatividad, a lo que Scalabrini, el 29 de marzo de 1990, respondió: “Sus observaciones parecen sabios, pero no podré enviar un nuevo estudio tan rápido debido a la sobrecarga de trabajo” (FRANCESCONI, 1972, p. 190).

Tan pronto como sea posible, el 05.05.1905, envié una segunda versión al mismo cardenal, con la siguiente observación:

Escrito en intervalos, entre una audiencia y otra y en medio de mil tareas, presenta muchos defectos, lagunas y una que otra repetición. Necesitaría revisarlo y darle otra orden, pero ahora no puedo hacerlo. Lo rehaceré y lo complementaré, si Dios me da la vida, más tarde (FRANCESCONI, 1972, p. 190).

No sería difícil adivinar cómo reaccionó Scalabrini consigo mismo: “¡Dios mío, no son capaces o no quieren!”

Sin embargo, en este escrito “*buttato giù*”, en el que nunca cansa de repetir: “[fruto] de aquello que vi en mis viajes; lo que he visitado; de lo que sabía; de lo que experimenté”, hay destellos extraordinarios que solo se convertirían en informaciones para los agentes pastorales después del avance de la segunda mitad del siglo XX, particularmente en América Latina. Veamos:

- Intuyó, por qué no decirlo, uno de los pilares del método del educador Paulo Freire y de la propia Teología de la Liberación, es decir, la realidad como punto de partida:
“¿Qué debe hacer la iglesia? La pregunta es sencilla, pero no la respuesta, que, para ser adecuada, debe ser integral y viable; tanto global como particular; [...] particular y diverso según las realidades de cada lugar, según las diferentes necesidades a satisfacer [...]” (FRANCESCONI, 1972, p. 194).
- Anticipó lo que dijo el antropólogo Darcy Ribeiro en relación con la formación étnica y cultural del pueblo brasileño, como resultado de la fusión de varios pueblos.
“[Fuimos testigos] de una inundación de aguas tranquilas, [...] fusiones, adaptaciones por las que las diferentes nacionalidades pasan y se encuentran, se entrelazan, se fortalecen y dan lugar a nuevos pueblos” (FRANCESCONI, 1972, p. 193).
- Balbuceó ingredientes de la dialéctica:
“[El migrante es] siempre un instrumento de esa Providencia que preside los destinos de la humanidad y los guía, incluso a través de catástrofes [...]” (FRANCESCONI, 1972, p. 193).

- Vislumbró un protagonismo original de los migrantes:
 “La migración [...] mueve y mezcla, sin destruir, los componentes de la vida [...] transformándolos y perfeccionándolos para renovar el milagro de la creación en todo momento” (FRANCESCONI, 1972, p. 193).
- Llamó para el trabajo en redes:
 “El fenómeno migratorio es universal y también debe ser la respuesta. Los obispos en sus diócesis, sin saber lo que otros hacen en las suyas, puede resultar en una pérdida de fuerza” (FRANCESCONI, 1985, p. 976).
- Advirtió la necesidad de actuar con sentido práctico:
 “Para nuevos fenómenos, nuevas organizaciones, adaptadas a las necesidades. Los principios y directrices aislados, por más sabios que sean, no son suficientes [...], sin los medios para su implementación [...] son de poco valor” (FRANCESCONI, 1985, p. 976).
- Presintió lo que ahora se llama posmoderno; cuando tomó para sí, la intuición de la poetisa, no solo dejó de lado el “tal vez”, sino que también anticipó el concepto de ciudadanía universal:
 “[La migración] extiende el concepto de patria más allá de las fronteras físicas, haciendo con que la patria del hombre sea el mundo entero” (FRANCESCONI, 1985, p. 941).

“Necesitaría revisarlo y darle otra orden, pero no puedo hacerlo ahora. Lo voy rehacer y lo complementaré, si Dios me da la vida, más adelante”. Lo intuyó y adivinó: no tuvo tiempo de rehacerlo y complementarlo. ¿Fue necesario? ¡No! Después de esta convicción en su legado, podría irse; se despidió el 1 de junio.

Si en el título identificamos a Scalabrini como mártir, aquí no podemos omitir otra palabra que le quede muy bien: ¡fue un profeta! Cuando se dio la “guiñada” (esto lo veremos más adelante) y centró su corazón, junto con su visión estratégica para el lado de los migrantes, y vio en esto una posibilidad concreta para ese momento histórico específico de superar la fisura dejada por la Cuestión Romana, legó a la historia un campo de acción junto a una realidad que hoy se ha convertido en uno de los temas más candentes que la modernidad ha traído para el menú de su vida diaria: la migración, y con ella una inmensa cantidad de voluntarios, laicos y misioneros presentes en el mundo junto a las trincheras recorridas por los migrantes.

Scalabrini en el *Carteggio*

Somos lentos para acercarnos al camino, pero aquí estamos listos para zambullirnos en medio de chispas y humo. Nuestra atención recaerá en lo aparentemente insignificante, lo que me gusta llamar de opuesto, paréntesis, es decir, aquello que a menudo se puede restar de un texto sin que su contenido sufra ningún daño.

En mi lectura de *Carteggio* y durante el proceso de traducción, escuché en las cartas de Scalabrini ciertas notas musicales que fueron calando y, me hicieron profundizar más, a medida que se repetían. Por tanto, no tenía más dudas: ese hombre público de baja estatura, inteligente, astuto, estratega, coherente, insistente, creativo, pastor, dedicado a la Eucaristía y a María, caritativo, incondicional obediente al Papa, renovador de la catequesis, padre de migrantes, etc., etc., se revela, sobre todo y, un hombre de enorme sensibilidad y un corazón que no cabía en su pecho. “[...] Solicité una audiencia con el santo padre [...]. Fue largo y cordial más de lo habitual, tan cordial que me hizo llorar” (S. a B. 31.01.1891).

Tan fuerte era esta sensación que me sentí obligado a demostrarlo. Traigo aquí el resultado de la encuesta que hice con las 219 cartas escritas por Juan Bautista que nos llegó a través de *Carteggio* (como se indica en los *Scritti*). Habrá, como siempre afirman los institutos que realizan encuestas de intención de voto, alguna diferencia más o menos, pero aquí la precisión matemática es una cuestión de poca importancia.

Por 11 veces Scalabrini se refiere a noticias *fakenews* (falsas noticias).

Apareció en el *Progresso*, un órgano prácticamente oficial de los amigos de A. [Albertario], que fui nombrado coadjutor del arzobispo de Milán y que, por lo tanto, la sede de Piacenza estaba vacante. ¿Pero para qué sirven las noticias infundadas y falsas? (S. a B 21.10.1882).

¿Entonces somos indigentes? No tengo conocimiento de nada en absoluto y ¿sabes algo? (S. a B. 24.05.1904).

En 34 cartas, dice que está partiendo, llevando a cabo o llegando de una Visita Pastoral. Las Visitas Pastorales constituían una vieja orientación que emanaba del Concilio de Trento, que Scalabrini hizo de ella una prioridad y siguió al pie de la letra. A diferencia de otros colegas que agruparon parroquias cercanas o enviaron delegados, él los visitó a todos, y había muchos, 364 cuando lo visitaron por primera vez; en total realizó cinco y

antes de emprender nuevos vuelos, anunció el sexto. Es este trasfondo, de las Visitas Pastorales, lo que nos permite comprender muchas de las expresiones repetidas que componen lo que yo llamo humo y chispas.

En ellas decía que allí encontró el consuelo de la fe, pero también sacrificios extremos. Incluso hoy es difícil, cuando la gran mayoría de las personas del orbe viven en centros urbanos y están virtualmente conectados, queriendo transmitir mínimamente cuáles fueron algunos de los sacrificios que enfrentó el padre de los migrantes en sus Visitas Pastorales. Las cabalgatas por la montaña a cuesta y abajo montaña, además de la infraestructura hiperprecaria, cuando no existe (algunas veces “dormido” en un gallinero) para permanecer en los confines de la diócesis, son quizás los que le costaron los mayores sacrificios físicos. Solo aquellos que han montado a caballo en senderos montañosos saben exactamente lo que estamos tratando de transmitir aquí. Subiendo la colina, es posible reclinar el cuerpo hacia adelante y, si es necesario, aferrarse al cuello del animal, pero en las pendientes más empinadas no hay forma de pararse sobre la espalda del monte. Se dice que solo se podía acceder a 200 parroquias a caballo. En la cuarta visita (celebrada entre 1893 y 1899) – tres de sus compañeros que ya habían sufrido accidentes, incluso fracturas – fue el turno de Monseñor de sorprenderse por una empinada del caballo que le causó la hidrocele, causa indirecta de su muerte.

No cuesta nada hacer un pequeño desvío de ruta y hacerle la pregunta dirigida a su secretario cuando desembarcó de la balsa en el río Tacuarí, en Rio Grande del Sur, en su visita a Brasil en 1904, subiendo desde la capital Porto Alegre hacia Encantado. Desde el puerto hasta la sede de la primera parroquia establecida en el sur de Brasil, la distancia era de 30 km. Enseguida vio una caravana de jinetes esperándolo. Después del tronar de cohetes y los saludos, miró a su alrededor y, ante el dolor que lo acompañaba, preguntó si no había otro medio de transporte. No había. “¡Entonces vámonos!” Puso el pie en el estribo y subió para comenzar la marcha de siete horas, una marcha marcada por una alegría indescriptible por parte de quienes lo acompañaron y dolor por parte de quienes lo motivaron. Ni siquiera hablamos de los paseos a caballo anteriores a través de cafetales en el interior de São Paulo.

No contaba con el calvario que lo esperaba después de la visita a Encantado. Eran varias parroquias y muchos más centros coloniales a ser visitado, de pie hasta la cumbre de la Serra, hoy es una región de viñedos y vinos. Era el mes de julio, el apogeo del invierno, los desplazamientos, a menudo se producían con lluvias y vientos helados, empapando “hasta los huesos” a los que seguían en carrosas improvisadas.

Dejemos que la comitiva se instale en algunas de las misiones, se cambie de ropa y descanse allí, no sin antes decir que las peregrinaciones a las granjas y rincones del Brasil, precedidas por muchas otras durante la quinta Visita Pastoral, en la que quería “recuperar el tiempo perdido” debido a su viaje a los Estados Unidos, fueron decisivos para el último adiós. Pero retomemos los senderos de *Carteggio*.

Scalabrini termina 26 cartas con las expresiones “apurado” o “apuradamente”. Al principio sonaron como meras formalidades de despedida; a lo largo de la obra, sin embargo, adquirieron su significado literal. ¿Por qué solo comenzó a usarlos después de la carta número 23? ¿Por qué Bonomelli los usa solo esporádicamente? No fue difícil ver que esto no era una mera formalidad estilística.

En 64 cartas, principalmente en el saludo inicial, casi siempre en forma opuestas, incapaz de omitir a su amigo lo que le estaba sucediendo, usa expresiones como: muy ocupado, falta de tiempo, prisa, escribo dictando y otros informando fatiga, dolor, sufrimiento. A veces aislado; en otros, agrupados.

Las expresiones de alegría solo se detectaron en 12 correspondencias, una de las cuales, desde el 1 de julio de 1883, encaja perfectamente con el dicho popular que dice “¡La alegría de los pobres es de corta duración!” y otros tres son del tipo: “Me alegro por ti”, refiriéndose al amigo de Cremona.

Pero quien mejor resume estas matemáticas es quién está detrás de los números. Le escribió a su colega:

Solicito que mantengas el más absoluto secreto, porque la propuesta no se consumará. [Había recibido una carta que decía que sería arzobispo de Rávena]. De mi parte, ni siquiera comento a mi fiel secretario, que ha sido mi inseparable compañero durante 25 años... (S. a B. 03.03.1901).

La frase bien podría terminar aquí, pero desde la pluma del padre del migrante, lo que estaba sucediendo en su corazón se deslizó sobre el papel: “... quien durante 25 años ha sido mi compañero inseparable **de mis pocas alegrías y mis muchos sufrimientos**”. Sufrimientos del alma, o morales, como él dijo, que surgen principalmente del sufrimiento intransigente y físico, como resultado de problemas de salud, pero estrechamente correlacionados con actividades en exceso, en otras palabras, por una vida marcada por una entrega completa. Siguió a la carta lo que escribió en la primera Carta Pastoral

del 11.04.1876, al anunciar su primera visita: “Espero desde el fondo de mi corazón poder abrazar a todos, te visitare, [...] dispuesto a sacrificar [...] no solo lo que tengo, comodidad, tranquilidad y descanso, sino la vida misma” (SCALABRINI, 1980, v. 7, p. 43) ¿Dijo “comodidad, tranquilidad y descanso”? Solo los tenía antes de 1876. Pero también dijo “listo para sacrificar su propia vida”, ¡y lo sacrificó!

Si me pidieran que definiera en muy pocas palabras lo que capturé de la persona de Juan Bautista de *Carteggio*, no dudaría: “¡Me duele el cuerpo y me duele el alma”!

Sin embargo, lejos de imaginar a un hombre abatido, humillado. Decía a su amigo: “Mantengamos la mente y el corazón en calma” (S. a B. 24.01.1897). Era un hombre de extraordinaria altivez, de oratoria brillante, de mirada perspicaz, y una fuerte personalidad. Arguto.

Pero todavía hay una palabra para definirlo completamente: **FUE UN MÁRTIR.**

Cada vez que escuchamos esta palabra, normalmente la asociamos con una muerte dolorosa y repentina. Scalabrini fue un mártir a lo largo de su Episcopado, un mártir de la vida cotidiana. Experimentó un creciente martirio, que surgió de lo que siempre puso delante de él y que resumió repetidamente de la siguiente manera: “Poco le importaría a nuestra gente, especialmente a la mía, completamente insignificante, pero ¿qué pasa con las almas? ¿Y la iglesia? ¿Qué pasa con los intereses de Jesucristo? (S. a B. 02.03.1883).

Dejemos que el mismo Scalabrini, que ahora ya no está muy ocupado, se siente cómodamente frente a nosotros y nos cuente con calma un poco sobre lo que sucedió en su pecho, recordando lo que le escribió a su amigo.

Les confieso sinceramente del estado lamentable de nuestras diócesis, debido a los agitadores y las polémicas escandalosas, causa el mayor dolor en mi vida y me afecta hasta tal punto que afecta mi salud (S. a B. 22.09.1881).

[...] empeñémonos con pureza de intenciones, para defender no tanto nuestra integridad, cuanto la causa de Dios y su iglesia [...] (S. a B. principios de marzo/1883).

Ya te he escrito que estoy comprometido en la diócesis con actividad febril. [...] Me hablas de la cruz, oh, Dios mío, es nuestra fracción y de la iglesia nos hace cargar la porción dorada sobre el pecho, que a menudo se convierte en un hierro áspero que rompe el alma (S. a B. 17.09.1883).

Cuando no escribo, diga sin temor a equivocarse: ese pobre hombre de Piacenza se ve afectado por la fiebre de la actividad (S. a B. 27.11.1883).

Sobreviviente de Visita Pastoral, muy cansado y con un gran resfriado, no tengo ganas de hacer nada (S. a B. 28.04.1884).

Si lees mi carta del invierno pasado encontrarás un saludo [...] de las aflicciones que nos prepararon (S. a B. 20.05.1884).

Fue por un hilo que casi no fui al otro mundo [...] (S. a B. finales de junio/1884).

[...] este excelente médico me asegura que también eliminaré el mal si tengo juicio y sé cómo tener cuidado. La causa de mis dolencias es querer hacer demasiado. [...] Estoy decidido a cambiar mi comportamiento, al menos el sistema adoptado hasta ahora y espero que los míos no sean promesas de un marinero en situaciones de tormenta (S. a B. 07.07.1884).

En cuanto a mi salud, tengo la impresión de estar bien, pero sospecho que ya no soy el mismo que antes. El día de la Asunción casi me quedo en el púlpito. En un momento de la homilía me sentí tan mal que tuve que parar en el medio. ¿Qué hacer? ¡Debes seguir los designios de Dios y llenar las deficiencias de las fuerzas físicas con santidad, que no tengo! (S. a B. 10.09.1884).

Este año, el Señor se dignó visitarme con dolores físico y angustia moral; que su santa voluntad se haga en todo y para todo (S. a B. 13.11.1884).

La fiebre que me postró días atrás, desapareció [...]. Sin embargo, otra fiebre permaneció en mí, como consecuencia de asistir que muchos, muchísimos cuántos se están alejando de la Iglesia por causa de aquellos que no deberían hacer otra cosa que atraerlos. Sabes cuánto te molesta esta fiebre (S. a B. 16.08.1887).

No me siento muerto, ni muriendo, pero un poco abatido, ¡sí! El malestar seguramente no fue pequeño. Al parecer, un ataque de tifus que me dejó totalmente indefenso. En este momento me estoy recuperando, aunque muy lentamente. Todavía siento un poco de debilidad, especialmente en la mañana cuando celebro la misa. El médico querría que me retirase, pero no consigo decidirme. Veré más tarde (S. a B. 11.4.1889).

[...] es necesario ser fuerte y capaz de soportar el peso de la tribulación actual con gran dignidad (S. a B. 24/04/1890).

Estuve en Levico, pero no sentí ninguna mejora. Ahora he estado en Rabbi hace tres semanas, pero aquí también, el resultado es muy pequeño. El profesor Strambio me ha visitado varias veces, me aseguró que mi enfermedad no es más que agotamiento generalizado debido al trabajo excesivo. ¿Será verdad? Me ordenó descansar unos meses. ¡Amargadísimo tratamiento! (S. a B. 08.04.1890).

Me siento tan agotado por las visitas y perseguido por los compromisos que te pido perdón por escribir dictando (S. a B. 31.01.1891).

El año nuevo comenzó para mí bajo auspicios infelices, como se dicen. Además del problema de Miraglia, se suma la enfermedad repentina, igual que en 1890, que me mantuvo inactivo durante meses (S. a B. 27.01.1896).

Dios realmente me está castigando y tiene mil motivos. Sin embargo, me concede una calma y tranquilidad muy particulares. La copa que el Padre me dio, ¿no la beberé? [...] Me recomiendo como nunca hice a tus oraciones (S. a B. 21.02.1896).

En cuanto a mí, en paz sufro amargamente mis penas (S. a B. jueves Sto. 1896).

Una dosis de espiritualidad y de la refinada es el remedio para todos los males. Créeme (S. a B. 24.01.1899).

Cuando se agotan los recursos humanos, es necesario recurrir a Dios con mayor fe. Espero que en un momento u otro se digne para atenderme (S. a B. 10.06.1898).

Esta parroquia en la que estoy es la 123ª que visito este año, es una locura, pero quiero recuperar el tiempo perdido el año pasado (S. a B. 08.08.1902).

[...] una pequeña fiebre de 24 horas que me tomó por sorpresa cuando regresé de una visita pastoral sacrificada a las parroquias de los altos de los Apeninos. Fueron excesivas las fatigas de toda orden [...]. No sé cómo moderarme, ni puedo pensar en tener que cambiar el ritmo, sin embargo, tendré que hacerlo. Pasan los años, 64, aparecen las consecuencias, las demandas se presentan en cada momento más desafiante [...] todo me convence y me empuja a un ritmo superior a mis límites físicos y morales, pero, de todas maneras, sigo avanzando en nombre del Señor hasta que aguante mis fuerzas (S. a B. 10.10.1903).

Que el martirio de una nueva especie que me hicieron padecer los periódicos pueda producir el gran efecto que previste, ¡demos gracias a Dios! (S. a B. 16 de febrero de 1990).

Marinero en situaciones de tormenta

La promesa hecha por él en 1884 fue “promesa de un marinero” y, como si no bastase el testimonio de su vida para probarlo, dejó registrado con su propia letra y puño años más tarde:

“[...] las demandas se presentan a cada momento, más desafiante... todo me convence y me empuja a un ritmo superior a mis límites físicos y morales, pero, de todas maneras, sigo adelante en nombre del Señor hasta que mis fuerzas aguante” (S. a B. 04.10.1903).

¿Y cuánto todavía aguantaran sus fuerzas? Menos de dos años.

Pero dejemos de lado las promesas, enfoquémonos en algunas “situaciones de tormentas” que enfrenta nuestro marinero.

El caso Rocca

Si el Albertario emerge públicamente como el gran pinchazo del alma de Scalabrini a través de *L'Osservatore Cattolico*, Rocca fue uno de los corresponsales “secretos” encargados de suministrar el periódico de Milán.

¿Quién fue Rocca? Nada mejor que Scalabrini para definirlo:

Mientras tanto, comencé a responder al *Osservatore*, ¿quieres saber cómo? Destituyéndolo de la función de rector y profesor de mi seminario el canónico Rocca, un corresponsal mentiroso y fanático del periódico, un ídolo del partido (S. a B. 22.09.1881).

No es necesario entrar en detalles, ya que la historia es larga, solo les informo que el despido no se produjo sin dolores de cabeza al obispo, como él mismo expresó en una carta a León XIII el 26 de septiembre de 1888:

Pero la amargura no se hizo esperar. [...] Yo, que tengo comprometido la salud y gastado todo lo que era mío por el bien de la religión [...]. Yo, que he estado, y no solo con palabras, ¿estoy dispuesto a derramar mi sangre por la iglesia y su augustísimo jefe, que yo sea tomado como sospechoso de traición? (FRANCESCONI, 1985, p. 504).

De hecho, Rocca fue despedido por razones disciplinarias, sin embargo, el caso se convirtió en un “problema rosminiano”. Tanto es así que las amargas lo obligaron a desarrollar para el papel uno de sus textos más extensos que nos dejó, bien más tarde, en julio de 1895, cuando sus actividades lo involucraban cada vez más. Pero él mismo puede decirnos algo: “Lamento tener que perder un tiempo muy valioso para mí cuando trato con un escrito similar al que me preguntaron sobre el Sr. can. teólogo D. Savino Rocca” (SCALABRINI, 1980, v. 3, p. 370). Recordemos que para el proyecto considerado el “pupilas de los ojos” – la Congregación – solo tuvo tiempo de garabatearlo, como dijo, “*tutto buttato giù*”, “*abbozzo di progetto*”; “Todo arrojado a toda prisa”, “bosquejo del proyecto”.

Mirando fría y críticamente el “conjunto de la obra”, parece haber sido, por parte de la curia romana, una actitud de “pura cochinidad” en relación a la persona de Scalabrini.

El caso del opúsculo “Intransigentes y transigentes”

Señalamos que había un clima feroz dentro de la iglesia que involucraba las dos alas, la de los intransigentes y transigentes. A mediados de 1885, se hizo pública una carta del cardenal francés Pitra, portavoz de los ultramontanos franceses y de los intransigentes españoles e italianos que no acogieron con beneplácito el comportamiento de León XIII. La misma fue publicada en el *L’Osservatore Cattolico*, que no se abstuvo de comentar con grandes elogios. La reacción fue apreciable, incluso del propio papa, y Pitra tuvo que retractarse.

Pero el caso no ha terminado, al contrario. A fines de agosto del mismo año, en la Alta Italia, comenzó a circular rápida y secretamente un folleto anónimo titulado: *La carta del cardenal más ilustre Pitra y las palabras del Papa*. Bonomelli inmediatamente apostó 99 contra 1 que el origen de la escritura – puro elogio a la carta de Pitra y el libertinaje de León XIII – no podía ser otra que la del *L’Osservatore*, que ni siquiera merecía ser leído.

Scalabrini, con su mirada aguda, se dio cuenta inmediatamente de la gravedad del hecho. A mediados de septiembre escribió al cardenal Jacobini, agregando a la escritura, que no hay dudas sobre el bolígrafo que lo dio a luz y que un intento de cisma estaba oculto allí, como ya no es **super Petram**, pero el **super Pitram** debería subir a la iglesia, según el documento anónimo.

Pregunta si es posible permanecer en silencio ante tamaño despropósito y pide permiso para hacerlo público. En síntesis, el silencio se rompió. Hecho en base de tres manos (escrito por Scalabrini, con sugerencias de Jacobini

y la plena aprobación del Papa), a mediados de octubre se publicó la *Carta Pastoral del Obispo de Piacenza* sobre el “caso Pitra”, seguida de cuatro ediciones y traducida para el francés, es decir, fue un éxito.

Al mes siguiente, en noviembre, Scalabrini se reunió con el Papa con motivo de la visita *ad limina*. No hay grabaciones de la conversación, pero apenas regreso de Roma, se dirigió al amigo de Cremona:

Por el momento, te cuento que un obispo que es amigo suyo está publicando un opúsculo titulado: *Intransigentes y transigentes, consideraciones de un obispo italiano*. Es un folleto que provocará muchas reacciones, pero el autor buscó protegerse y está en plena sintonía con S. S. [Su Santidad], (esto es solo entre nosotros), quien leyó y aprobó el escrito (28.11.1885).

La publicación tuvo lugar a principios de diciembre de 1885, también de forma anónima. Como era previsto, las reacciones no se hicieron esperar, fueron muchas y duras. En una carta de diciembre de 1885, Bonomelli le escribe a su amigo: “¿Y vos dormís? ¿Y los violentos golpes, que dejaron marcas a su hijo, nacido de tu mente, tu coraje, tu celo; no son suficientes para hacerlo reaccionar? ¿Qué sucede? ¿Lo que lo que pasa? [...]” (B. a S. 30.12.1885).

El mismo Bonomelli fue tomado como el autor. Scalabrini luego le confía a su amigo:

Aún no has entendido el origen elevado de aquel simple opúsculo (folleto). Lo tuve en mis manos apenas para mirar la forma, ya que el resto había muy poco que hacer y ese poquito que hice. Pero, ¿quién me lo dio para revisarlo y llevarlo a Bolonia? ¿Sabes quién lo hizo? El P.[Papa], el mismo P., quien se declaró inspirador, al revés del autor. ¿Comprendes ahora la razón de mi silencio y mi incomprensible apatía? [...] leída esto, por favor quémalo inmediatamente, no le digas a nadie, ahora ni nunca, el secreto que acabo de revelar [...] (S. a B. s/l, s/d [enero 1886]).

Hay otros pasajes en los que Scalabrini se refiere a la autoría del documento. Mario Francesconi, basándose en todos ellos, concluye: “Lo menos que se puede deducir de las declaraciones es que el contenido del folleto fue aprobado por León XIII” (FRANCESCONI, 1985, p. 591).

A título de curiosidad, apporto más uno, tomado del borrador de una carta de Scalabrini a León XIII (s/d), que contiene cinco ítems sobre el opúsculo entregado por el Papa a Scalabrini. En el primer ítem, observa:

Padre, si me permite, me gustaría hacer algunas observaciones al opúsculo que usted se dignó confiar en mí para organizar su publicación y difusión. Primero, cambiaría el título. De hecho, no podría llamarse Comentario sobre mi Carta Pastoral [sobre el caso Pitra] excepto en un sentido más amplio. Me parece, más conveniente, más oportuno y de mayor impacto, el siguiente título “Intransigentes y transigentes: Consideraciones de un obispo italiano”. Anónimo o simple teólogo no sería tomado seriamente en consideraciones. Sería solo un opúsculo ordinario (FRANCESCONI, 1985, p. 590).

En el segundo ítem, que sugiere eliminar la mención hecha al autor de un escrito que no tiene ningún crédito y, agrega: “Por otro lado, me parece que el concepto de **nuestro opúsculo** se vería muy disminuido si prestáramos atención a un escrito irrelevante [...]” (FRANCESCONI, 1985, p. 590).

A partir de mi simple y distante mirada, describiría el acontecimiento de la siguiente manera: la idea, en esa visita *ad limina* de noviembre de 1885, seguramente salió de la boca de Scalabrini. El papa, que confiaba en los faros del obispo de Piacenza: “Imagínense que, en un momento dado, viendo que tenía el tabaco en la mano, sonriendo, salió con esto: *Monseñor, dame una pizca de su tabaco, de esta manera, si sabré si, ¡también tienes buen faro!* (S. a B. 12.03.1891) – y, además, en el impulso aprovechado por él, en relación al caso Pitra, León XIII lo apoyó. Intercambiaron información sobre el contenido y la forma, la redacción siguió con sus procedimientos normales, cuando un trabajo se realiza con dos manos (mejor dicho, dos cabezas, porque la mano que escribe suele ser una). Basado en estas divagaciones, habría sugerido el siguiente subtítulo: Consideraciones de dos obispos italianos.

Scalabrini, cuando el amigo íntimo le dijo que había personas que sospechaban que él era el autor, dijo: “[...] la escritura simple ya ha producido un gran bien al permitir, siendo anónimo, que ciertas personas que el Papa creía convertidas, se quitase la máscara [...]” (S. a B. s/l, s/d) [enero de 1886].

El hecho es que, con “s” o sin “s” en el subtítulo, con una máscara o sin una máscara de intransigentes disfrazados, el Papa no pronunció una coma ante las fuertes reacciones, permaneció en absoluto silencio. Cabe a Scalabrini, por coherencia, de acuerdo con sus principios, ser “la bolsa de

boxeo” y sufrir en silencio; sin embargo, no acumuló sus penas en su pecho por mucho tiempo. Sin audiencias públicas, evaluaba de la mejor manera, lo expresó al confidente o a quien tuviera derecho, como lo hizo con León XIII (s/l, s/d) en 1886:

No me quejo, Santidad, de aquellas personas que son capaces de cualquier cosa, pero debo quejarme, respetuosamente, sí, pero con toda la energía de mi ser, de haber sido abandonado por aquellos que autorizaron los actos que causaron tanta guerra. Él [Dios], un juez justo, sabrá cómo reparar el honor ultrajado y dejada ultrajar de un obispo como el que suscribe, que en sus actos no hizo más allá que obedecer a quienes tenían el deber de ordenar (FRANCESCONI, 1985, p. 616).

El caso de las elecciones de 1886

Reproducimos, más arriba, un extracto de una carta escrita a Bonomelli, de octubre de 1882, en la que Scalabrini informa que no estaba intimidado por la reafirmación de que los católicos no deberían participar en las elecciones electorales relacionadas con el parlamento. En él también informa que buscó la *Sagrada Penitenzieria* y preguntó si, en casos particulares, no sería posible hacer que el expedito sea más flexible, habiendo recibido un asentimiento verbalmente positivo.

Esta orientación, sin embargo, no tuvo efecto práctico en el momento, ya que las elecciones de ese año tuvieron lugar tan pronto como Scalabrini regresó de Roma. Bonomelli reflexionó ante su amigo que la respuesta dada verbalmente significaba una clara indicación de la oscilación que había en el Alto.

La postura favorable sobre las elecciones, acordada verbalmente con usted, es prueba de la indecisión de aquellos que ocupan la parte superior de la jerarquía: quieren, pero al mismo tiempo no quieren y permanecen en esto, sin arrojarse a la derecha, ni a la izquierda, ni a detenerse hacia adelante o hacia atrás. ¡Siempre están esperando! (B. a S. 13.09[10].1882).

Llegaron las elecciones de 1886. Scalabrini escribió a Roma y, por orden del Papa, recibió una respuesta de Mons. Boccali, con fecha 05.05.1886, informa que se mantuvo la misma orientación que se le había dado en 1882. Y de acuerdo con la orientación recibida, lo hizo, como él mismo explica al Cardenal Secretario del Santo Oficio, R. Monaco La Valletta:

Explicaré los hechos como lo hicieron. En este Colegio Electoral, se presentaban como candidatos a disputado, por el partido radical, las personas que fueron notoriamente hostiles al papa y a la iglesia, como Priario y Cavallotti, quienes en esos años hicieron que la ciudad y las principales aldeas fueran infernales con discursos ateos y blasfemos, por decir lo menos. Creyendo que ya habían atraído a estas buenas personas, esta vez se presentaron con un programa de lo más irreligioso y subversivo.

La gente de sentido común estaba alarmada, y en muchos de ellos surgió naturalmente la duda si, en este caso particular, uno no debería participar en las elecciones, para evitar que los candidatos antes mencionados se conviertan en ganadores propietarios de la pieza y continuar, como en el pasado, difundir dudas sobre la fe y corromper las almas. Por otro lado, algunos de los candidatos del partido monárquico ofrecieron, también a través de declaraciones solicitadas, garantías muy seguras de su buena disposición para favorecer la causa católica.

Frente a la imagen expuesta, algunas personas, antes de partir para la Visita Pastoral, vinieron en privado a preguntarme si, convencidos de que tenían la necesidad de ir a las urnas, podían hacerlo con la conciencia tranquila.

Yo, considerando nuestras circunstancias locales, [...] me limité a responder a cada uno y de manera privada que participar en las encuestas no era en sí mismo un acto ilegal, sino que la subsistencia no urgente subsistía y que, por lo tanto, no les aconsejé, ni les desaconsejé que no lo hicieran, que actuaran de acuerdo con su propia conciencia para el bien común.

Tal fue la respuesta, repito, que di a los casos especiales que me presentaron; respuesta que sé que fue dada positivamente por otros obispos en circunstancias quizás menos excepcionales que las de Piacenza; respuesta totalmente en línea con la que recibí de Mons. Boccali del 1 de mayo p.p. por orden del Santo Padre [...] (Scalabrini a R. Monaco La Valletta, 11.06.1886, apud FRANCESCONI, 1985, p. 663).

Antes de las elecciones, el 1 de mayo, el obispo partió para una Visita Pastoral a las parroquias más remotas de la sede, donde regresó el 8 de junio. Sin embargo, antes de irse, dejó las mismas pautas a su vicario general, en caso de que alguien lo buscara.

Las elecciones tuvieron lugar el 23 de mayo. ¿El resultado? Hubo cuatro candidatos de la Unión Monárquica y tres de ellos, apoyados por católicos, ganaron y de los candidatos radicales, solo uno ganó. ¿Adivina a quién atribuyeron los oponentes el resultado? Al dedo del obispo. El ruido que siguió fue grande y se disparó por todas partes, inclusive las crudas noticias falsas.

El obispo ciertamente predijo que todo terminaría en Roma. Y fue así. Pero no predijo cómo llegarían las cosas allí y, feliz o desafortunadamente, nunca lo sabrá. Mucho menos previó el cambio que vendría a partir de ahí.

Fue el mismo vicario general, monseñor Francesco Tammi, intransigente, quien lo denunció ante el Santo Oficio, en una carta de fecha 18.05.1886, directamente al cardenal Parocchi, cuyo prestigio con León XIII era elevado. Además de esto, los dos oponentes más feroces que Scalabrini tenía entre su clero también escribieron allí. Uno de ellos, ya conocido por nosotros, Rocca.

Después de un proceso rápido, con el apoyo del Papa, el Santo Oficio convocó a Juan Bautista el 6 de junio para justificarse. ¡Se justificó! Fue el día 11 de junio, recientemente retornado de la Visita Pastoral, respondiendo una por una a todas las acusaciones y, en la secuencia, modificó: “Cierro aquí porque me disgusta tener que continuar una defensa que me humilla, siendo evidente para mí que las acusaciones fueron arquitectadas [...]” (FRANCESCONI, 1985, p. 664).

También aprovechó la oportunidad para solicitar autorización para publicar su defensa. ¿y que paso? No solo no estaba autorizado por el Papa para publicar su defensa, sino que el Santo Oficio le dijo que el caso no estaba cerrado en absoluto, porque iba más allá de Piacenza e incluso en Milán circulaba un folleto que lo acusaba.

Frente al silencio de Scalabrini, quien se aprovechó fue el *L'Osservatore Cattolico*, con el siguiente titular: Piacenza “la ciudadela de la transigencia”, es decir, “plaza cedida al enemigo” (FRANCESCONI, 1985, p. 669).

Pero había más plomo en el aire. Y vean la ironía: *Il Piccolo*, el periódico de Piacenza, hizo eco de la gran bomba, con el siguiente titular del 20 de junio de 1886:

Una teja [desgracia] sobre la cabeza de Monseñor Scalabrini

El presidente del Comité Diocesano de Piacenza, conde Carlo Radini Tedeschi, fue condecorado por el Papa Comandante de la Orden del *Piano*, en reconocimiento a su conducta durante las últimas elecciones políticas. El

conde, como todos saben, se adhirió estrictamente a la no expedición, defendiendo la abstención [*sic*]. Acabamos de leer esta noticia en la *Unión* de Bolonia; noticia que adquiere un alto significado de solemne desaprobación de la conducta de Monseñor Scalabrini, quien se comportó como un agente electoral extremadamente activo, aunque indirectamente, en las últimas elecciones políticas (FRANCESCONI, 1985, p. 661).

Tedeschi, entre los laicos, era uno de los oponentes más amargos que el obispo tenía en la plaza. Pero dejemos ahora que nuestro interlocutor también diga algunas palabras. En una carta (dictada) del 24 de junio de 1886 a León XIII, se expresa de la siguiente manera:

[...] Desde el día en que publiqué la Carta Pastoral contra el famoso opúsculo publicado en Milán el año pasado [sobre el caso Pitra] y, principalmente, desde el día en que salió el opúsculo en Bolonia, el opúsculo bien conocido de parte suya, de quien fui autor [la escritura intransigentes y transigentes...], el grupo de intransigentes, todos contra mí, se podría decir, me apuntó sus flechas envenenadas [...]. Las últimas elecciones ofrecieron a los intransigentes una ocasión favorable, más que ninguna otra, para armar una de sus muchas maquinaciones contra mí. Cabe señalar que lo hicieron muy bien. Consiguieron hacer creer (también donde no deberían haberlo encontrado, excepto la indiferencia y el desprecio) que yo tenía... [y Scalabrini continúa describiendo los cargos en su contra]. [...] no me sorprende en absoluto. Sin embargo, estoy dolorosamente sorprendido, y muy sorprendido de ver cómo, sin que yo supiera nada, indujeron a Su Santidad a otorgar un honor al Conde Carlo Tedeschi, y a otorgarlo en un momento en que él y su familia eran una razón para escándalo ante toda la ciudad por su conducta injusta hacia su propio obispo, inventando y luego atribuyéndole los mayores absurdos [...].

Como es de esperarse, el honor está siendo interpretado por todos como un acto de desaprobación pública y solemne que Usted, Santo Padre, no puedo imaginar por qué razón quiso infligir al Obispo de Piacenza. Confieso, Santo Padre, que nunca habría imaginado un golpe tan fuerte viniendo de tus manos. [...] en penitencia por mis muchos pecados, acepto humillación inmerecida (FRANCESCONI, 1985, p. 665/6).

Podría hacer un comentario personal más adelante, pero lo hago de inmediato. No me preocupe en grabar pasajes en los que nuestro fundador revela toda su reverencia, fidelidad, respeto y amor por la persona del Papa (me refiero a los tres con quienes convivió), declarando, más de una vez, que estaba dispuesto a dar su vida para defenderlo; ni mencioné el cuidado que siempre tuvo para no dejar resbalar de sus labios o el bolígrafo, ni una palabra, por más ligera que fuera, pudiera mostrar disgusto al representante de Cristo en la tierra. Cada vez que no estaba de acuerdo con él, lo hacía a través de cartas o personalmente.

No lo hice, porque el enfoque aquí es diferente, para enfatizar que nuestro fundador fue un mártir de lo cotidiano.

Todo hombre público está sujeto a oposición. Si este hombre público es un líder, mucho más, hasta ataques infundados de los oponentes caían sobre su cabeza. Cabe al hombre público saber mínimamente cómo convivir con esto y, cuando sea oportuno, defenderse. En nuestro caso aquí, estamos frente a un hombre y líder público. Sin embargo, me gustaría que dejáramos de lado este aspecto y volvámos nuestra mirada al hombre con coherencia y fidelidad en todas las pruebas y una sensibilidad única; para el hombre que ante todo tenía el corazón de un pastor. Solo desde esta mirada nos permite darnos cuenta de cuán enorme era su sufrimiento.

Muchas las veces que Scalabrini ha pedido, en persona o por carta, que la Curia y el Papa adopten posiciones firmes y públicas contra los radicales intransigentes cuando apelan a las mentiras y las calumnias. Con él, la moneda utilizada fue otra y, por regla general, tergiversaban, como lo demuestra lo que le dijo al cardenal Jacobini en una carta fechada el 8 de abril de 1883.

Recibí el tuyo el 2 del corriente mes de abril. Muy agradecido. Sin embargo, Permítame Excelentísimo, que con mi franqueza habitual le diga que decepcionó mi expectativa. [...] Con los documentos en mano probé todas las pruebas que el sacerdote Albertário publicó mentiras y calumnias sobre mí. [...] Ahora, su Excelencia me responde en términos totalmente vagos [...] (SCALABRINI, 1980, v.3, p. 318).

Si Scalabrini a veces fue duro con León XIII, como él mismo atestigua en cartas a Bonomelli, no hay ninguna razón por la que no debería decir aquí que León XIII, en momentos de la tormenta, fue injusto con Scalabrini. Si este no fuera el caso, en respuesta a una carta de Galimberti (cuando prácticamente

estaba actuando como Secretario de Estado), dirigida a Scalabrini a pedido de León XIII, de fecha 12.24.1886, solicitando que el tema de las elecciones se cerrara definitivamente, Scalabrini no habría dicho: “Confieso, con toda sencillez, que todavía no puedo convencerme de haber merecido los sinsabores que me causaron debido a este acontecimiento” (FRANCESCONI, 1985, p. 674).

Scalabrini declara que “todavía no” se convenció de los sinsabores que sufrió. ¡Convencerse que alguna vez mereció una injusticia, jamás! Pero no tengo la menor duda que más adelante entendió lo incomprensible.

Las turbulencias descritas anteriormente (ítems 7.2 y 7.3), aliadas a la ascensión del intransigente cardenal Rampolla al cargo de Secretario de Estado en 1887, hacen de este año un hito que se puede definir con la palabra GUIÑADA. Y para demostrar que el giro no fue de pocos grados, agregó que en ese mismo año el Santo Oficio condenó 40 propuestas de Rosmini. “Comparto plenamente tus temores sobre las consecuencias de la condenación de Rosmini; Yo, no soy rosminiano, en este momento lo temo con gran ansiedad” (S. a B. 28.03.1882).

Sin embargo, la palabra guiñada, ahora debe pasar al plural, ya que había dos. El primero, de parte de León XIII, está siendo totalmente acaparado por el ala más intransigente. Para ilustrarlo, traigo aquí lo que dijo Bonomelli, años después del último adiós de su amigo, en una carta enviada a la condesa Revel Parravicino en 24 de febrero de 1914: “Siempre es un misterio para mí si Rampolla conducía a León o si León demolía el revoque de Rampolla. La historia es la solución del enigma” (TRINCIA, 2004, p. 262).

La segunda guiñada, de parte de Scalabrini, que a partir de ahora centrará su atención cada vez más en las Misiones, un término con el que informa a Bonomelli cada vez que se refiere a sus proyectos relacionados con los migrantes, que, ya adelante, de que tampoco serán inmunes al dolor y los sinsabores.

Pero, más allá de la duda “bonomeliana”, Scalabrini supo inmediatamente cómo radiografiar la realidad y hacer el diagnóstico: “Los tiempos están madurando, sin embargo, no me parecen maduros [...]” (S. a B. 12.12.1887); y más adelante agrega: “Las tradiciones tienen más fuerza que la voluntad de la gente” (S. a B. 15.07.1903). ¡Que sabiduría!

La conversación [con el Papa], aunque bastante extensa, giraba casi por completo en torno al tema por el que estoy aquí: la Emigración (S. a B. 13.11.1887).

[...] Yo mismo me propuse no pensar en otras cosas además de mi diócesis, las Misiones y los amigos [...] (S. a B. 24.01.1897).

En cuanto a mí, [...] con respecto a los grandes eventos, aunque no soy indiferente, ya no me interesan tanto (S. a B. 11.08.1903).

El caso Miraglia

Estamos enfatizando que Scalabrini fue un hombre que enfrentó muchos sufrimientos. El caso Miraglia pudo haber sido la culminación de su terrible experiencia durante los años de su episcopado. No podemos dejar de lado una frase muy breve transcrita arriba: [...] “Me recomiendo **como nunca lo hice** a sus oraciones” (S. a B. 21.02.1896).

Una vez más, hago hincapié en que sería necesario un experto en la historia del tiempo aquí para colocar adecuadamente “el texto en su contexto”. Con esta advertencia en mente, me siento obligado a describir mínimamente los antecedentes que involucran más esta tormenta.

Podríamos comenzar diciendo que Piacenza fue, en cierto sentido, un campo minado bajo el aspecto político y lo fue, no por su importancia estratégica geopolítica, sino porque en ella residía un líder con visión estratégica. Dejemos que el Superior Provincial de los Carmelitas de Lombardía, el Padre Romualdo nos cuente, a través de una carta enviada a León XIII el 12.10.1884, cómo observó al obispo de Piacenza:

Si Monseñor Scalabrini fuera menos sabio, menos experimentado, menos activo, si tuviera menos tacto práctico con los asuntos del gobierno, si tuviera menos influencia en la opinión pública, sería dejado en paz [...], pero es uno de esos hombres, de esos que atrae la atención de los inteligentes [...] (FRANCESCONI, 1985, p. 907).

Si, por un lado, estaba en Piacenza este Monseñor, del otro lado, sin reprender a los intransigentes, los anticlericales surgieron con sus publicaciones. Además, sabemos cómo funciona cuando se trata de atraer lectores y luchar contra oponentes.

Omitiendo detalles, este es el caldo puesto sobre la mesa cuando Miraglia entra en escena.

Paolo Miraglia Gullotti, oriundo de Sicilia, fue ordenado a la edad de 22 años; contra la voluntad de su obispo, continuó estudiando. Se dedicó a los estudios bíblicos y ganó prominencia por su habilidad comunicativa, haciéndole comenzar a predicar de aquí, para allá. Afirmó ser su gran inspirador, Gerolamo Savonarola, quien denunció la corrupción del clero.

En 1894, el obispo de Nicosia, debido a ataques violentos contra el clero, lo suspendió de la predicación.

Cuando conoció a la superiora de las hermanas agustinas, Miraglia le dijo que durante diez años había sido perseguido por los celos del clero, pero que había llegado el momento de ponerle fin. La próxima vez que alguien lo contradijera, rompería con Roma. Una manía de persecución se apoderó de él.

Sucedió que al año siguiente fue invitado a predicar en mayo en la basílica de San Savino, diócesis de Piacenza. La invitación no podría haberse hecho sin la aprobación de la curia episcopal, ya que era alguien de fuera de la diócesis. El hecho es que, con su imponente oratoria y afirmando ser un reformador, atrajo la atención. Sin embargo, su tono controvertido y su bravuconería también atrajeron cartas anónimas en las que llamó "Mitraglia" [ametralladora] y, por supuesto, causaron preocupación con la curia Piacenza.

En esta ocasión, el obispo estaba ausente, se había ido a Francia el 15 de mayo, de donde regresó el 28 y se enfrentó a una prueba totalmente inesperada. ¿Por qué inesperado?

Pocas ciudades, pocas diócesis, como la nuestra, pueden estar orgullosas de no haber cedido ni un palmo de terreno al monstruo de la herejía. (Carta Pastoral de Scalabrini con motivo del reconocimiento público de las reliquias de los Santos Antonino y Vittore, 1880) (FRANCESCONI, 1985, p. 866).

La historia, mejor dicho, el dolor, se extiende durante un largo período que no viene al caso detallar aquí. Digamos que hubo muchos intentos de calmar el estado de ánimo, desde las solicitudes para abandonar la diócesis hasta los procesos y recursos de las distintas partes.

Apenas las autoridades locales, debido a que los hechos adquirieron un perfil religioso-político, prefieren acomodarse en el sillón con ganas de ver el circo en llamas y la prensa contraria a la iglesia, no dejaba de poner leña al fuego. La hoguera bien descrita por Bonomelli al indagar el perfil del rebelde en una carta a su amigo.

Estuvo [aquí] en junio y no sabía cómo deshacerse de él, eran ataques y más ataques contra todo y contra todos; traté en vano de calmarlo; mis palabras parecían como un soplo al fuego y prácticamente temí un evento en la oficina. No había argumentos, solo él existía en el mundo, todos los demás eran idiotas [...]. ¡Es un loco! [...] mantente fuerte y él terminará yendo a otro lado o cometerá una barbarie que le llevará a la cárcel. Esté atento, es una persona violenta que es capaz de provocar algo, un poco de vigilancia sobre él y sobre usted no hará daño a nadie. Manténgalo alejado (B. a S. 09.08.1895).

Con el paso del tiempo, Miraglia se volvió cada vez más loco y su postura cismática culminó en mayo de 1900 con la consagración episcopal que fue conferida por un estadounidense que vivía en Francia y afirmó ser arzobispo. Fue excomulgado por el Santo Oficio en julio del mismo año cuando estaba en Roma. Ha estado escapando y haciendo las suyas en varios países y sus últimos días los pasó en América del Norte.

Hubo quienes sospecharon que las cartas anónimas a la “Mitraglia” habían comenzado de los opositores del obispo, en una tramoya para instigar aún más la revuelta. Si esto es cierto o no, Scalabrini ya no lo merecía, especialmente teniendo en cuenta que los oponentes distantes podrían estar frotándose las manos.

Pero antes de terminar este viaje a través de las tormentas de nuestro marino, necesitamos probar con algunos condimentos este plato de especias amargas como fue el caso de Miraglia, no sin antes, ponerle unas ramitas de yerba buena.

Hasta octubre de 1895 Scalabrini no parecía haber notado lo amargo; esto es lo que aparece cuando le dice a su amigo Bonomelli: “El caso Miraglia no me provoca más que un gran disgusto” (S. a B. 25.10.1895). Días después, su paladar reveló el verdadero sabor del plato: “Ese sacerdote bastardo está tejiendo una verdadera corona de espinas con la audacia de un sectario nominado” (S. a B. 09.11.1895).

Mario Francesconi (1985, p. 903) afirma que, considerando la sensibilidad humana y religiosa del obispo, fue esta la humillación y el sufrimiento más agudos que aquejaron al prelado. Con este fin, trae evidencias de testigos. Destacamos dos de ellos:

Puedo declarar con pleno conocimiento de causa, que el Siervo de Dios sufría inmensamente, y más de una vez lo vi en una situación de provocar dolor, especialmente cuando

Miraglia se hizo consagrar obispo (F. Torta).
 Más de una vez lo encontré llorando [...] (L. Mondini).

Francesconi también dice que el médico de Scalabrini y la Casa Madre de la Congregación, doctor Luigi Marchesini, en varias ocasiones, dijo que el escándalo de Miraglia fue el desencadenante de la enfermedad que afectó su corazón. “Su salud se mantuvo muy inestable” (1985, p. 905).

Algunas ramitas de yerba buena:

[...] Debo decirte que, al menos hasta ahora, el Señor me ha dado tanta fuerza que apenas he sentido las fuertes puntadas. Me doy cuenta de que Dios me está guiando a través de una Providencia llena de misterios y siento, al menos tengo la sensación de sentirme, dispuesto para repetirme en cada evento: de esta manera, Padre, cómo fue de tu agrado (S. a B. 11.09.1895).

Dios realmente me está castigando y tiene mil razones. Sin embargo, me concede calma y tranquilidad muy peculiar. La copa que el Padre me dio, ¿no la beberé? (S. a B. 21.02.1989).

En cuanto a mí, en paz sufro amargamente mis penas (S. a B. 5º Jueves Santo, 1896).

Este año, el Señor quería visitarme con todo tipo de tribulaciones, pero la resignación y la calma me parece que nunca ha dejado de lado. [...] y así mismo sentía alegría (Scalabrini a L. Cornaggia Medici, 12.05.1896, apud FRANCESCONI, 1985, p. 905).

Considere siempre las cruces, las tribulaciones, las humillaciones, el desprecio como un valioso medio de santificación. No quejarme, no entristecerme, no desanimarme: ofrecer cada cosa en unión a los sufrimientos de Jesucristo (Nota tomada de los ejercicios espirituales de 1896, apud FRANCESCONI, 1985, p. 905).

El año que está por terminar estuvo lleno de cruces para mí, pero el más fecundo, gracias a Dios, de obras santas (Scalabrini a Zaboglio, 11.12.1896, apud FRANCESCONI, 1985, p. 905).

Vale la pena repetir lo que le dije a Bonomelli: “Una dosis de espiritualidad y de la refinada es el remedio para todos los males. ¡Créeme!” (S. a B. 24.01.1989).

Cierro este caso de las tormentas con la frase anterior porque, en el episodio de Miraglia, en ningún momento Scalabrini se mostró duro con el Vaticano. Me imagino que, si el cisma hubiera tenido lugar a principios de la década de 1880, él habría insistido firmemente con Roma para dictamine a su favor, para detenerlo con alguna medida que pusiera fin al caso lo antes posible; se extendió por cinco años.

Un frío analista podría alegar que no lo hizo así porque se sintió escaldado por los acontecimientos del opúsculo intransigentes y transigentes, y de las elecciones de 1886. La justificación no sería del todo despreciable para una visión sociológica. Prefiero creer que Scalabrini, después de la guiñada, cuando los horizontes adquirieron mayor amplitud, había alcanzado el cenit de la dosis elegante de espiritualidad que le aconsejaba a su amigo.

Scalabrini y las Misiones

Es posible imaginarnos cuánta felicidad y satisfacción le ha proporcionado el proyecto de las Misiones. ¡Centrémonos, por ejemplo, en la figura de Scalabrini al final de una conferencia sobre Emigración con personas desde afuera queriendo escucharlo! ¡Cuánta satisfacción! Pero si los momentos de felicidad se dejan en nuestra mente, algunos dolores e incomodidades él registró.

Comencemos por la homilía de junio de 1884 cuando, presidiendo la celebración del envío de nuevos misioneros del PIME, se expresó de la siguiente manera:

Circunstancias imprevistas surgieron [...] de hecho, la cruz de madera del misionero fue reemplazada por la de oro que cargo en mi pecho, lo que a menudo reclamo con las quejas con mi Dios, porque él quería darme está más que aquella (FRANCESCONI, 1985, p. 57).

Llegó el feliz día de enviar a sus primeros misioneros a Brasil. Felicidad que duró poco, como lo demuestra lo que le escribió a Simeoni el día 09.09.1888. En la carta informa que los enviados a Curitiba fueron recibidos con una fiesta; los que iban a Espíritu Santo aún no habían llegado, pero su paso por Río de Janeiro no fue auspicioso. “[El obispo de Río] les acogió diciendo que su misión sería muy, pero muy difícil, que no funcionaría, que, si fuera por él, habría expulsado a todos los italianos” (FRANCESCONI, 1985, p. 1025). Es

por eso que suplica a Simeoni que busque la forma para que el Papa envíe la carta a los obispos de América que a meses estaba sentado en la mesa del cardenal Jacobini. Perdóname, jeso me suena a sabotaje!

Al mes siguiente, en una carta publicada el 17 de octubre de 1988, le escribió al p. Francisco Zaboglio [en Estados Unidos]: “De todos los cohermanos enviados a Brasil, no tengo buenas noticias. [...] Los otros tres, destinados al estado de Espíritu Santo, no encuentran mucho apoyo del obispo y son hostilizados, por la espalda y, por los párrocos” (SCALABRINI, 1980, v. 1, p. 135).

Se suman los problemas financieros. La naciente Congregación surgió sobre la base de la Providencia, con serias dificultades financieras. Para afrontarlos, Scalabrini contaba con diez mil liras anuales que el mismo Papa le había asignado. Sin embargo, el 04.04.1889 lo vemos preguntando al cardenal Simeoni qué sucedió en relación con esta ayuda “porque los gastos son grandes y diarios y debo actuar seriamente para no atascarme en deudas” (SCALABRINI, 1980, v. 1, p. 241). El 15.01.1890 vuelve al tema y el 23.06.1891 le dice al mismo cardenal: “Estoy frente a grandes necesidades” (SCALABRINI, 1980, v. 1, p. 332).

Simeoni murió y tomó Rampolla en su lugar. El 06.09.1892 le escribió y le explicó que era “un estallido confidencial del corazón” (SCALABRINI, 1980, v. 1, p. 404). Narra lo que había estado sucediendo en relación con la ayuda prometida y dice que ni siquiera se le había dado una justificación y concluye: **“Digo todo esto sin lamentarme [...]. Sé que las obras de Dios nacen y crecen al pie de la Cruz y eso es lo que me consuela”** (SCALABRINI, 1980, v. 1, p. 405). E incluso tuvo que consolarse en la Cruz, ya que las diez mil liras no solo no llegaron a las manos de Scalabrini, sino que terminaron en las manos de un tal Coccolo, que tenía buena reputación entre los conservadores. Coccolo, a fines de 1905, en una iniciativa paralela a la de nuestro fundador, instituyó la Sociedad de Misioneros de Emigración para acompañar a los migrantes en la travesía y, en 1908, extendió la finalidad a los lugares de destino; también pretendió abrir una misión en el puerto de Génova, donde actuaba un padre scalabriniano, P. Maldotti. Todo esto con amplia difusión y apoyo del Vaticano, que ordenó la colecta en todas las parroquias italianas a favor de las obras de Coccolo, que fue sistemáticamente denegada a Scalabrini y San Rafael, incluso cuando la solicitud se envió por escrito y con la firma de 34 arzobispos y obispos italianos más reconocidos. Lo que sonaba como sabotaje, ahora se revela como una clara oposición.

Al menos de esa insatisfacción (y perdóneme si no puedo evitar decirlo) en mi opinión sarcástica, Scalabrini se vio libre, porque todo sucedió cuando ya estaba descansando en los brazos del Padre. Sin embargo, desde arriba, presenció y presencia – y fueron varias iniciativas dedicadas a la misma causa en su época – que la única que sobrevivió a las tempestades de los tiempos fue la suya, ahora la nuestra. Y porque es nuestra, depende de nosotros, en medio de las grandes e interminables cruces de los migrantes, recorrer los caminos por él señalado, siempre con una buena dosis de espiritualidad, esencialmente delicada, refinada.

En la secuencia, entramos no solo en momentos de dolor, sino en algo mucho más sutil – de humillación. Scalabrini escribió una carta al cardenal Rampolla en la que, entre otros asuntos, solicitaba al Papa que enviara una bendición especial a todos sus misioneros. No se puede creer la respuesta que le dieron:

Aprovecho esta oportunidad para decirles que ha llamado la atención de la Santa Sede que algunos de sus misioneros están difundiendo ideas liberales en Estados Unidos y, más específicamente, del desastrado opúsculo del Mons. Bonomelli, quien, como bien sabes, fue desaprobado por la Santa Sede y el propio autor. Por esta razón, el Santo Padre, muy preocupado por esto, me ordenó llamar seriamente su atención sobre este grave inconveniente y pedirle que tome medidas enérgicas para poner fin al asunto (RAMPOLLA, 1893. [Rampolla a Scalabrini, 04.04.1893]).

El consuelo de la bendición se ha desvanecido. Vuelvan a leer la última frase del párrafo anterior y preste atención a lo que Rampolla aún dirá. Mi impresión es que cuando despachó, y se dio cuenta de que se trataba de Scalabrini, en relación con ciertos temas, encerró sus cartas con un “Ctrl + C” y un “Ctrl + V”.

Pero Scalabrini no dejó pasar por alto:

La gravísima acusación que me hizo conocer, el 4 p.p. de abril “de parte de algunos misioneros” me causó mucho dolor, a pesar de que tengo razones para creer que no tiene ningún fundamento [...]. Pero si tienes información confiable, abre el juego, diciendo al menos en qué parte de América, en qué ciudad [...]. Usted sabe mejor que yo que las vagas acusaciones contra alguien, con la expresión de

algunos, no sirven para nada. Espero una respuesta para saber qué debo hacer (Scalabrini a Rampolla, 25.05.1893, apud CONGREGAZIONE SCALABRINIANA, s/d, s/p).

A lo que Rampolla respondió: “El Papa me ha confiado que le diga que confía en usted, en que continuara vigilando a los Misioneros en América para que no ofrezcan la más mínima excusa para las acusaciones que mencioné en una carta anterior” (RAMPOLLA, 1893. [Rampolla a Scalabrini, 12.06.1893]).

Los comentarios a esta altura son innecesarios, pero Rampolla, el intransigente, tuvo otra oportunidad de tratar a Scalabrini como un niño. Resalto, utilizo esta expresión no porque el texto no le dé un carácter académico, sino porque trato de mencionar lo que estaba sucediendo en el íntimo de nuestro personaje, como escribió al colega de Cremona: “[...] ¡puedes imaginar qué tipo de juicios sobre nosotros! Se extenderán por ahí, como siempre, para que seamos castigados (como los niños en guarderías) [...]” (S. a B. 01.02.1883).

Previamente, los antecedentes de otro despecho. El Arzobispo de Nueva York, quien estableció una relación amistosa con Scalabrini y expresó su total apoyo a su proyecto a favor de los inmigrantes, debido a un contratiempo, tomó una decisión apresurada que lastimó mucho al fundador. Entre los primeros misioneros enviados a los Estados Unidos en 1888, el padre Morelli, se estableció en Nueva York, después de haber sido el primer provincial. Excelente misionero en el trato con la gente, pero carente de visión en la parte administrativa. Comenzó la construcción de una iglesia contrayendo deudas por encima de las posibilidades de pagarlas. Mons. Corrigan se puso nervioso, lo sacó de la dirección de la Iglesia y vendió el terreno con la construcción en andamiento.

Scalabrini sintió dolor en el pecho, ya que Corrigan hasta ahora solo había elogiado a los misioneros y fue duro, diciendo, entre otras cosas: “Para mí es una cuestión que involucra personas y dignidad, no es una cuestión de dinero” (Scalabrini a Corrigan, 05.02.1894, apud SCALABRINI, 1983, v.2, p. 32). El arzobispo respondió:

Si usted decidió retirar a los misioneros para enviarlos a otros lugares donde las dificultades económicas son menores, quién sabe, ¡esta puede no ser la mejor solución! [...] En cuanto a São Rafael, no veo otra opción que entregarlo a un estadounidense, al menos para administrarlo económicamente (CORRIGAN, 1894. [Corrigan a Scalabrini, 22.02.1894]).

Una vez que el polvo de la desgracia se había asentado, o la nube que nublaba el cielo, como ambos mencionaron, los dos volvieron a abrazarse como antes.

Con Rampolla, el polvo no se asentó, al contrario, continuó con el ventilador encendido y aprovechó la señal para humillar nuevamente al padre de los migrantes:

[...] como es fácil entender, en muchas personas, el descrédito que la Iglesia Católica puede sufrir en aquellas regiones y los prejuicio al Instituto que usted ha fundado, sabiendo que lo que sucedió se debe a la poca o ninguna capacidad del Superior de esa ciudad. Aunque no dudamos de que usted ya está enterado del asunto, así mismo, no puedo evitar llamar su atención diciendo que el Santo Padre ha expresado el deseo de que tome las medidas necesarias para evitar que ocurran eventos similares (Rampolla a Scalabrini, 23.11.1893, apud FRANCESCONI, 1973, p. 158/9).

Luego, nuestro fundador respondió:

Lamentablemente fue cerrada, no la iglesia italiana, sino un comienzo de la iglesia. [...] me despojé de todo. [...] Las acusaciones de liberalismo me hirieron profundamente. Pero no quiero quejarme. Sé que las obras de Dios brotan al pie de la Cruz y crecen bajo la ardiente prueba de fuego de las tribulaciones. Cuando el Santo Padre me pidió que pensara en esta necesidad, acepté las cruces que me sobrevendrían y sentí tanto dolor que tuve fiebre durante dos días. Pero basta: pongo todo en manos de Dios y en aquellas del Santo Padre. Me dedicaré al máximo, haré lo mejor que pueda para que todo sirva a la mayor gloria de Dios y para el bien de las personas que esperan la misericordia divina (SCALABRINI, 1893. [Scalabrini a Rampolla, 30.11.1893]).

Pido permiso para abrir otro paréntesis. Si me pidieran que produjera el documento de identidad de nuestro fundador, al frente, junto a la foto, yo imprimiría el escrito de la Estación de Milán. ¿Por qué? Porque la Estación de Milán nos permite hacer la secuencia de ADN de la persona Scalabrini.

Ojos > ver; corazón > sentir; cabeza > analizar; manos > actuar.

- Vi una escena en Milán hace varios años [...]. Al pasar por la estación, vi en la antesala, vi gente, vi sus rostros surcados, vi la conmoción de los sentimientos, vi a los emigrantes.
- Me dejó un sentimiento de profunda tristeza. Partí conmovido. Una ola de sentimientos tristes invadió mi corazón.
- Frente a esta realidad, me pregunté y me pregunto nuevamente.
- ¿Qué solución se debe buscar? ¿Qué hacer para socorrerlos? [Fundé dos sociedades, una para sacerdotes y otra para laicos].

Al dorso, imprimiría la respuesta dada anteriormente a Rampolla. En mi evaluación, las breves líneas ahí contenidas en él también reflejan rasgos innegables de su ADN: personalidad fuerte, sincero y sensible, mucho dolor en el alma, respeto a la figura del Papa como un icono de unidad, confianza plena en Dios y una entrega total: “me despojé de todo”. Solo observaría la ausencia de un detalle: la del perdón. Siempre dijo que condenaba el pecado, no al pecador. Fue así con Albertário, pero no viene al caso narrarlo aquí.

El 15 de marzo de 1892, Scalabrini envió una carta a los misioneros en los Estados Unidos expresando su deseo de visitarlos al año siguiente. No fue posible. A fines de 1897, en vista de las dificultades que surgieron allí, especialmente cerca del puerto de Nueva York, donde estaba presente San Rafael (devotaba un afecto especial a esta misión), decidió hacer una visita in situ con prontitud. Pide a Roma permiso inmediato para ausentarse de la diócesis durante unos meses. ¿Adivinen? Solo consiguió embarcarse el 18 de julio de 1901. No tengo más dudas: somos herederos de un proyecto, aprobado y apoyado por León XIII y Pío X, pero sistemáticamente sabotado en los pasillos.

Los caminos recorridos por nuestro personaje eran sinuosos; algunas curvas podrían haber sido más suaves, como él mismo los dice, en un arranque sutil, explica al confidente: “Si ese bendito Agliardi hubiera aceptado el puesto de secretario [...] tal vez las cosas se habrían abordado de una mejor manera. En cambio... ¡Basta! Que Dios nos cuide” (S. a B. 11.08.1903).

Podría seguir narrando otros dolores que calaban hondo en el alma del mártir del cotidiano, como las historias que vinieron del otro lado del Atlántico a través de sus misioneros, ponderando que la cantidad no es sinónimo de calidad, elijo cerrar las cortinas, no sin antes extender una invitación a todos.

Invitación inusitada

Tenga en cuenta que no trato con la hipnosis, pero me atrevo a lanzar una invitación inusitada: regresar en el tiempo y el espacio a un lugar geográfico distante y revivir un momento histórico peculiar. ¿El lugar? La catedral de Piacenza y sus alrededores. ¿El momento? Las celebraciones de un Jubileo Episcopal. ¿La fecha? 15, 16 y 17 de junio de 1901. ¿El personaje en foco? Juan Bautista Scalabrini.

¿Y el clima? Hubo dos: el meteorológico y el que dominó el aire alrededor del evento, ambos intrínsecamente mezclados.

El que da fe del segundo (nota, tres meses y medio de anticipación) es el mismo obispo cuando, el 3 de marzo de 1901, indagado por Bonomelli, si era cierto que sería arzobispo de Rávena, él respondió:

Cambiar de diócesis a los 62 años, con tantos compromisos bajo mi directa responsabilidad, en un momento en que mi hermoso clero y mi querida gente se están preparando con toda dedicación para las celebraciones de mi Jubileo, no, no, no es posible (S. a B. 03.03.1901).

En relación al primero, para escapar del rigor del invierno, las celebraciones no tuvieron lugar en enero, el mes de la consagración episcopal, sino en junio, a mediados del verano en Europa.

Hubo tres días de ambiente y conversaciones engalanadas, más que merecidas; en el tercero, la solemne celebración religiosa presidida por el homenajeado.

Fantaseando: alrededor del altar, una docena de obispos, sacerdotes, muchos sacerdotes, sin mencionar a los monaguillos. En las primeras filas, las autoridades civiles.

A un lado de la iglesia, en su interior, mujeres, entre ellas madres, muchas madres amamantando bebés y con un brazo sosteniendo a otros pequeños en un estado permanente de inquietud, algunos llorando. Otras mujeres, volviendo la mirada hacia ellas, y aún otras, con la cabeza en las tareas del día, especialmente aquellas que las esperaban tan pronto como terminaba la ceremonia del templo.

Por otro lado, hombres, muchos hombres, junto con sus hijos mayores. El cuerpo presente, semblantes de atención, pero muchos cerebros revolando, cuando no se sienten presionados por el deseo de dar unas tragadas con la pipa. Otros hombres, preocupados por el ceremonial, con la atención permanente en los detalles para que todo suceda conforme lo ensayado.

En casos similares, créanme, la atención se centra más en lo que viene después que en lo que está sucediendo. ¿Será que fue diferente esta vez?

La misa terminó, nadie dio un paso atrás. El homenajeado tomó la palabra para agradecer todo y a todos. Adelanto, que, si no arruinó la fiesta, ¡fue por un hilo! También podía, no cabía su corazón en el pecho y, imagino, sin darse cuenta, expresó con todas las letras el sentimiento más profundo que se encontraba en su alma.

Por otro lado, también soy capaz de imaginar que el daño de la palabra no ha sido mayor o no haya tenido una gran repercusión entre los oyentes porque no es difícil comprender lo que sucede en una iglesia abarrotada, con una ceremonia alargada, en un día de calor eminentemente festivo. Además, un día marcado por la emoción, no por la razón. Era un día de fiesta, una fiesta rara, el Jubileo del Obispo.

Sin embargo, me cuesta creer que nadie se haya dado cuenta de lo que dijo el homenajeado. Estos, a la hora del almuerzo, la comida no le abra caído bien.

Imaginemos una gran familia. Los hijos, junto con los cuñados, yernos, nueras y nietos deciden organizar una gran fiesta para los padres con motivo del aniversario de bodas de oro. En una ceremonia previa al almuerzo, se piden a los homenajeados que digan algunas palabras. Es el turno de la madre: “Les agradezco por esta maravillosa fiesta, pero no puedo mentirle a nadie, si este día es motivo de alegría para todos ustedes, para mí no pasa de recuerdos tristes de las veces que fui traicionada...”. ¡Almuerzo frustrado!

Ahora, con la palabra nuestro homenajeado. Sin embargo, para no exceder los pocos segundos que las mentes electrónicas de hoy pueden concentrarse, le pedimos que se pronuncie lo más breve posible.

Verdaderamente habría sido mi deseo (y Dios lo sabe) que este feliz acontecimiento pasara desapercibido. Pero, ¿cómo dictar la ley al amor? [...] Los años de episcopado, hoy motivo de celebración, para mí no pasan más que agonía y tormento. Hoy, más que nunca, siento la enorme responsabilidad que recae sobre mis hombros. [...] Y si el futuro me aterroriza, el pasado me humilla profundamente y me preocupa (SCALABRINI, 1980, v.13, p. 300/1).

No me cabe a mí agregar más palabras, así que recorro a lo que Dostoievski (2002, p. 245) en su obra *Crimen y Castigo*, dijo sobre las personas que pactan inteligencia al corazón: “*El sufrimiento y el dolor son inherentes a una*

amplia conciencia y a un corazón profundo” y prosigue, a través del discurso del personaje central del libro, Raskólnikov: “En mi opinión, los hombres verdaderamente grandes deben padecer grandes dolores en este mundo”.

A modo de despedida...

No fue fácil vigilarme durante la construcción de este texto. La tentación de deslizarse por otras veredas fue grande, pienso que muchos otros ya los han recorrido. Lo que es seguro es que todavía hay frutos para agregar a la torta, todavía hay aceitunas para complementar la ensalada. Sin embargo, un solo confitero o un solo maestro difícilmente podrá servir el banquete completo. Lo esencial es no disociar un ingrediente de otro, ni exagerar un condimento a expensas de otro.

Estamos felices de tener en el Beato Juan Bautista Scalabrini una de las fuentes que ayudan a irrigar tantas sedes de cuerpo y alma. Recordemos siempre que ser fiel a Scalabrini no es imitarlo, es seguir los pasos que él ha trazado.

Solo me resta soplar, desde el fondo de mi corazón, para que los scalabrinianos/as, a pesar de nuestra pequeñez, consigamos hacer con que, allá en lo alto, con el pecho hinchado, frotando las manos de felicidad y una sonrisa en el rostro, alguien pueda pronunciar dos palabras que la historia sustrajo insistentemente de su boca: *sono lieto*, (encantado) ¡estoy feliz!

Referencias

- COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, decretos, declarações. *Gaudium et Spes*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 143.
- CONGREGAZIONE SCALABRINIANA. *Scalabrini, Leone XIII e Mariano Rampolla (1887-1894)*. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/it/document/read/16026627/scalabrini-leone-xiii-e-mariano-rampolla-congregazione->>. Acesso em: 02.05.2020.
- CORRIGAN, Michael Augustine. Carta. Destinatário: G. Scalabrini. s/l, 22.02.1894. In. ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO (AGS). Roma, s/d, s/p.
- CUTTI, Dirceu (org.). *Correspondência Scalabrini-Bonomelli: Controvérsias com os intransigentes*. São Paulo: CEM/Missão Paz, 2019.
- FRANCESCONI, Mario (a cura di). “Un progetto di Mons. Scalabrini per l’assistenza religiosa agli emigrati di tutte le nazionalità”. *Studi Emigrazione*, Roma, anno IX, n. 25-26, marzo-giugno, 1972, pp. 185-203.
- FRANCESCONI, Mario (a cura di). *Storia della Congregazione Scalabriniana*. Vol. II. Organizzazione interna e Prime Missioni negli Stati Uniti (1888-1895). CSER, 1973. Disponível em: <<http://simn-global.org/wp-content/uploads/2019/04/Wholebook.pdf>>. Acesso em: 20.05.2020.
- FRANCESCONI, Mario. *G. B. Scalabrini*. Roma: Città Nuova Editrice, 1985.
- RAMPOLLA, Mariano. Carta. Destinatário: G. Scalabrini. s/l, 04.04.1893. In. ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO SCALABRINIANA (AGS). Roma, BA 02-15-12.
- RAMPOLLA, Mariano. Carta. Destinatário: G. Scalabrini. s/l, 12.06.1893. In. ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO SCALABRINIANA (AGS). Roma, BA 02-16-03.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. Carta. Destinatário: M. Rampolla. s/l, 30.11.1893. In. ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO (AGS). Roma, AGS/BA7 02-17-09c.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. *Scritti*. V. 1, L’Emigrazione e I Missionari di San Carlo I, 1887-1892. Roma: Congregazione Scalabriniana, 1980.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. *Scritti*. V. 3, Carteggio Scalabrini-Bonomelli e Controversie con gl’intransigenti. Roma: Congregazione Scalabriniana, 1980.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. *Scritti*. V. 4, Lettere I. Roma: Congregazione Scalabriniana, 1980.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. *Scritti*. V. 7, Pastoralis I, 1876-1883. Roma: Congregazione Scalabriniana, 1980.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. *Scritti*. V.13, Discorsi IV. Roma: Congregazione Scalabriniana, 1980.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. *Scritti*. V. 2, L’Emigrazione e I Missionari di San Carlo II, 1893-1905. Basilea: CSERPE, 1983.
- TONIOLO, Giuseppe. Carta. Destinatário: Rinaldi M. s/l, 01.11.1911. In. ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO SCALABRINIANA (AGS). Roma, AGS / DE 48-09-01.
- TRINCIA, Luciano. “Galimberti e il nucleo tedesco: un potere parallelo?” *Mélanges de l’école française de Rome*. 116-1, 2004, p. 255-279. Disponível em: <www.persee.fr/doc/mefr>. Acesso em: 02.05.2020.

SCALABRINI
uomo di dolori e disagi
– martire della vita quotidiana –

Dirceu Cutti

Traduzione: P. Diógenes Casaril, cs

SOMMARIO

Presentazione.....	119
Prefazione.....	121
Chiarendo l'ambiente	123
Come ci avviciniamo a Scalabrini.....	124
Come Scalabrini viene presentato ai principianti	125
Viaggiando nel tempo	126
Contesto ampio	126
Contesto italiano	127
Contesto <i>ad intra ecclesia</i>	129
Che uomo è stato questo?.....	133
Un uomo legato al passato.....	133
Un uomo coinvolto nel presente.....	133
Un uomo catapultato nel domani	133
Scalabrini nel <i>Carteggio</i>	137
Marinaio in situazioni tempestose	143
Il caso Rocca	143
Il caso dell'opuscolo "Intransigenti e Transigenti"	144
Il caso delle elezioni del 1886.....	147
Il caso Miraglia	152
Scalabrini e le Missioni	157
Invito insolito.....	162
A modo di congedo	165

*“Se lei lo sa, lo sa,
ma non sapendo, non mi capirà.”*

(João G. Rosa. *Grande Sertão: Veredas*. RJ: Nova Fronteira, 21ª ed., 2015, p. 135).

*“Nessuno può sentire nelle cose, anche nei libri,
più di quanto già sa.
Per quello a cui non si ha accesso per il vissuto,
non si ha orecchio.”*

(Fiedrich Nietzsche. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, [1888] 1999, p. 424).

Presentazione

Voglio iniziare questa presentazione con le ultime due parole dell'autore di questo testo: Sono lieto! È davvero una gioia poter esprimere qui qualcosa di Dirceu e del suo scritto, per tre motivi:

In primo luogo perché è stato fratello, amico e compagno di viaggio fin dagli anni 1980, rivelando la sua passione per la causa dei migranti con lo spirito di Scalabrini, lavorando nel Centro Studi Migratori (CEM), nella Casa del Migrante e nelle Case di Formazione.

La seconda ragione della mia gioia è l'esperienza di oltre dieci anni in cui ho accompagnato il Movimento Laico Scalabriniano. In questo tempo, Dirceu – con il suo modo saggio, semplice, critico e profondo – ha svolto un ruolo importante nel cammino dei laici ai loro diversi livelli: nell'organizzazione, nei coordinamenti e nei servizi di consulenza.

Il terzo si riferisce al momento in cui ho ricevuto un bellissimo regalo dalle sue stesse mani, la traduzione del *Carteggio* (corrispondenza tra Scalabrini e Bonomelli), un'opera che dopo tanti anni di lavoro gratis, nel silenzio delle notti e delle albe, è venuta alla luce nella versione portoghese.

Nelle presentazioni della pubblicazione del libro, in cui ho avuto la gioia di essere presente – sia negli spazi popolari che in quelli accademici – ho ascoltato presentazioni appassionate che mi hanno spinto a leggere subito il *Carteggio*. Ma confesso che molto di quello che lui ha detto, non l'avevo letto da nessuna parte. È da questo che ho avuto l'idea di invitarlo a mettere su carta il contenuto dei discorsi.

Fortunatamente per noi, ha accettato prontamente e poco dopo ho ricevuto il suo scritto in prima persona. Immaginavo che non sarebbero state più di quattro o cinque pagine. Mi sono sbagliato. Mi sono subito reso conto che le parole che ho sentite erano solo antipastie ho anche capito l'originalità del testo già stampata nel titolo stesso. Dirceu, attraverso le lettere che il nostro fondatore ci ha lasciato e alcuni fatti storici che hanno attirato la sua attenzione, ci offre un volto nuovo di Scalabrini, quello di un uomo segnato da dolori e da disagi, definito quindi “martire della vita quotidiana”.

Confesso anche che ancora prima di finire la lettura mi sono reso conto che il testo meritava di essere pubblicato. Più tardi mi sono chiesto: perché non farlo in più lingue? È così che è nata questa edizione, in tre versioni (portoghese, spagnolo e italiano) che ora mettiamo a disposizione di tutti affinché godano la sua lettura. L'autore dice che è una “semplice

testimonianza “, ma è molto di più, è il frutto di una percezione di chi ha approfondito la comprensione della persona che è il nostro fondatore. Vi informo che questo secondo scritto di Dirceu può e deve essere considerato la prefazione della traduzione del *Carteggio*.

Vi invito infine a intraprendere il viaggio ricco di paesaggi e di immagini che la lettura offre, perché dietro ai dolori e disagi risplende la speranza sotto forma di poesia.

P. Mario Geremia, cs

Prefazione

La beatificazione di J. B. Scalabrini, il 9 novembre 1997, dal Papa Giovanni Paolo II, portò, come non poteva non essere, un nuovo ossigeno all'intera Congregazione Scalabriniana. Questo soffio dello spirito è dovuto a diversi fattori, tra i quali è necessario riconoscere il grande entusiasmo del Movimento Laico Scalabriniano (MLS). A quel tempo, ho sentito da diversi confratelli l'affermazione che "i laici ci hanno aiutato a riscoprire il Fondatore".

Da parte mia, se voglio essere sincero e senza alcuna pretesa di umiltà (o falsa umiltà), devo ammettere che una persona, in particolare, mi ha fatto capire questo nuovo respiro che ci ha riportato alla fonte, nutrendo la spiritualità dei missionari scalabriniani e nutrendo anche la forza di un carisma che si rivela sempre più attuale e dinamico. Mi riferisco all'amico e fratello Dirceu Cutti. Da lui posso dire che mi sono arrivati elementi per guardare il Fondatore con una nuova luce e una maggiore luminosità.

A capo del MLS, e invitato ad aiutare nella formazione dei seminaristi, Dirceu godeva di un bagaglio concreto e di lunga data nel servizio pastorale ai migranti e, allo stesso tempo, uno studio sistematico della emigrazione nella conduzione della Rivista *Travessia*, pubblicata dal Centro di Studi Migratori (CEM). Inoltre, da molto tempo veniva leggendo devotamente P. Mario Francesconi, insieme ad altri scritti di Scalabrini. Tra questi ultimi, appare in modo speciale il *Carteggio Scalabrini-Bonomelli (1868-1905)*. In esso Dirceu si tuffò, bevve, si innamorò e riversò il contenuto nella lingua portoghese.

Si innamorò non di uno di questi "santi" angelici, alati, con abiti bianchi e aureola. Quelli che nascono già con una sorta di bacchetta magica e che, fin dalla culla, si moltiplicano miracoli e parole misteriose! Ciò che sorprese l'autore di questo articolo fu un uomo con i piedi e le mani saldamente attaccati alla superficie complessa e contraddittoria della terra, dove scorrono lacrime, sudore e sangue. Un uomo che, con il cuore, la mente e l'anima, ha saputo immergersi nei dolori, nelle lotte e nelle speranze della storia, leggere le sue lotte e conflitti interpretando le luci e le ombre che in essa si incrociavano e si alternavano.

Un "santo" che non è sceso improvvisamente dall'alto, come un messaggero immediatamente riconosciuto dal cielo, senza la macchia del peccato originale. No, niente affatto! Al contrario, il laborioso cammino verso la santità è stato forgiato nei sotterranei umidi e oscuri della storia, sia in un tempo scosso dalla Rivoluzione Industriale e dai suoi effetti, sia

nelle faticose e incerte strade intraprese dagli emigranti che hanno lasciato il vecchio continente. Lì ha messo radici profonde, in modo che, come il fiore, la spiga e l'edificio, si alzò verso l'aria aperta.

Più che leggere le tracce dei migranti nella corrispondenza tra Scalabrini e Bonomelli, Dirceu si incontrò col cuore vivo e pulsante del Fondatore. Un cuore che pulsava e soffriva al ritmo di un periodo segnato da contrasti e turbolenze. E che, nelle lettere all'amico pastore, mette a nudo esperienze, sentimenti, emozioni e molta, molta preoccupazione per la direzione della Chiesa e della storia. Dirceu, possiamo dire, si inciampò nella figura di Scalabrini: uomo di Dio, del suo tempo, della Chiesa e della moltitudine dei senza patria. Le lettere rappresentano una sorta di specchio vivente e trasparente per leggere i "segni dei tempi" di questo momento di transizione. Ma è necessario intuire ciò che dicono i loro silenzi, sospiri tra le righe.

È qui che Dirceu arriva sulla scena. Leggendo e traducendo queste lettere con gli occhi del cuore, ha potuto vedere, al di là del senso letterale, qualcosa che esse non spiegavano, ma che si esprimeva nello sguardo attento, lucido e compassionevole di Scalabrini davanti al suo tempo e ai suoi eventi. Per concludere, prendendo in prestito lo stesso sguardo del Fondatore, Dirceu ricomponne il panorama storico della fine dell'Ottocento e dell'inizio del Novecento, con i suoi intrighi e interessi mescolati, sia nella Chiesa che nella società. Con questi occhiali più ampi, il lettore sarà meglio in grado di rileggere le lettere nel contesto sociale in cui sono state scritte e assaporare il condimento della sua preoccupazione pastorale ed evangelica.

*P. Alfredo José Gonçalves, cs
Rio de Janeiro, maggio 2020*

Chiarendo l'ambiente

Nella vita a volte accadono cose inaspettate, come lo scambio di sguardi tra due sconosciuti che, dopo un certo tempo, arrivano magari a celebrare il loro matrimonio.

Nella mia presentazione della traduzione del *Carteggio* (corrispondenza tra Scalabrini e Bonomelli) in portoghese, ho descritto come è stato il mio avvicinamento a Scalabrini, qualcosa di inaspettato, simile allo scambio di sguardi.

Il 20 gennaio 2020, ancora una volta inaspettatamente, ho ricevuto un messaggio da un membro della Direzione Generale degli Scalabriniani che mi invitava a scrivere “quattro scarabocchi” intorno alla persona del nostro fondatore. Devo chiarire subito con tutta sincerità che io non sono un esperto in materia; tuttavia mi trovo meno sprovvisto della volta precedente. Inoltre, ho accettato l'invito perché in occasione delle varie divulgazioni fatte della traduzione, alcuni hanno detto che stavano ascoltando qualcosa di diverso e mi hanno incoraggiato a mettere per scritto il contenuto del discorso. Confesso che non so cosa viene detto in giro (nella mia vita ho sentito solo due lezioni), di ciò che è scritto e del poco che ho letto, è ciò che è disponibile a tutti. Comunque, cercherò di “immobilizzare ciò che sta a pulsare”. Mi spiego: negli interventi che ho fatto qua e là ho sempre avuto in mano non più di un pezzo di carta contenente note sparse, come aiuto alle mie narrazioni.

Per me lo scritto che impedisce sentire il tono della voce, che nasconde la brevissima pausa di silenzio quando questo è più eloquente delle parole, che rende impossibile l'incrocio degli sguardi e tanti altri ricchi dettagli che il discorso rende invece possibili, corre il rischio di limitare la trasmissione di un messaggio e, se non proprio così, può ingessarlo. Inoltre, il testo scritto, ad eccezione della poesia, del racconto, della cronaca e per estensione della letteratura, impone al libero volo del fascino dell'anima, il primato della razionalità logica. Detto questo, dal momento che è difficile dire di no agli amici, ho permesso alle mie dita di giocare con la tastiera.

Vi avverto subito: per me, non sono state le azioni di Scalabrini a colpirmi di più, è stata invece la sua persona; non è stato tanto quello che si disse su Scalabrini, è stato piuttosto quello che Scalabrini ci ha lasciato detto.

Ciò che segue, lungi dall'essere un materiale per lo studio, è più vicino a una semplice testimonianza. Senza abusare di Scalabrini ma, parafrasando, direi: “*tutto buttato giù*”.

A questo punto, altro non mi resta che dare credito alle informazioni che porto. In primo luogo, alla “biblioteca ambulante” che ci ha già lasciato il caro e compianto P. Mario Francesconi; in secondo luogo alla lettura di una

parte degli *Scritti* di Scalabrini compilati dalla Congregazione nel 1980, tra cui si trova il *Carteggio* che è la base della mia traduzione. Mi dispiace solo di aver avuto accesso alla brillante pubblicazione ampliata di questo, effettuata nel 1983 sotto il coordinamento di Carlo Marcora, quando il mio lavoro era già stato compiuto. Per risolvere piccole difficoltà ho fatto anche ricorso a P. Giovanni Terragni direttore del Archivio Generale Scalabriniano (AGS) e alcune collezioni digitali.

Come ci avviciniamo a Scalabrini

Scalabrini, per la sua importanza nella storia della chiesa italiana nella seconda metà del XIX secolo, per le sue iniziative in campo sociale e, soprattutto, per il suo legame in uno dei settori nevralgici della modernità, i migranti, merita di essere contemplato da varie angolature del sapere. La sua vasta opera e la sua posizione di fronte alle sfide del suo tempo, offrono un ampio campo di ricerca ai sociologi e agli storici della Chiesa.

In primo luogo, però, è nostro compito come scalabriniani, saper inseguire tutta la ricchezza che il nostro fondatore ci ha lasciato. Ma a noi, proprio a noi, perché è doveroso trovare in lui una fonte di spiritualità, abbiamo davanti un'esigenza molto grande e cioè quella di riavvicinarci alla persona di Scalabrini, al di là dell'uomo pubblico che ha segnato il suo tempo.

Dove lui si rivela con più chiarezza, dove si svela? Senza essere semplicistico ed evasivo, direi: in tutto! Ma guardate la nostra fortuna e faccio un esempio: quando un'azienda vuole oggi assumere un professionista di alto livello ciò che esamina per primo nel candidato sono i suoi social network. Il curriculum è certamente importante ed è sempre richiesto, ma non dice i valori che orientano il candidato, le sue reazioni di fronte ai problemi, il suo centro d'interesse, ecc. Cioè se il curriculum dice quello che il candidato **sa**, i social network dicono **chi è lui**.

Scalabrini, oltre ad un vasto curriculum, fornisce a tutti noi l'accesso gratuito al suo *WhatsApp*, cioè alla sua corrispondenza, in particolare quella confidenziale, in cui a volte raccomanda al destinatario che, dopo averla letta, la bruci o non riveli a nessuno il suo contenuto, "*ciò anche a quiete di coscienza*", come dice in una lettera (Scalabrini a Bonomelli, [gennaio 1886], apud CUTTI, 2019, p. 179)¹.

È su questo percorso che mi azzardo a muovere alcuni semplici passi. Prima, però...

¹ Per evitare una ripetizione esaustiva di questa fonte (CUTTI, 2019), tutte le citazioni della corrispondenza tra Scalabrini e Bonomelli appariranno solo con le iniziali dei rispettivi nomi accompagnato dalla data, come segue (S. a B. giorno, mese, anno).

Come Scalabrini viene presentato ai principianti

La sua biografia inaugura qualsiasi discorso. Le Visite Pastorali e il rinnovamento della Catechesi sono due delle tre priorità che ha scelto quando era Vescovo della diocesi di Piacenza e che meritano sempre una particolare attenzione. Per quanto riguarda la terza, la formazione del clero, è poco menzionata. Il suo molteplice impegno nel campo sociale merita una notevole importanza, e, a partire da ciò, si entra in quel campo considerato il nocciolo della sua eredità, che a me piace definire come la priorità “non pianificata” – i migranti – con tutte le conseguenze che ne derivano: la lettera dalla Stazione di Milano, le conferenze e gli scritti sull’emigrazione, le proposte di legge, la fondazione delle Congregazioni e della San Raffaele, i viaggi attraverso l’America, il Memoriale che indica la necessità della Chiesa di accompagnare tutti i migranti; e infine, quello che Scalabrini dice che è alla base di tutto: “quello che ho visto, sentito e vissuto”.

Quanto qui sopra descritto rappresenta un “materiale a non finire” lo dimostrano le varie pubblicazioni che sono già state rese pubbliche. Ma il suo *WhatsApp*, la sua corrispondenza ci permette di scavare ancora più a fondo. Qui ci troviamo davanti ad un uomo non solo profondamente immerso nelle contraddizioni del suo tempo, ma anche a partire dall’apparentemente insignificante, abbiamo la possibilità di toccare l’anima del figlio di Luigi Scalabrini e Colomba Trombetta.

È stato lui che, premendo l’acceleratore e frenando spesso nelle curve pericolose della storia, ci lasciò detto: “Dobbiamo altresì esser uomini del nostro tempo. [...] il mondo cammina e noi non dobbiamo restare addietro [...]” (FRANCESCONI, 1985, p. 792/3). Questa frase è stata pronunciata da uno che ha compreso a fondo che i cambiamenti del proprio tempo erano cambiamenti di paradigma e quindi richiedevano menti aperte e maniche rimboccate. Tuttavia il terreno su cui si muoveva era, sotto vari aspetti, un terreno minato. Come uomo d’avanguardia non si tirava in dietro in ciò che credeva fosse essenziale. Per esempio entrò corpo ed anima nella lotta per la risoluzione della Questione Romana, ma fu sconfitto. Ha combattuto dure battaglie contro coloro che non solo frenavano, cioè gli intransigenti, ma anche perseguitavano coloro che camminavano, raccogliendo così per se stesso nient’altro che dolori e disagi. E dalla sua attività quotidiana come pastore accumulava stanchezza su stanchezza.

È stato proprio quest’uomo dei dolori e dei disagi, segnato spesso dall’esaurimento fisico che ho incontrato nella corrispondenza e in particolare nel *Carteggio*! Ma cos’è il *Carteggio*? Facendo un paragone,

possiamo definirlo come un ritratto di fiamme di fuoco che hanno marcato un certo periodo della storia della Chiesa. Fiamme in cui Scalabrini, con prudente tatto, con visione strategica e soprattutto con polso fermo, si è coraggiosamente immerso corpo e anima. Immersioni, però, che gli hanno causato più volte ustioni di terzo grado.

Per capire bene il senso delle fiamme (lettere) è necessario conoscere prima da quale legna vengono alimentate; in altre parole, dobbiamo minimamente inquadrare il testo nel suo contesto.

Viaggiando nel tempo

Il compito di contestuare il testo non è così semplice perché si corre sempre il rischio di rendere lineare ciò che è sinuoso e soprattutto pieno di contraddizioni come sono i processi sociali. Evidentemente questo compito non spetterebbe proprio ad un “laico”, ma a uno specializzato nella materia. Considerato, però, che questi “quattro scarabocchi” non hanno alcuna pretesa accademica, mi azzardo a tracciare quella che chiamerò una “caricatura dell’epoca”.

Ciò è necessario perché la forza più grande di tutto quello che Scalabrini dice e fa, scaturisce dal suolo da lui percorso. Senza negare l’ontologia, dobbiamo con chiarezza dirci che siamo esseri storici, persone situate nel tempo e nello spazio.

Contesto ampio

Ci sono studiosi che discutono se siamo o meno nella postmodernità. Scalabrini, a differenza di noi che rappresentiamo la crisi della modernità, (forse dopo il Covid-19 si inaugura di fatto una nuova era, con un ulteriore passo verso il primato della vita, forse!), ha respirato la sua aria, gravida di promesse che presupponevano di soppiantare un vecchio ordine la cui origine risaliva fin dal XIV secolo con il Rinascimento.

La scienza cominciava sempre più a scalare il luogo occupato precedentemente da Dio. Nel campo della riproduzione della vita sorsero le classi sociali. La mobilità è emersa come uno dei pilastri principali della nuova organizzazione sociale, di cui la emigrazione è l’aspetto più visibile. Parecchi storici chiamano questo periodo il “secolo del movimento”. Alcuni stimano che, dal 1820 al 1920, tra 60 e 70 milioni di persone abbiano lasciato il vecchio continente europeo in cerca di nuove terre in America e Australia.

Lo stato moderno si è consolidato, spostando le decisioni dai palazzi ai parlamenti.

La modernità, con i suoi numerosi “ismi” (illuminismo, antropocentrismo, positivismo, liberalismo, socialismo, ecc.), si rivelò atea e anticlericale. La visione della cristianità (*extra ecclesiam nulla salus*, fuori dalla chiesa non c'è salvezza) ha subito gravi graffi. La chiesa che camminava a braccetto con l'ordine stabilito si trovava ad affrontare un divorzio nel suo rapporto con la società e, nel caso specifico dell'Italia, con il divorzio litigioso.

Contesto italiano

A questo “pentolone” di macro contesto, si aggiunge lo specifico contesto italiano altamente complesso con il suo lungo e travagliato processo di indipendenza e di unificazione politica. Processo che durò dal 1848 al 1870, quando finalmente Roma fu occupata e Papa Pio IX fu privato del potere temporale che ancora deteneva sulla “città eterna”. Questo è un periodo in cui il rapporto tra lo stato italiano e la chiesa non era così amichevole.

Il governo attaccò e la chiesa contrattacò. Pio IX (1846-1878) usò e abusò della scomunica.

Nel 1860 il Regno d'Italia (ad eccezione di Roma) si consolidò con il Re Vittorio Emanuele II e, l'anno successivo, si svolsero le celebrazioni per l'unità. Roma ha semplicemente proibito al clero di partecipare alle celebrazioni. Immagino che molti non avranno obbedito!

La rappresaglia di maggiore impatto da parte della curia romana, riguarda la non partecipazione dei cattolici alle elezioni. Questa è stata una discussione che si è trascinata all'interno della Chiesa con i suoi pro e contro, con prevalenza di coloro che sostenevano l'astensione. Ad un certo punto è stata fatta anche un'eccezione che consentiva a candidati cattolici di candidarsi al parlamento. Come ogni legge questa linea-guida è stata interpretata anche al gusto di molte opinioni/interessi, e per confermare le differenze, Pio IX, nel gennaio 1868, si manifestò pubblicamente ratificando l'astensione, il cosiddetto *non expedit* (non è conveniente), cioè l'orientamento per i cattolici di non partecipare alle elezioni parlamentari.

Nel *Carteggio*, Bonomelli appare maggiormente irritato contro il *non expedit*, ma è Scalabrini che agisce strategicamente cercando di superarlo. In una lettera del 1882 a Leone XIII, si esprime come segue:

[...] mi credo in obbligo di rendere informata la Santità Vostra, si è che in questa mia Diocesi tutti, senza eccezione, i proprietari (e sono moltissimi), i capi di negozi, di officine

ecc. hanno già fatto inscrivere tra gli elettori tutti i loro dipendenti, e questo mi è forte motivo a temere che il *non expedit* della S. Sede, come fu pochissimo osservato per lo addietro, così lo sarebbe ancor meno per l'avvenire, con detrimento grandissimo delle coscienze e della stessa autorità della Chiesa. [...] Comprendo benissimo, Padre Santo, tutta la difficoltà della cosa, pur tuttavia prego [...] di non permettere che abbiate a lasciarvi sfuggir l'occasione che vi si offre ora [...] di far ciò che presto o tardi dovrà pur farsi [...]. Vi parlo colla schiettezza di un figlio [...]. Sono questi [...] i sentimenti altresì di moltissimi Vescovi ch'io conosco, ma che sventuratamente non ardiscono parlare per timore di dispiacervi (FRANCESCONI, 1985, p. 632/3).

Scalabrini ha martellato sulle questioni che pensava importanti, nonostante i venti contrari.

Arrivai qui a Roma martedì scorso e mercoledì fui ricevuto in udienza privata dal S. Padre [...]. Dissi tutto e con tutta franchezza, ma, che volete, non siamo compresi. Riguardo alle elezioni tutto rimarrà, pare, nello stato di prima (S. a B. 29.09.1882).

Ma il vescovo non gettava facilmente la spugna. Tornò sull'argomento, come egli riferisce al suo amico:

Quanto all'argomento elezioni, sebbene mi si dicesse che dopo molto esitare erasi deciso di mantenere il *non expedit*, tuttavia io non mi spaventai per questo e proposi un quesito alla *Sacra Penitenzieria* col quale chiedeva se, posto il caso particolare non infrequente che si trovino a fronte in un dato collegio elettorale più candidati, di cui qualcuno notoriamente cattolico risoluto di propugnare nei modi possibili la causa della Chiesa, gli altri ostili più o meno alla medesima, potesse approvarsi o almeno tollerarsi chi gli elettori bene affezionati alla religione intervenissero con piena tranquillità di coscienza alle elezioni nello scopo di far prevalere il candidato cattolico. Il quesito [...] non venne male accolto e ieri a sera venni chiamato e mi si rispose a voce, che dandosi il caso, colle debite riserve, lasciassi fare [...] (S. a B. 09.10.1882).

Arrivarono le elezioni del 1886. Scalabrini riprese la questione con il papa il quale gli disse che l'orientamento del 1882 era rimasto invariato. Torneremo più avanti sulla conclusione; ora solo anticipo dicendo che i dispiaceri affrontati da Scalabrini sono stati pesanti!

Il governo sopprese, negli anni 1866/67, 700 case/proprietà religiose e nel 1869 provocò nuovamente la chiesa introducendo il servizio militare obbligatorio e della durata di tre anni per tutti i chierici.

Queste sono solo alcune informazioni illustrative per comprendere quanto fosse ostile il clima tra le parti in cui la cosiddetta *Questione Romana* aveva il suo fulcro maggiore. Si trattava della totale non conformità da parte della Santa Sede per essere stata privata del potere temporale (politico), in particolare su Roma e, da parte del governo, della totale negatività contro ogni possibilità di negoziazione.

Dal lato politico c'è poco o nulla a sperare. Il S. Padre è più che mai fermo a volere la sua Roma. "Roma – sono sue precise parole – pur rimanendo in qualche modo italiana, dev'essere la capitale non già di un regno ma dell'orbe cattolico" (S. a B. 13.11.1887).

Il papa non tornò a diventare capo di stato fino al 1929, quando il governo di Benito Mussolini, nel Trattato Lateranense, gli cedette il territorio del Vaticano.

Contesto *ad intra ecclesia*

L'arrivo della modernità ha colpito in pieno la chiesa causando ferite anche al suo interno. Come sottolineato in precedenza il *non expedit* indica proprio questo. Ma attenzione: la ragione umana non abbraccia mai tutta la realtà perché questa è sempre più complessa e, soprattutto, contraddittoria al di là di qualsiasi narrazione che voglia essere corretta e imparziale. La modernità stessa non è cresciuta linearmente nel tempo e nello spazio. A volte le persone stesse hanno atteggiamenti aperti in certi aspetti e più conservatori in altri. Non per questo possiamo tralasciare di dire che all'interno della Chiesa sorsero due tendenze: quella di coloro che accettarono di dialogare con la modernità (i transigenti) e quella di coloro che si sono attaccati al passato (gli intransigenti), evidentemente in gradi diversi (i flessibili, i moderati e la tendenza che più si distingueva, quella dei radicali, soprattutto da parte degli intransigenti).

Prima di procedere è importante evidenziare che l'Italia non costituiva un blocco omogeneo. Il *locus* della grande effervescenza nel campo sociale, delle idee, della cultura, della politica e della religione si concentrava nell'Italia settentrionale, il terreno calpestato da Scalabrini.

Coloro che vedevano la necessità di camminare con la storia in campo politico/culturale, sono stati etichettati come liberali, e nel campo del pensiero teologico/filosofico rosminiani. “Chi non approva è *liberale, clericoliberale, rosminiano*, col resto.” (B. a S. 02.02.1881). “[...] sono stato dipinto al S. Padre come un rosminiano!” (B. a S. 20.09.1881).

Antonio Rosmini (1797-1855) fu incaricato da Papa Pio VIII a cercare, con i pensatori moderni, elementi di dialogo con la teologia. Ha subito alcuni contrattempi come quello dell'anno 1849, quando due sue opere furono mandate all'Indice (catalogo di libri proibiti). I suoi scritti, tuttavia, continuarono ad essere studiati e discussi liberamente.

I radicali intransigenti si impadronirono del termine “rosminiano” dandogli una connotazione altamente negativa. Essere etichettato come liberale o rosminiano equivaleva essere accusati di essere totalmente contrari al papa. E dire questo di un vescovo, era come accusarlo di disobbedienza, di ribellione e persino di tradimento. Tutto questo era motivo di scandalo per il popolo semplice. Scalabrini ripetutamente esprimeva questa preoccupazione.

Nel gennaio 1886, il direttore della rivista rosminiana *La Sapienza*, Vincenzo Papa, scrisse a Scalabrini affermando di aver ricevuto, tramite il cardinale Jacobini, un ringraziamento speciale dal Papa per un telegramma che gli aveva inviato “come scrittore cattolico”; queste sono parole dello stesso Leone XIII. Sapendo che il vescovo era stato a Roma, chiese se fosse vero ciò che aveva sentito dire cioè che il papa gli avrebbe detto che non disapprovava che le questioni filosofiche-rosminiane fossero discusse.

Nella sua risposta (s/d), Scalabrini disse di aver informato il papa e che cioè nella sua diocesi c'erano molti che seguivano il sistema Filosofico di A. Rosmini; proprio per questo aveva chiesto al successore di Pietro come avrebbe dovuto comportarsi davanti a loro. Il Papa gli rispose:

Dica pure a'suoi preti che Noi non abbiamo inteso mai di togliere a chicchessia la libertà di discutere intorno a dottrine opinabili. Anche riguardo a Rosmini possono benissimo i sostenitori di lui continuare le loro dispute con tranquillità di coscienza [...] (FRANCESCONI, 1985, p. 704).

E poco dopo lasciò scritto: “Testuali parole [...] che subito registrai, perchè non avessi a dimenticarle, mutarle, scemarle, o in qualsiasi altro modo alterarle” (FRANCESCONI, 1985, p. 705).

Ma, domandiamoci, da dove venivano le accuse contro Scalabrini e Bonomelli? A questo punto, per comprendere dove si annidasse il centro nevralgico degli attacchi, è necessario spendere due parole sul giornale *L'Osservatore Cattolico*.

“Si sa che il giornalismo cattolico è una potenza”, confidò in una occasione, un sacerdote giornalista a Scalabrini (S. a B. 01.02.1883), e tale potenza è diventata ancora più forte quando è avvenuta la fondazione del *L'Osservatore Cattolico*. Il primo obiettivo del giornale, infatti, era quello di difendere i diritti del papato.

Il primo numero fu stampato a gennaio del 1864 con sede a Milano. L'obiettivo era quello di raggiungere l'intera regione della Lombardia. Va detto che più tardi Leone XIII arrivò a sospettare del “quadrilatero lombardo”, formato da Milano, Cremona, Bergamo e Piacenza e fu visto come uno spazio in cui lo spirito scismatico si era ampiamente diffuso. Per questo, meritava una particolare attenzione. Ne è la prova ciò che Bonomelli scrisse a Scalabrini: “Il giorno 4 scrisse al Papa per mostrargli che lo spirito scismatico non c'è nelle nostre Diocesi: è sognato dall'*Osservatore* [...]” (B. a S. 29.07.1890).

Nel 1869 fu chiamato a lavorare nel giornale, D. Davide Albertario, sacerdote e giornalista che, a partire da gennaio 1873, ne divenne il direttore principale. Per avere una breve idea dell'opposizione che egli faceva ai vescovi di Piacenza e di Cremona, cito solo alcuni passaggi della corrispondenza tra i due prelati:

Intanto mi par estremamente necessario, specialmente per noi Vescovi, un grandissimo riserbo, circondati come siamo e spiati da certi farisei [...] che cercano avidamente ogni pretesto per giudicarci e metterci in apparente contraddizione colla S. Sede, il che torna [...] di enorme scandalo ai fedeli (S. a B. 11.09.1881).

Mi si parlò giorni sono di insinuazioni maligne fatte dall'*Osservatore* a voi e a me ed a qualche altro collega. Da due anni non leggo più quel foglio e non mi curo de'suoi giudizi (S. a B. 22.09.1881).

Del resto s'io trovo un altro Vescovo, che si unisca a me, sono prontissimo a proibire il noto giornale in Diocesi. E non potreste essere voi stesso quel Vescovo che io cerco? (B. a S. 01.10.1881).

L'Osservatore in questi giorni fa il diavolo a quattro contro Piacenza; ne ha dette di tutte le sorta e chi sa quante ne dirà [...] (S. a B. 16.10.1881).

Io non leggo mai, nè voglio che me ne parlino, trovo che è il miglior partito per serbare alla meglio la pace tanto necessaria (B. a S. 17.02.1882).

Come sapete, io non leggo il *miserabile* giornale, che seguita a spacciarsi organo del Papa (B. a S. 13.09.1882).

Non dovete dire non leggo l'*Osserv.*; ecco! griderebbero, ci condanna senza leggerci, fu ingannato, ecc. (S. a B. 23.01.1883).

Io non posso proprio leggere quel foglio, neanche per questo motivo. Non leggendolo, sto quieto, leggendolo mi inquieto e moralmente mi nuoce. (B. a S. 24.01.1883).

Sentitene un'altra. Un rispettabile acclesiastico, che per giunta è Monsignore, mi dice di aver letto un libello di 70 e più pagine, nel quale l'Albertario fa la storia, a modo suo, del suo giornale, delle persecuzioni sofferte ecc. ecc. Il buon Mons. commosso fino alle lacrime, mi assicura altresì che io e voi e qualche altro siamo fatti apparire come nemici della stampa cattolica e peggio (S. a B. 01.02.1883).

Noi siamo pedinati, vegliati, scrutinati in modo che sa dello strano e del romanzo. Quei tali [...] rialzano arditamente la testa [...]. Se Dio non interviene, vedrete quante amarezze ci faranno trangugiare. Mons. Mascaretti sentì a Milano minacce al mio indirizzo, che lo fecero allibire (S. a B. 24.01.1884).

Per chiarire meglio il clima che regnava all'interno della Chiesa, è importante mettere in evidenza che, con l'assunzione del papato di Leone XIII (1878-1903), il clima generale aveva preso una tonalità più mite. Il giornale *L'Osservatore Cattolico* inizialmente non meritò, da parte del nuovo papa, l'attenzione che gli era stata data da Pio IX. L'atteggiamento nei confronti delle elezioni e del pensiero di Rosmini, come abbiamo già visto, confermava la speranza di una certa apertura. Nella questione sociale, è sufficiente ricordare la *Rerum Novarum* (1891). Infatti, appena pubblicata, provocò subito una reazione da parte di alcuni gruppi cattolici, che pregarono e addirittura chiesero preghiere per la conversione del papa.

Dopo aver descritto brevemente e anche, in certo modo superficialmente, il fuoco con i suoi pezzi di legno e fiamme, non dobbiamo dimenticare che da esso emanano anche fumo e scintille, ed è proprio in questa situazione che la persona di Scalabrini si rivela a noi con maggiore trasparenza. Direi che è

proprio nell'apparentemente insignificante che si nasconde il significato più grande. Prima, però, di parlare di fumo e scintille, diamo uno sguardo in più al nostro personaggio storicamente situato.

Che uomo è stato questo?

Scalabrini è stato un uomo, come abbiamo già detto, profondamente immerso nelle contraddizioni del suo tempo. Questo ci permette di definirlo in poche parole come:

Un uomo legato al passato

All'interno della visione del mondo e della cristianità, lui sognava la ricristianizzazione della società. La fondazione stessa della Congregazione si inserisce in questo vasto progetto di mantenere, cioè, fuori ciò che si stava internamente perdendo: la fede. Non dobbiamo sperare di trovare in Scalabrini l'esplicitazione di concetti che puntano sulla prospettiva del Regno. La Chiesa istituita da Gesù Cristo rappresentava per lui il punto di partenza e di arrivo. È nella sua prassi che il germe del nuovo era annidato.

Un uomo coinvolto nel presente

Scalabrini non è stato immune al positivismo. Al contrario si è servito di esso quando in modo intelligente, in occasione della prima Visita Pastorale, inviò in anticipo ai parroci un formulario per possedere dati oggettivi in relazione alla realtà socio-religiosa della sua diocesi. La stessa strategia è stata da lui adottata anche quando ha guidato una mobilitazione in difesa dei lavoratori stagionali del riso.

Non è stato immune al nascente nazionalismo di un'Italia in processo di unificazione, in modo da assicurare così ai migranti non solo il conforto della fede ma anche il "sorriso della patria".

Diceva anche che è Dio che compie i miracoli, ma non in qualsiasi modo, era pertanto d'obbligo rimboccarsi le maniche ed entrare nella vita pubblica.

Un uomo catapultato nel domani

I tempi storici in cui avvengono le grandi trasformazioni, sono anche quelli che indicano la direzione dell'orizzonte. È esattamente quanto è accaduto alla poetessa Erminia Fuà Fusinato che, perplessa per il grande esodo, si espresse così: *"Forse il mondo intero sia la patria per un mortale"*. A Scalabrini capitò la stessa cosa, e direi anche che qui si trova una delle intuizioni più

straordinarie della sua eredità. Il sociologo Toniolo, suo contemporaneo, così ebbe a esprimersi in una lettera a Rinaldi M. del 01.11.1911: “[...] *quell'uomo ebbe l'intuizione dei fatti avvenire, che è propria delle menti superiori e dei grandi cuori [...]*” (TONIOLO, 1911. [AGS/DE 48-09-01]).

Scalabrini aveva intuito che l'emigrazione sarebbe stata un ingrediente costitutivo della nuova organizzazione sociale e per questo diede origine alla fondazione della Congregazione, appunto per essere vicino ai migranti. In faccia a coloro che gli dicevano che si trattava di un fenomeno passeggero!

Il Papa Paolo VI, nell'aprire il processo di beatificazione, chiuso a sette chiavi dal lignaggio degli intransigenti, ha affermato che Scalabrini, con il suo pensiero, aveva anticipato il Concilio Vaticano II. A conferma di ciò, vale la pena mettere a confronto alcune sue parole registrate nella Prima Lettera Pastorale e/o proferite in occasione del suo Giubileo Episcopale con quelle che aprono il documento conciliare, *Gaudium et Spes*.

Nel Giubileo: “[...] le vostre gioie furono sempre le mie gioie, miei dolori i vostri dolori” (FRANCESCONI, 1985, p. 1236).

Nella prima Lettera Pastorale: “[...] inviato in prima ai poveri [...] soffrirò con essi” (FRANCESCONI, 1985, p. 108).

Gaudium et Spes: “Le gioie e le speranze, le tristezze e le angosce degli uomini d'oggi, dei poveri soprattutto e di tutti coloro che soffrono, sono pure le gioie e le speranze, le tristezze e le angosce dei discepoli di Cristo” (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1968, p. 143).

Ricordiamoci che la rinuncia al suo sogno individuale di diventare missionario nelle Indie, ha permesso a Scalabrini di realizzare un grande sogno collettivo, quello che inizialmente chiamava sempre con la parola “le missioni”, vale a dire le missioni rivolte agli immigrati italiani in America. Questo sogno, una volta realizzato, non si ferma, anzi si allarga. È allora che, alla fine del suo viaggio attraverso i luoghi più svariati della madre-terra, ci offre un bel frutto maturo: il Memoriale: una proposta per la Chiesa di impegnarsi ad accompagnare i migranti di tutte le nazionalità.

Anche questa proposta, come vediamo, è “*buttata giù*”. Fu abbozzata nel 1904 durante il suo viaggio in Brasile; in essa presentava l'idea generale. Il 19.03.1905, arrivò dalla Santa Sede, tramite il Cardinale Merry Del Val, l'osservazione che quanto proposto da Scalabrini era qualcosa di molto vago; era necessario, quindi, descrivere meglio i dettagli dei modi di attuazione. Scalabrini, il 29.03.1905 rispose: “Le osservazioni sue [...] mi paiono sagge [...]. Non potrò spedire tanto presto il nuovo studio perchè sopraccarico di lavoro [...]” (FRANCESCONI, 1972, p. 190).

Non appena fu possibile, il 05.05.1905 rimandò una seconda versione allo stesso Cardinale, con la seguente osservazione:

Scritto ad intervalli fra un'udienza e l'altra e in mezzo a mille occupazioni, esso presenta molti difetti, parecchie lacune e qualche ripetizione. Andrebbe rifatto e ordinato diversamente, ma il tempo proprio mi manca. Lo rifarò e completerò, se Dio me darà vita, in seguito (FRANCESCONI, 1972, p. 190).

Non è per noi difficile immaginare come Scalabrini possa avere reagito dentro di sé: “Mio Dio, o non sono capaci, o non vogliono!”

Tuttavia, in questo scritto “*buttato giù*”, in cui non si stanca di ripetere, “[...] che io vidi ne’ miei viaggi; che ho visitato; che ho conosciuto; che ho sentito [...]”, ci sono illuminazioni straordinarie che sarebbero diventate il pallino di agenti pastorali, a partire dalla seconda metà del XX secolo, soprattutto in America Latina. Vediamo:

- Il Fodatore ha intuito, perché non dirlo, uno dei pilastri del metodo dell’educatore Paulo Freire e della stessa Teologia della Liberazione, cioè la realtà come punto di partenza: “Che deve fare la Chiesa [...]? La domanda è semplice, ma non così la risposta, la quale per essere adeguata deve essere varia e comprensiva a un tempo, generale e particolare [...], particolare e varia a seconda degli ambienti in cui deve applicarsi, ai diversi bisogni ai quali intende provvedere [...]” (FRANCESCONI, 1972, p. 194).
- Ha anticipato ciò che l’antropologo Darcy Ribeiro ha affermato in relazione alla formazione etnica e culturale del popolo brasiliano derivante dalla fusione di diversi popoli: “[Presenziamo...] il dilagare placido delle acque che fecondano. [...] fusioni, adattamenti nei quali le diverse nazionalità s’incontrano, si incrociano, si ritemprano e danno origine ad altri popoli [...]” (FRANCESCONI, 1972, p. 193).
- Suggesti ingredienti della dialettica: “[Il migrante è] sempre strumento di quella Provvidenza che presiede agli umani destini e li guida, anche attraverso catastrofi [...]” (FRANCESCONI, 1972, p. 193).

- Ha intravisto un protagonismo originale dei migranti:
“L’emigrazione [...] agita e mescla, senza distruggere, gli elementi della vita [...] trasformandoli e perfezionandoli in modo da rinnovare in ogni istante il miracolo della creazione” (FRANCESCONI, 1972, p. 193).
- Richiamò a un lavoro di networking:
“Il fenomeno emigratorio è universale [...]. L’azione dei singoli vescovi, ignari gli uni di quello che fanno gli altri, si può risolvere in un disperdimento di forze” (FRANCESCONI, 1985, p. 976).
- Mise in guardia sulla necessità di agire con senso pratico:
“A fenomeni nuovi organismi nuovi adeguati al bisogno. Le istruzioni e disposizioni isolate, per quanto si vogliano sapienti, non bastano, [...] senza organismo che le faccia eseguire [...] contano poco” (FRANCESCONI, 1985, p. 976).
- Egli ha previsto quello che oggi è chiamato postmoderno. Ha fatto sua l’intuizione della poetessa e non solo ha messo da parte il “forse”, ma ha anticipato il concetto di cittadinanza universale:
“L’emigrazione [...] eleva i destini umani, allargando il concetto di patria oltre i confini materiali e politici, facendo patria dell’uomo il mondo” (FRANCESCONI, 1985, p. 941).

“Andrebbe rifatto e ordinato diversamente, ma il tempo proprio mi manca. Lo rifarò e completerò, se Dio me darà vita, in seguito”. Egli percepì e indovinò: non ebbe il tempo di rifarlo e completarlo. Era necessario? No! Dopo questa perla nel suo legato poteva lasciarci; ha detto addio il 01 giugno.

Se nel titolo avevamo identificato Scalabrini come un martire, qui non possiamo omettere un’altra parola che gli sta molto bene: era un profeta! Quando ha fatto la “conversione” (vedremo questo più tardi) e ha incentrato il suo cuore, insieme alla sua visione strategica verso i migranti – e visto in questo una concreta possibilità per quello specifico momento storico di superare la spaccatura lasciata dalla Questione Romana – ha lasciato in eredità alla storia un campo d’azione che, oggi, è diventato uno dei temi più brucianti che la modernità ha portato nel menu del suo quotidiano: la migrazione e con essa un immenso numero di volontari, laici, missionari sparsi in tutto il mondo nel cammino dei migranti.

Scalabrini nel *Carteggio*

C'è voluto un po' di tempo per avvicinarci al sentiero, ma eccoci ora pronti a tuffarci tra scintille e fumo. La nostra attenzione sarà rivolta all'apparentemente insignificante, quello che mi piace chiamare il "tra parentesi", vale a dire ciò che spesso può essere sottratto da un testo senza che il suo contenuto subisca alcun danno.

Mentre leggevo il *Carteggio* e durante il lavoro di traduzione, dalle lettere di Scalabrini mi venivano al udito, come delle note musicali che mi risuonavano ripetutamente dentro, in profondità. A questo punto non avevo dubbi: quell'uomo pubblico di bassa statura, intelligente, stratega, coerente, insistente, creativo, pastore, devoto dell'Eucaristia e di Maria, caritatevole, obbediente senza condizioni al Papa, rinnovatore della catechesi, padre dei migranti, ecc, ecc, si rivela a me, soprattutto, come un uomo dotato di una enorme sensibilità e di un cuore che non trovava spazio nel suo petto. "[...] chiesi l'udienza del S. Padre [...]. Fu lunga e cordiale più del solito. Tanto cordiale che mi fe' raso il ciglio d'ogni baldanza" (S. a B. 31.01.1891).

E' stata così forte questa sensazione, che mi sono sentito istigato a dimostrarla. Riporto qui il risultato del sondaggio emerso dalla lettura delle 219 lettere, scritte da Giovanni Battista, e giunte a noi attraverso il *Carteggio* (secondo gli *Scritti*). Ci sarà, come dicono sempre gli istituti che conducono i sondaggi, qualche differenza per il più o per il meno, ma qui l'accuratezza matematica è una questione di importanza minore.

Per 11 volte Scalabrini si riferisce alle *fake news*.

Compare sopra il *Progresso*, organo ormai ufficiale degli amici di A[Albertario] che io era nominato Coadiutore dell'Arcivescovo di Milano e che era quindi vacante la sede di Piacenza. Ma a quale scopo l'infondata e menzognera notizia? (S. a B. 21.10.1882).

Dunque siamo deposti? Io non ne so nulla di nulla, e voi ne sapete qualche cosa? (S. a B. 24.05.1904).

In 34 lettere dice di essere in partenza per le Visite Pastorali, realizzando o di ritorno da esse. Le Visite Pastorali costituivano un antico orientamento emanato dal Concilio di Trento. Scalabrini lo trasformò in priorità e lo seguì alla lettera. A differenza di altri colleghi che radunavano parrocchie vicine o mandavano dei delegati, il buon Pastore Scalabrini le visitò tutte, e non erano poche: 364 alla prima visita. Portò a termine cinque Visite Pastorali e,

prima di lasciarci per il cielo, aveva annunciato la sesta. È a partire da questo sfondo, cioè dalle Visite Pastorali, che possiamo comprendere molte delle ripetute espressioni, che compongono ciò che io chiamo fumo e scintille.

Ha rivelato che, nelle Visite Pastorali, trovava la consolazione della fede, ma anche sacrifici estremi. È difficile, oggi, quando la stragrande maggioranza della popolazione della terra vive nei centri urbani e virtualmente collegata, voler trasmettere minimamente quali siano stati almeno alcuni dei sacrifici affrontati dal padre dei migranti, nelle sue visite pastorali. Le cavalcate su e giù per le montagne per arrivare ai confini della diocesi, con infrastrutture iperprecarie o inesistenti, (ha affermato, una volta, che dovette “dormire” in un pollaio), è forse ciò che gli costò i più grandi sacrifici fisici. Solo chi è andato a cavallo per i sentieri di montagna può comprendere fino in fondo ciò che qui vogliamo far capire! In salita è possibile sdraiare il corpo in avanti e, se necessario, aggrapparsi al collo dell’animale, ma sui pendii più ripidi non c’è modo di aggrapparsi. Si dice che 200 parrocchie fossero accessibili solo a cavallo. Nella quarta visita (tenutasi tra il 1893 e il 1899), tre dei suoi compagni avevano già subito incidenti, anche con fratture e ora era toccato proprio al Monsignore di essere sorpreso da un improvviso intoppo del cavallo, che gli provocò l’idrocele, causa indiretta della sua morte.

A questo punto, vale la pena fare una piccola deviazione del percorso e riferirci a una “domanda” che Scalabrini rivolse al suo segretario, quando sbarcò dal traghetto sul fiume Taquari, a Rio Grande do Sul e stava per salire dalla capitale Porto Alegre verso Encantado. Era durante la sua visita in Brasile nel 1904. La distanza dal porto fino alla sede della prima parrocchia aperta nel sud del Brasile, era di 30 km. Là si trovava subito pronta una carovana di cavalieri che lo aspettavano. Dopo i fuochi d’artificio e i saluti, Scalabrini si guardò intorno e, di fronte ai dolori che lo accompagnavano, chiese se non ci fosse qualche altro mezzo di trasporto. Purtroppo la risposta era negativa! “Allora andiamo!” disse, e mise il piede sulla staffa e salì per iniziare la marcia di sette ore, una marcia segnata da una gioia indescrivibile da parte di quelli che lo accompagnavano e, purtroppo, di dolori da parte di chi la motivava. E qui neppure accenniamo alle precedenti cavalcate nelle fazendas di caffè, all’interno di San Paolo!

Senza tener conto del calvario che lo attendeva dopo la visita a Encantado! Erano tante le parrocchie e molti altri nuclei coloniali da visitare, dai piedi alla cima della *Serra* (monte), oggi diventata regione di vigneti e vini. Era luglio, l’apice dell’inverno; gli spostamenti avvenivano spesso sotto la pioggia e il vento gelido, inzuppando “fino alle ossa” coloro che seguivano in carrozze improvvisate.

Lasciamo che la comitiva si stabilisca in una delle missioni, si cambi i vestiti e là riposi. Bisogna, però, aggiungere che sono stati decisivi per l'ultimo addio, i pellegrinaggi attraverso le fattorie e i villaggi del Brasile, preceduti da molti altri, durante la quinta Visita Pastorale, in cui voleva "recuperare il tempo perduto", a causa del suo viaggio negli Stati Uniti. Ma riprendiamo i sentieri del *Carteggio*.

Scalabrini termina 26 lettere con espressioni come: "in fretta" o "frettolosamente". In un primo momento, mi sembravano mere formalità di addio tuttavia, nell'insieme dell'opera, andavano rivestendosi del loro significato letterale. Perché ha iniziato a usarle solo dalla 23ª lettera? Perché Bonomelli le usava solo sporadicamente? Non è stato difficile convincerci che non era solo una formalità stilistica.

In 64 lettere, soprattutto nel saluto iniziale e quasi sempre sotto forma di apposti, egli non riusciva a nascondere all'amico ciò che gli stava accadendo, usando espressioni come: molto occupato, mancanza di tempo, fretta, scrivo dettando, e altre che esprimono stanchezza, dolore, sofferenza. A volte isolate; in altre, raggruppate insieme.

Solo in 12 corrispondenze, ho scoperto espressioni di gioia e, una di queste del primo luglio 1883, si adatta perfettamente al detto popolare che dice "La gioia di povero dura poco!" e, altre tre sono del tipo: "Mi rallegrò per te", riferendosi all'amico di Cremona.

Ma chi riassume meglio questa matematica è colui che è dietro ai numeri. Scrisse al suo collega:

La prego quindi a mantenere un assoluto segreto, perché il progetto non riuscirà. [Aveva ricevuto una lettera informando che sarebbe l'arcivescovo di Ravenna]. Da parte mia non ne parlo neppure al mio fedele Segretario, da 25 anni compagno indivisibile... (S. a B. 03.03.1901).

La frase poteva perfettamente finire qui, ma la penna del padre dei migranti fece scivolare sulla carta quello che stava succedendo nel cuore: "...da 25 anni compagno indivisibile **delle mie poche gioie e dei miei molti dolori...**". Le sofferenze dell'anima o morali, come diceva lui, derivanti principalmente da parte degli intransigenti e fisiche, derivanti da problemi di salute, ma strettamente correlate all'eccesso di attività; in altre parole, da una vita segnata da una piena donazione. Seguì alla lettera ciò che aveva scritto nella prima Lettera Pastorale del 04.11.1876, quando annunciò la sua prima visita: "[...] affrettiamo coi voti più ardenti del mio cuore il momento

di abbracciarvi tutti [...] verremo a voi [...] pronti a sacrificare per voi, non solo quanto abbiamo, comodità, quiete e riposo, ma la vita medesima [...] (SCALABRINI, 1980, v. 7, p. 43). Ha detto “comodità, tranquillità e riposo”? Solo se gli ha avuto prima del 1876. Ma ha anche detto “pronti a sacrificare la vita medesima”, e la sacrificò!

Se mi venisse chiesto di definire, in pochissime parole, ciò che ho appreso dalla persona di Giovanni Battista partendo dal *Carteggio*, non esiterei: “*Mi duole il corpo e mi duole l’anima!*”

Lungi perciò da me, dall’immaginare un uomo abbattuto, umiliato! Confidava al suo amico: “[...] teniamo serena la mente e tranquillo il cuore” (S. a B. 24.01.1897). Era un uomo di straordinaria fierezza, di brillante oratoria, di forte personalità e con uno sguardo penetrante. Arguto.

Ma manca ancora una parola per definirlo pienamente: È STATO UN MARTIRE.

Ogni volta che sentiamo questa parola, di solito la associamo a una morte dolorosa e improvvisa. Scalabrini è stato un martire durante tutto il suo episcopato, è stato un martire della vita quotidiana. Sperimentò un martirio crescente, proveniente da ciò che ha sempre messo davanti a lui e che più volte riassumeva come segue: “Poco importerebbe per le nostre persone, almeno per la mia affatto insignificante; ma e le anime? E la Chiesa? E gli interessi di Gesù Cristo” (S. a B. 02.03.1883).

Lasciamo, però, che sia lo stesso Scalabrini – ora non è più occupatissimo – ad accomodarsi confortevolmente davanti a noi, e che ci racconti, con calma, un pò quello che avveniva nel suo cuore, ricordando il carteggio con il suo caro amico.

Vi confesso ingenuamente che lo stato miserando delle nostre diocesi, causa i mestatori e le scandalose polemiche, forma il più grave dolore della mia vita e mi affligge talmente da farmi perdere anche la sanità (S. a B. 22.09.1881).

[...] adoperiamoci con purità d’intenzione a difendere non tanto le nostre persone quanto la causa di Dio e della sua Chiesa [...] (S. a B. primi marzo/1883).

Già vi scrissi che mi occupo della diocesi con febbrile attività [...] Voi mi parlate di croce, oh! mio Dio, è la nostra porzione e la Chiesa ce la fa portare sul petto, d’oro, ma che si cambia spesso in ruvido ferro, che strazia l’anima (S. a B. 17.09.1883).

[...] quando non scrivo dite pure senza tema d’errare: quel povero uomo di Piacenza è in preda alla febbre dell’attività [...] (S. a B. 27.11.1883).

Reduce dalla Visita Pastorale, carico di stanchezza e di umidità, e raffreddato in modo superlativo, non ho voglia di far niente (S. a B. 28.04.1884).

Si rileggete una mia lettera dell'inverno passato, vi troverete un cenno [...] delle afflizioni che ci preparano (S. a B. 20.05.1884).

Fui veramente a un pelo d'andarmene all'altro mondo [...] (S. a B. finale di giugno/1884).

[...] questo bravissimo medico mi assicura di togliere anche la radice del male, se avrò giudizio e mi userò qualche riguardo. La causa dei malanni miei è il voler far troppo. [...] Sono risoluto di modificare, almeno, il sistema sin qui seguito e spero che le mie non siano le promesse de' marinai in tempo di burrasca (S. a B. 08.07.1884).

Di salute parmi di star bene; ma temo di non essere più quello di prima. Il giorno dell'Assunta quasi ci resto in pulpito. Ad un dato punto dell'omelia mi sentii così male da dover troncare a mezzo. Che fare? Bisogna adorare i giudizi di Dio e supplire alla deficienza delle forze fisiche colla santità e ne ho sì poca! (S. a B. 10.09.1884).

Il Signore in quest'anno si è degnato visitarmi con dolori fisici e con angustie morali; che la sua santa volontà sia sempre compiuta in tutto e per tutto! (S. a B. 13.11.1884).

La febbre che mi avea prostrato a' di scorsi se n'è ita affatto [...]. Mi è però rimasta addosso un'altra febbre ed è quella che proviene dal vedere come tanti e tanti si vanno allontanando dalla Chiesa per opera di chi non dovrebbe studiarci che di avvicinarceli. Voi sapete quanto questa febbre sia tormentosa (S. a B. 16.08.1887).

Non sono nè morto, nè moribondo, ma un po' malandato sì. Il malanno certamente non fu piccolo. Pare sia stato un attacco di tifo, che mi ha *raso il ciglio d'ogni baldanza*. Ora mi vo rimettendo, sebbene assai lentamente. Sento ancora un po' di debolezza, specialmente al mattino nel celebrare da S. messa. Il medico vorrebbe che mi recassi sulla riviera, ma non so decidermi. Vedrò più tardi (S. a B. 04.11.1889).

[...] ma è d'uopo essere forti e portare con gran dignità il peso della presente tribolazione (S. a B. 28.04.1890).

Fui a Levico, ma non ne sentii alcun giovamento. Ora eccomi a Rabbi da tre settimane, ma anche qui il profitto è molto scarso. Mi ha visitato, e più volte, il prof. Strambio

e mi ha confermato che il mio malanno non è altro che un esaurimento di forze cagionato da soverchie fatiche. Sarà vero? Mi ordina per alcuni mesi un assoluto riposo. Amarissima medicina! (S. a B. 04.08.1890).

Sono tanto seccato dalle visite ed incalzato dagli affari che mi perdonerete se vi scrivo dettando (S. a B. 31.01.1891).

L'anno nuovo è cominciato per me sotto auspicii poco lieti, come si dice. Alla tribulazione Miraglia, si aggiunse l'attacco della malattia che mi colpì nel '90 e che allora mi tenne inoperoso per mesi parecchi (S. a B. 27.01.1896).

Il Signore mi flagella davvero, e ne ha mille regioni. Mi concede però una calma e tranquillità singolari. *Non berrò il calice che il Padre mi ha dato?* [...] mi raccomando più fervidamente che mai alle vostre orazioni (S. a B. 21.02.1896).

Quanto a me *in pace sopporto la mia tristezza profonda* (S. a B. Giovedì Santo/1896).

“Un po' di ascetica poi e di quella fina è la panacea di tutti gli umori neri. Sentite!” (S. a B. 24.01.1897).

Esauriti i mezzi umani, bisogna ricorrere con maggior fiducia a Dio. Spero che una volta o l'altra Egli vorrà degnarsi di esaudirci (S. a B. 10.06.1898).

È questa la 123ª Parrocchia che visito in quest'anno; è cosa quasi da matto, ma voglio ricuperare il tempo perduto nell'anno scorso (S. a B. 08.08.1902).

[...] una febbriattola di 24 ore, che mi sorprese proprio nel ritorno da una visita faticosissima alle parrocchie dell'alto Appennino. Furono strapazzi di ogni genere [...]. Non so moderarmi, nè mi posso adattare al pensiero di cambiar sistema, eppure dovrò farlo. Gli anni crescono, 64, le fatiche si fanno sentire, i bisogni diventano ognora più gravi [...] tutto mi persuade e mi spinge ad un lavoro superiore alle mie debolezze fisiche e morali e avanti *in nomine Domini* sin che potrò (S. a B. 04.10.1903).

Che se il martirio di nuovo genere, che mi hanno fatto subire i giornali, può produrre il magnifico effetto, che voi dite, ne sia ringraziato Iddio! (S. a B. 16.02.1904).

Marinaio in situazioni tempestose

La promessa fatta da lui nel 1884, era piuttosto “promessa di marinaio” e, come se la testimonianza della sua vita non fosse sufficiente a dimostrarlo, lo lasciò registrato di sua mano anni dopo:

[...] i bisogni diventano ognora più gravi [...] tutto mi persuade e mi spinge ad un lavoro superiore alle mie debolezze fisiche e morali e avanti *nel nome del Signore* sin che potrò (S. a B. 04.10.1903).

E quanto hanno potuto resistere le sue forze? Meno di due anni.

Ma mettiamo da parte le promesse, e concentriamoci su alcune “situazioni tempestose”, affrontate dal nostro marinaio.

Il caso Rocca

Se l’Albertario emergeva pubblicamente come il grande stuzzicatore dell’anima di Scalabrini attraverso *l’Osservatore Cattolico*, Rocca era uno dei corrispondenti “segreti”, incaricato di informare il quotidiano di Milano.

Chi era Rocca? Per definirlo, non c’è niente di meglio di Scalabrini:

Intanto ho cominciato a rispondere all’*Osservatore*, sapete in che modo? Destituendo dalla carica di rettore e professore del mio Seminario il Canonico Rocca, suo menzognero e fanatico corrispondente, l’idolo del partito [...] (S. a B. 22.09.1881).

Non è il caso di entrare nei dettagli, perché la storia è lunga; informo solo che il licenziamento non ha avuto luogo senza avere provocato il mal di testa al vescovo, come egli stesso si è espresso in una lettera a Leone XIII il 26.09.1881:

Ma le amarezze non si fecero aspettare. [...] Io che ho logorato la salute e speso ormai tutto il mio a bene della Religione [...] io [...] che fui, e non a parole soltanto, e sono pronto a versare il mio sangue per la Chiesa e per il suo Capo augusto, io venir in sospetto de tradimento? (FRANCESCONI, 1985, p. 504).

Rocca, infatti, è stato licenziato per motivi disciplinari, ma il caso è stato trasformato in un “problema rosminiano”. Fu così grande l’amarezza che lo costrinse a scrivere uno dei suoi testi più estesi, lasciatici più tardi e cioè

nel luglio 1895, quando le sue attività lo coinvolgevano sempre di più. Ma lui stesso può dirci qualcosa: “Mi duole assai dover perdere un tempo per me preziosissimo nell’occuparmi di uno scritto qual è quello trasmessomi, del sig. can. teologo D. Savino Rocca [...]” (SCALABRINI, 1980, v. 3, p. 370). Ricordiamoci che per il suo progetto, considerato “la pupilla degli occhi”, la Congregazione, ha avuto solo il tempo di scarabocchiarlo, sono sue parole: “*tutto buttato giù*”, “*abbozzo di progetto*”.

Guardando freddamente e con sguardo critico all’insieme dell’opera, non sembra essere stato tutto questo un atteggiamento di “pura vigliaccata” verso la persona di Scalabrini, da parte della curia romana!?

Il caso dell’opuscolo “Intransigenti e transigenti”

Abbiamo già accennato che all’interno della chiesa, regnava un’atmosfera accanita che abbracciava le ali dei transigenti e degli intransigenti. A metà del 1885, circolava una lettera del cardinale francese Pitra, il quale era portavoce degli Ultramontani francesi e degli intransigenti spagnoli e italiani, che non vedevano con occhi buoni il comportamento di Leone XIII. Questa lettera è stata pubblicata dall’*Osservatore Cattolico*, che si è permesso di commentarla con grandi elogi. La reazione fu grande, anche da parte del papa stesso e Pitra dovette ritrattare.

Ma il caso non si è chiuso così, al contrario. Alla fine di agosto dello stesso anno, in Alta Italia cominciò a circolare rapidamente e segretamente un opuscolo anonimo dal titolo: *La lettera dell’illustre Cardinale Pitra: i commenti e la parola del papa*. Bonomelli scommise subito, 99 su cento, che l’origine dello scritto, puro elogio alla lettera di Pitra e derisione di Leone XIII, non poteva provenire che dall’*Osservatore* e che, quindi, non meritava nemmeno di essere letta.

Scalabrini si rese subito conto, con il suo sguardo acuto, della gravità del fatto. A metà settembre, scrisse al Cardinale Giacobini accludendo quell’opuscolo e diceva che non c’era dubbio sulla penna che lo aveva dato alla luce e che, sotto sotto, era nascosto un tentativo di scisma perché, secondo quel documento anonimo, non più **super Petram**, ma **super Pitram** avrebbe dovuto erigersi la chiesa.

Scalabrini chiese se era possibile rimanere in silenzio di fronte a tale sproposito e inoltre chiese il permesso di uscire in pubblico. In breve, il silenzio è stato rotto. Lo scritto fu realizzato a tre mani (scritto da Scalabrini con suggerimenti di Giacobini e con la piena approvazione del papa) e a metà ottobre, è stata pubblicata la *Lettera Pastorale del Vescovo di Piacenza sul “caso Pitra”*, seguita da quattro edizioni e tradotta in francese. E’ stato un vero successo!

Il mese successivo, in novembre, Scalabrini ha incontrato il Papa in occasione della visita *ad limina*. Non ci sono registrazioni della conversazione, ma subito dopo il suo ritorno, così si rivolse all'amico di Cremona:

Intanto sappiate che un Vescovo vostro amico sta stampando un opuscolo intitolato così: *Intransigenti e transigenti: osservazioni di un Vescovo italiano*. È un opuscolo che farà molto rumore, ma l'autore si è messo al coperto ed è di piena intelligenza con S.[Sua] S.[Santità] (esclusivamente tra di noi) che lesse e approvò il lavoro (28.11.1885).

La pubblicazione ebbe luogo all'inizio di dicembre 1885, sempre in forma anonima. Come previsto, immediatamente le reazioni non sono mancate e anzi sono state tante e aspre. In una lettera del dicembre 1885, Bonomelli scrive al suo amico: "E dormite? E le fiere battiture ond'è tutto livido il vostro figlio, parto della vostra mente, del vostro coraggio, del vostro zelo, non bastano a svegliarvi? Che è? Che si fa?" (B. a S. 30.12.1885).

Bonomelli stesso è stato sospettato come l'autore. Scalabrini poi confessa all'amico:

Voi [...] non abbiate ancora capita l'origine altissima di quel povero opuscolo. Io lo ebbi in mano solo per guardare la forma, nel resto c'era pochissimo a fare e quel poco lo feci. Ma chi me lo consegnò perchè lo rivedessi, e poi meco lo portassi a Bologna sapete chi fu? Il P.[Papa], proprio il P.[Papa] che si dichiarò ispiratore, anzi autore. Avete capito ora il motivo del mio silenzio e della mia incomprensibile *apatheia*? [...] Letta la presente, per carità, abbruciatela subito, né dite a chicchessia, né ora né mai il segreto che vi ho rivelato [...] (S. a B. s/l, s/d) [gennaio, 1886].

Ci sono altri passaggi in cui Scalabrini fa riferimento alla paternità del documento. Mario Francesconi, basandosi su tutti questi conclude: "Il minimo che si può dedurre da queste testimonianze è che il contenuto dell'opuscolo fu approvato da Leone XIII" (FRANCESCONI, 1985, p. 591).

Solo a titolo di curiosità ne cito un'altra, estratta dalla bozza di una lettera di Scalabrini a Leone XIII (s/d), che contiene cinque punti sull'Opuscolo, consegnati dal Papa a Scalabrini. Nel primo punto osserva:

S. Padre, se me lo permette, arderei fare alcune osservazioni all'opuscolo che si è degnata consegnarmi perchè ne procurassi la stampa e la diffusione. Innanzi

tutto ne cambierei il titolo. In realtà non potrebbe chiamarsi *Commento* della mia Lettera Pastorale [il caso Pitra] che in lato senso. Parmi quindi più conveniente, più opportuno e più di attualità il titolo seguente: *Intransigenti e transigenti – Considerazioni per un Vescovo Italiano*. Anonimo o di un semplice teologo non sarebbe preso in seria considerazione. Si riterrebbe un opuscolo qualunque (FRANCESCONI, 1985, p. 590).

Nel secondo punto, in cui suggerisce di rimuovere la menzione fatta all'autore di un scritto che non gode di alcun credito, aggiunge: "D'altra parte parmi che il concetto dell'**Opuscolo nostro** s'impicciolisca d'assai restringendolo a combattere un libretto insignificante [...] (FRANCESCONI, 1985, p. 590).

Dal mio punto di vista semplice e distante, descriverei quello che è successo in questo modo: L'idea in visita *ad limina* del novembre 1885, uscì sicuramente dalla bocca di Scalabrini. Il Papa si fidava del fiuto del Vescovo di Piacenza – "Figuratevi, che ad un certo punto, vedendomi in mano la tabacchiera, uscì a dirmi sorridendo: *Mi dia, Monsignore, una presa del suo tabacco! così vedrò se anche qui ha buon naso!* (S. a B. 12.03.1891) e inoltre, approfittando del momento favorevole in relazione al caso Pitra, Leone XIII lo sostenne. Si scambiarono informazioni sul contenuto e sulla forma, e ne seguì la stesura con le normali procedure di un lavoro fatto a due mani, (meglio direi a due teste, perché la mano che redige, di solito, è una). Sulla base di queste divagazioni, io avrei suggerito il seguente sottotitolo: *Considerazioni di due vescovi italiani*.

Scalabrini fece la seguente considerazione, quando il suo caro amico aveva detto che c'erano persone che sospettavano che l'autore fosse lui: "[...] un gran bene ha già fatto quel povero lavoretto, col permettere, essendo anonimo, a certa gente, che il Papa credeva convertita, di smascherarsi [...]" (S. a B. s/l, s/d) [gennaio, 1886].

Fatto sta che, con "i" o senza "i" nel sottotitolo, con maschera o senza maschera degli intransigenti camuffati, il papa non ha tolto nemmeno una virgola alle forti reazioni ed è rimasto in assoluto silenzio. Toccò a Scalabrini, in coerenza con i suoi principi, essere "il sacco da botte" e soffrì in silenzio. Non riuscendo, tuttavia, a conservare il rammarico per troppo tempo e senza fare tanta pubblicità, scelse un modo da lui considerato il migliore cioè quello di parlarne al confidente o a chi di diritto, come fece con Leone XIII (s/l e s/d) nel 1886:

Non mi dolgo, Santità, di quella gente ormai capace di tutto ma debbo lagnarmi, rispettosamente sì, ma con tutta l'energia del mio spirito, di essere abbandonato da chi mi ordinava gli atti causa di tanta guerra. [...] Saprà [Dio] giusto giudice, rivendicare l'onore oltraggiato e lasciato oltraggiare di un Vescovo quale il sottoscritto, che ne' suoi atti non fece mai che obbedire a chi di comandare aveva il diritto (FRANCESCONI, 1985, p. 616).

Il caso delle elezioni del 1886

Antecedentemente avevamo ripotato una parte di una lettera, scritta a Bonomelli nell'ottobre 1882, in cui Scalabrini riferisce che non era intimidito dalla conferma che i cattolici non dovevano prendere parte alle elezioni relative al parlamento. In essa, riferisce di aver cercato la *Sacra Penitenzieria* e di aver anche chiesto se, in casi particolari, era possibile rendere il *non xpedit* più flessibile. Verbalmente aveva ricevuto un cenno di risposta positiva.

Tale orientamento, però, non ebbe alcun effetto pratico, poiché le elezioni di quell'anno si svolsero non appena Scalabrini tornò da Roma. Bonomelli confidò al suo amico che la risposta data verbalmente, aveva il senso di una chiara indicazione dell'oscillazione che regnava in Alto.

La interpretazione benigna accordatavi a voce per le elezioni è una prova della oscillazione in alto: si vorrebbe e non si vorrebbe e si resta lì senza gittarsi né a destra, né a sinistra, né avanti, né indietro. Si aspetta! (B. a S. 13.09[10].1882).

Le elezioni arrivarono nel 1886. Scalabrini scrisse a Roma e, per ordine del papa in data 01.05.1886 ricevette, tramite Mons. Boccali, una risposta che confermava lo stesso orientamento, indicato nel 1882. Inconsonanza con l'orientamento ricevuto, ha agito come egli stesso spiegò al Cardinale Segretario del Santo Ufficio, R. Monaco La Valletta:

Esporrò le cose nei loro termini veri. In questo Collegio elettorale erano dal partito radicale riproposti a deputati uomini notoriamente ostili al Papa e alla Chiesa, quali un Priario e un Cavallotti che funestarono in questi anni la Città e le borgate principali, con discorsi empì e blasfemi oltre ogni dire. Credendo essi de avere ormai corrotte queste buone popolazioni, si presentarono stavolta con un programma dei più irreligiosi e sovversivi.

Ciò allarmò grandemente i buoni, in molti dei quali sorse naturalmente il dubbio non forse nel caso nostro particolare si dovesse accedere alle urne, allo scopo di impedire che riuscendo vincitori i candidati anzidetti, divenissero padroni del campo e continuassero come per lo adietro a spargere dubbi circa la fede e a rovinare le anime. D'altra parte alcuni dei candidati del partito monarchico offrivano, anche per dichiarazioni loro richieste, garanzie abbastanza sicure delle loro buone disposizioni a favore della causa cattolica. Così stando le cose, alcuni, prima che io partissi per la S. Visita vennero privatamente a interpellarmi, se, convinti come erano, della necessità di recarsi alle urne avrebbero potuto farlo con tranquillità di coscienza.

Io, avuto riguardo appunto alle circostanze nostre locali [...] mi limitai a rispondere ai singoli, e in forma al tutto privata, che l'accedere alle urne per se illecito non era, che sussisteva però il *non expedit*, che io quindi né li consigliava a dare il voto, né li sconsigliava: facessero quanto loro dettava la coscienza del maggior bene.

Tale la risposta, ripeto, che diedi nei casi speciali che mi si presentarono; risposta che so positivamente aver data altri Vescovi in circostanze forse meno eccezionali di Piacenza; risposta pienamente conforme a quella che mi ebbi per lettera dell'Ecc.mo Mons. Boccali il giorno 1 maggio p.p. d'ordine del S. Padre [...] (Scalabrini a R. Monaco La Valletta, 11.06.1886, apud FRANCESCONI, 1985, p. 663).

Prima delle elezioni del 1º maggio, il vescovo partì per una visita pastorale delle parrocchie più lontane dalla sede. Ritornò l'8 giugno. Prima di partire, tuttavia, lasciò le stesse disposizioni al suo vicario generale, nel caso in cui qualcuno venisse a cercarlo.

Le elezioni si sono svolte il 23 maggio. Il risultato? C'erano quattro candidati dell'Unione Monarchica e tre di loro, sostenuti dai cattolici, hanno vinto; dei candidati radicali, solo uno ha vinto. Indovina a chi gli avversari hanno attribuito il risultato?! Al dito del vescovo. Il putiferio che ne seguì fu grande, e ovunque abbondavano grossolane *fake news*.

Il vescovo aveva certamente previsto che tutto questo sarebbe finito a Roma. Ed è stato proprio così! Ma non aveva affatto previsto, come le cose sarebbero arrivate e, felicemente o tristemente, non lo saprà mai. Tanto meno aveva previsto la rivincita che sarebbe venuta da lì.

Fu lo stesso vicario generale, Monsignor Francesco Tammi, intransigente, a denunciarlo al Santo Ufficio, in una lettera del 18.05.1886, lettera rivolta direttamente al Cardinale Parocchi che godeva un alto prestigio presso Leone XIII. In aggiunta a questo, i due avversari più inflessibili del clero di Scalabrini, hanno pure loro scritto a Roma. Uno di loro, già noto a noi, il Rocca.

Dopo una rapida procedura, con il sostegno del papa, Giovanni Battista fu chiamato dal Santo Ufficio, il 6 giugno per giustificarsi. Era l'11 giugno e, appena tornato dalla Visita Pastorale, rispondeva una ad una a tutte le accuse e, nella sequenza ha aggiunto: "Termino, perchè mi ripugna il continuare una difesa che mi umilia, essendomi noto che le accuse vennero architettate [...]" (FRANCESCONI, 1985, p. 664).

Colse anche l'occasione per chiedere il permesso di pubblicare la sua difesa. Come è finita? Non solo non gli fu permesso dal papa di pubblicare la sua difesa, ma il Santo Ufficio gli rispose che il caso non era affatto chiuso, perché non solo a Piacenza ma anche a Milano, era circolato un volantino che lo accusava.

Di fronte al silenzio di Scalabrini, chi ne ha approfittato è stato *l'Osservatore Cattolico* con la seguente testata: Piacenza "la cittadella della transigenza", ossia "una piazza ceduta al nemico" (FRANCESCONI, 1985, p. 669).

Ma, in giro, si respirava aria di guerra. E guardate l'ironia: chi ha rilanciato la grande bomba fu *Il Piccolo*, giornale di Piacenza, con il seguente titolo del 20 giugno 1886:

Una tegola sul capo di Monsignor Scalabrini

Il Conte Radini-Tedeschi, presidente del Comitato diocesano, fu nominato da Leone XIII Commendatore dell'ordine *Piano* in benemerita del contegno tenuto in occasione delle ultime elezioni politiche. Il prefato sig. Conte, si sa da tutti, s'attene scrupolosamente al cosiddetto *non expedit*, propugnando l'astensione [*sic*]. Leggiamo questa notizia nell'*Unione* di Bologna; notizia che ha un alto significato di solenne riprovazione contro la condotta di Monsignor Scalabrini, che fu un agente elettorale attivissimo, benchè indirettamente, nelle ultime elezioni politiche (FRANCESCONI, 1985, p. 661).

Tedeschi, tra i laici, era uno degli avversari più feroci che il vescovo avesse sulla piazza. Ma lasciamo ora che anche il nostro personaggio dica qualche parola. In una lettera (dettata), del 24 giugno 1886 a Leone XIII, si esprime come segue:

Dal dì ch'io publicai la Lettera Pastorale contro il famoso libello uscito l'anno scorso a Milano [caso Pitra], e più dal giorno che venne in luce a Bologna l'opuscolo a Voi ben noto [Intransigenti e transigenti...], e che io ne fu ritenuto l'autore, il partito degli intransigenti, tutti verso di me, si può dire, appuntò i suoi strali velenosi. [...]

Le passate elezioni politiche parvero agl'intransigenti un'occasione più che altra favorevole per montare contro di me una delle loro tante macchine. E, bisogna pur dire che vi sono riusciti a meraviglia. Sono riusciti a far credere (anche là dove non avrebbero dovuto trovare che incuranza e disprezzo) che io abbia [e Scalabrini continua descrivendo le accuse contro di lui]. [...] non mi sorprese punto. Mi sorprese bensì, e grandemente e dolorosamente mi sorprese il vedere come, a mia insaputa, abbiano indotto Vostra Santità ad accordare una sua onorificenza al Conte Carlo Tedeschi, e ad accordargliela in un momento in cui egli e la sua famiglia erano motivo di scandalo all'intera cittadinanza pel loro contegno tutt'altro che corretto verso il proprio Vescovo, inventando poi e accreditando contro di lui le più assurde notizie [...].

Naturalmente l'onorificenza in parola viene ora da tutti interpretata come un atto di biasimo pubblico e solenne che Voi, Padre Santo, non so per qual motivo, avete voluto infliggere al Vescovo di Piacenza. [...] Lo confesso, Padre Santo, non mi sarei aspettato questo colpo dalle Vostre mani. [...] accetto, in penitenza de' miei molti peccati, la immeritata umiliazione (FRANCESCONI, 1985, p. 665/6).

Vorrei, in seguito, fare un commento personale, ma preferisco farlo subito. Non mi sono preoccupato di registrare passaggi in cui, il nostro fondatore rivela tutta la sua riverenza, fedeltà, rispetto e amore per la persona del papa, (mi riferisco ai tre papi con cui ha vissuto), affermando, più di una volta, di essere disposto a dare la sua vita per difenderlo. Non ho neppure menzionato l'attenzione che ha sempre avuto, per non lasciare scappare dalle sue labbra o dalla sua penna qualsiasi parola, per quanto leggera, che potesse mostrare contrarietà al rappresentante di Cristo in terra. Ogni volta che non si trovava d'accordo, lo faceva tramite lettere o di persona.

Non mi sono soffermato su questo, perché qui l'attenzione era un'altra e cioè quella di mettere in evidenza come il nostro fondatore sia stato un martire della vita quotidiana.

Ogni uomo pubblico è soggetto a subire l'opposizione. E se poi, questo uomo pubblico è un leader, molto di più; gli attacchi infondati da parte degli oppositori piombano sulla sua testa. Spetta all'uomo pubblico sapere minimamente convivere con tutto questo e, quando conviene, anche difendersi. Qui, nel nostro caso, siamo di fronte a un uomo pubblico e a un leader. Vorrei, tuttavia, che mettessimo leggermente da parte questo aspetto e volgessimo lo sguardo su Scalabrini, uomo coerente, fedele in ogni prova e alla sua singolare sensibilità; all'uomo che, prima di tutto, possedeva un cuore di pastore. Solo questo sguardo, ci permette di renderci conto di quanto fosse enorme la sua sofferenza.

Scalabrini chiese molte le volte, personalmente o per lettera, che la Curia e lo stesso papa assumessero posizioni ferme e **pubbliche** contro i radicali intransigenti, quando ricorrevano a bugie e calunnie. Con Scalabrini, però, veniva utilizzata un'altra moneta e, di regola, si tergiversava, come è dimostrato da ciò che egli stesso disse al cardinale Giacobini in una lettera di 08.04.1883.

Ho ricevuta la ven. sua lettera in data 2 corr. aprile. Nela ringrazio di cuore. Permetta però, Emo., che con la mia solita schiettezza Le dica di essere rimasto deluso nella mia aspettazione. [...] Coi documenti alla mano provai sino all'evidenza, che nelle pubblicazioni il sac. Albertario ha stampato menzogne e calunnie a mio riguardo. [...] Ora V. E. mi rispose in termini affatto generali [...] (SCALABRINI, 1980, v.3, p.318).

Se Scalabrini, in certi momenti, è stato duro con Leone XIII, come egli stesso attesta nelle lettere a Bonomelli, non c'è motivo per cui io qui non dovrei dire che Leone XIII, in tempi di bufera, sia stato ingiusto con Scalabrini. Se così non fosse, in risposta s/d ad una lettera del 24.12.1886 di Galimberti (che praticamente fungeva il ruolo di Segretario di Stato), indirizzata a Scalabrini su richiesta di Leone XIII, lettera che chiedeva che il discorso sulle elezioni fosse una buona volta chiuso, Scalabrini non avrebbe detto: "Confesso con tutta ingenuità che ancora non so capacitarmi di aver meritato i dispiaceri che mi si recarono per questo affare" (FRANCESCONI, 1985, p. 674).

Scalabrini dichiara "ancora" di non essere convinto dei dispiaceri subiti. Convincersi di aver meritato un'ingiustizia, mai! Ma che ben presto abbia capito l'incomprensibile, non ho alcun dubbio.

Le turbolenze sopra descritte (7.2 e 7.3), combinate con l'assunzione, nel 1887 alla carica di Segretario di Stato dell'intransigente Cardinale Rampolla, fanno di quest'anno una pietra miliare, che può essere definita con la parola

SVOLTA. E per dimostrare che la svolta non è stata di pochi gradi aggiungo che, in questo stesso anno, il Santo Ufficio ha condannato 40 proposizioni di Rosmini. “Divido pienamente i vostri timori intorno agli effetti di una condanna di Rosmini; io, non rosminiano, ora la temo con immensa ansietà [...]” (S. a B. 28.03.1882).

La parola svolta, tuttavia, deve ora essere capita al plurale, perché ci sono state due svolte. La prima, da parte di Leone XIII, è stata completamente accaparrata dall’ala più intransigente. Per illustrarla riporto qui quanto disse Bonomelli, anni dopo dell’ultimo addio del suo amico, in una lettera inviata alla contessa Revel Parravicino il 24.02.1914: “Per me è sempre mistero se Rampolla guidasse Leone o se Leone tirava a rimorchio Rampolla. Alla storia la soluzione dell’enigma” (TRINCIA, 2004, p. 262).

La seconda svolta: Scalabrini, d’ora in poi, rivolgerà la sua attenzione sempre più alle “Missioni”, termine usato parlando con Bonomelli, ogni volta che si riferiva ai suoi progetti legati ai migranti che, già anticipo, non saranno immuni da dolori e da disagi.

Ma al di là del dubbio “Bonomelliano”, Scalabrini ha saputo subito “radiografare” la realtà e farne la diagnosi: “I tempi vanno maturando, ma non mi sembrano ancora maturi [...]” (S. a B. 12.12.1887); e più avanti aggiunge “Le tradizioni sono più tenaci della volontà degli uomini” (S. a B. 15.07.1903). Che saggezza!

Il discorso [con il Papa], benchè abbastanza lungo, si aggirò nella massima parte circa l’oggetto pel quale sono venuto: *l’Emigrazione* (S. a B. 13.11.1887).

Quanto a me mi sono proposto di non pensare ad altro che alla Diocesi mia, alle Missioni e agli amici [...] (S. a B. 24.01.1897).

Da parte mia [...] anche gli avvenimenti più grandi, se non mi sono indifferenti, non mi interessano gran fatto (S. a B. 11.08.1903).

Il caso Miraglia

Stiamo mettendo in risalto che Scalabrini è stato un uomo che ha affrontato molte sofferenze. Il caso Miraglia costituisce, forse, l’apice del suo calvario durante gli anni del suo episcopato. Non possiamo lasciar passare inosservata una brevissima frase trascritta sopra: “[...] mi raccomando **più fervidamente che mai** alle vostre orazioni” (S. a B. 21.02.1896).

Ancora una volta, faccio notare che qui ci vorrebbe un *expert* di storia di quel tempo per situare correttamente “il testo nel suo contesto”. Detto questo, mi sento obbligato a descrivere minimamente il *background* che includeva anche questa tempesta.

Potremmo cominciare dicendo che Piacenza era, in un certo senso, un campo minato sotto l’aspetto politico e lo era, non per la sua importanza geopolitica strategica, ma perché in essa risiedeva una leadership di visione strategica. Lasciamo che il superiore provinciale dei Carmelitani di Lombardia, P. Romualdo ci racconti, per mezzo di una lettera inviata a Leone XIII il 12.10.1884, come lui vedeva il vescovo di Piacenza:

Se Monsignor Scalabrini fosse meno dotto, meno saggio, meno zelante, se avesse minor tatto pratico per le cose di governo, se avesse minor influenza nel Pubblico, sarebbe lasciato in pace, [...] ma egli è uno di quelli uomini, che attirano l’attenzione degli intelligenti [...] (FRANCESCONI, 1985, p. 907).

Se da una parte c’era a Piacenza questo Monsignor, dall’altra, senza ripetere gli intransigenti, emergevano gli anticlericali con la loro stampa; e sappiamo bene come questa si comporti quando si tratta di attirare lettori e combattere avversari. Omettendo i dettagli, questo è il brodo messo in tavola, quando il Miraglia arriva sulla scena.

Paolo Miraglia Gullotti, nativo della Sicilia, è stato ordinato all’età di 22 anni e, contro la volontà del suo vescovo, ha continuato a studiare. Si dedicò agli studi biblici e acquisì una certa importanza per la sua capacità comunicativa, iniziando a predicare qua e là. Diceva che il suo grande ispiratore era Girolamo Savonarola, un denunciatore della corruzione del clero.

Nel 1894, il vescovo di Nicosia lo sospese dalla predicazione a causa dei suoi violenti attacchi contro il clero.

Incontrando la superiora delle suore agostiniane, Miraglia le confidava che, da dieci anni, si sentiva perseguitato a causa della gelosia del clero, ma che era giunto il momento di porre fine a tutto questo; la prima volta che qualcuno si sarebbe permesso di contraddirlo, lui avrebbe rotto con Roma. Una certa mania di persecuzione, in seguito, si è impadronita di lui.

È successo, però, che l’anno successivo, venne invitato a predicare durante il mese di maggio nella basilica di S. Savino, diocesi di Piacenza. Ma il Miraglia, per il fatto che proveniva da un’altra diocesi, non poteva accettare

l'invito senza il permesso e l'approvazione della curia episcopale. Il fatto è che, con la sua imponente oratoria e dichiarandosi un riformatore, attirava l'attenzioni di tanti. Ma per il suo tono controverso e per le sue insolenze, cominciarono ad arrivare anche lettere anonime in cui veniva chiamato «Mitraglia» (mitragliatrice). Tutto ciò causò, evidentemente, preoccupazioni nella curia di Piacenza.

In quel momento, il vescovo era assente, era partito il 15 maggio per la Francia. Il 28, al suo ritorno, si è trovato con un calvario del tutto inaspettato. Perché inaspettato?

Poche città, poche Diocesi, come la nostra, possono vantare di non aver ceduto mai un palmo solo di terreno al mostro dell'eresia.

(Lettera Pastorale di Mons. Vescovo di Piacenza pel solenne riconoscimento delle reliquie dei SS. Antonino e Vittore, 1880) (FRANCESCONI, 1985, p. 866).

La storia, meglio sarebbe dire, il dolore si protrae per un lungo periodo e non è qui il caso di descriverlo nei dettagli. Diciamo solo che ci sono stati molti tentativi di calmare le acque: dalle richieste di lasciare la diocesi ai processi e agli appelli da varie parti.

Solo le autorità locali, poichè i fatti stavano prendendo contorni politico-religiosi, sembravano essersi adagate sulla poltrona, volendo vedere il circo prendere fuoco. E la stampa, che era contro la chiesa, non smetteva di gettare legna nel fuoco. Un falò ben descritto da Bonomelli, quando tracciò il profilo del rivoltoso in una lettera al suo amico.

Venne in giugno e non sapea più come liberarmene; era una carica a fondo contro tutto e tutti; invano mi studiava de calmarlo; le mie parole erano un soffio sul fuoco e quasi temevo d'una scena in istanza. Non capiva ragione; non c'era che lui al mondo, tutti gli altri sono imbecilli [...]. È matto. [...] state fermo e fenirà coll'andarsene altrove, o col fare qualche sproposito enorme che lo porterà in carcere. Badate che è uomo *violento* e capace di venire a vie di fatto; un pò di guardia sopra de lui e di voi non sarà male. Tenetelo lungi (B. a S. 09.08.1895).

Col passare del tempo, Miraglia dava sempre più segni di pazzia e la sua posizione scismatica culminò nel maggio 1900, con la consacrazione episcopale conferitagli da un americano che viveva in Francia e sosteneva

di essere Arcivescovo. Il Miraglia fu scomunicato dal Santo Ufficio nel luglio dello stesso anno, mentre si trovava a Roma. Subito dopo, si è dato alla fuga cambiando diversi paesi e terminando così i suoi ultimi giorni in Nord America.

Alcuni sospettarono che le lettere anonime al “Miraglia” provenissero dagli oppositori del vescovo, quasi fosse una trama per istigare ulteriormente il rivoltoso. Che sia vero o no, il fatto è che Scalabrini non si meritava anche questa, soprattutto considerando che, magari, gli avversari lontani avrebbero potuto applaudire a tutto ciò.

Ma prima di concludere il viaggio, attraverso le tempeste del nostro marinaio, sentiamo la necessità di assaggiare qualche boccone di questo piatto di condimenti amari, che è stato il caso Miraglia e non senza averci messo sopra alcuni rametti di prezzemolo.

Fino a ottobre 1895, sembrava che Scalabrini non avesse percepito l’amaro; lo si intravede quando confidava al suo amico Bonomelli: “L’affare del Miraglia non mi dà gran che fastidio” (S. a B. 25.10.1895). Giorni dopo, il suo palato ha accusato il vero sapore del piatto: “Quel disgraziato di prete mi va tessendo una vera corona di spine con una audacia da settario matricolato [...]” (S. a B. 09.11.1895).

Mario Francesconi (1985, p. 903) afferma che, considerando la sensibilità umana e religiosa del vescovo, questa è stata l’umiliazione e la sofferenza più acuta che ha colpito il prelado. A tal fine, porta le testimonianze di testimoni. Ne evidenziamo due:

Posso deporre di scienza propria che il Servo di Dio soffriva immensamente, e più volte lo ho visto in stato da far pietà, specie quando il Miraglia si fece consacrare Vescovo (F. Torta).

Più volte lo vidi piangere [...] (L. Mondini).

Francesconi dice anche che il medico di Scalabrini e della Casa Madre della Congregazione, il Dr. Luigi Marchesini, in diverse occasioni, aveva dichiarato che lo scandalo Miraglia è stato la causa dell’inizio della malattia che ha colpito il suo cuore. “La sua salute ne rimase molto scossa” (1985, p. 905).

Alcuni rametti di prezzemolo:

[...] devo dirvi che, almeno sinora, il Signore mi ha concesso tanta forza da quasi non farmi sentire le gravi e continue punture. Veggo che Egli mi governa con una Provvidenza

piena di misteri e mi sento, almeno parmi di sentirmi, disposto in ogni evento a ripetere: Sì, Padre, perchè così a te piace S. a B. 09.11.1895).

Il Signore mi flagella davvero, e ne ha mille ragioni. Mi concede però una calma e una tranquillità singolari. Non berrò il calice che il Padre mi ha dato? (S. a B. 21.02.1896).

Quanto a me in pace sopporto la mia tristezza profonda (S. a B. Giovedì Santo, 1896).

Il Signore ha voluto visitarmi quest'anno con ogni maniera di tribolazioni, ma la rassegnazione e la calma parmi di non averle perdute mai. [...] e ne ebbi persino allegrezza (Scalabrini a L. Cornaggia Medici, 12.05.1896, apud FRANCESCONI, 1985, p. 905).

Considerare sempre le croci, le tribolazioni, le umiliazioni, i disprezzi come mezzi preziosi di santificazione. Non lagnarmi, non attristarmi, non scoraggiarmi: offrire ogni cosa in unione alle pene di Gesù Cristo (Esercizi spirituali, 28.08.1896, apud FRANCESCONI, 1985, p. 905).

L'anno che sta per finire fu per me pieno di croci, ma il più fecondo, grazie a Dio, di opere sante (Scalabrini a Zaboglio, 11.12.1896, apud FRANCESCONI, 1985, p. 905).

Vale la pena ripetere quello che ha detto a Bonomelli: "Un po' di ascetica poi e di quella fina è la panacea di tutti gli umori neri. Sentite!" (S. a B. 24.01.1897).

Chiudo questo caso delle tempeste con questa frase perché, nell'episodio Miraglia, in nessun momento Scalabrini si è mostrato duro con il Vaticano. Immagino che, se lo scisma fosse avvenuto nei primi anni del 1880, avrebbe fortemente sollecitato Roma a intervenire in suo favore, per aiutarlo a porre fine, il più presto possibile, al caso; è andato avanti, invece, per cinque anni.

Un freddo analista potrebbe affermare che non l'avrebbe fatto, perché si sentiva scottato dagli eventi dell'Opuscolo Intransigenti e Transigenti e delle elezioni del 1886. La giustificazione, da un punto di vista sociologico, non sarebbe affatto spregevole. Preferisco, però, credere che Scalabrini, dopo la svolta, quando gli orizzonti erano diventati più ampi, avesse raggiunto l'apice della raffinata dose di spiritualità che consigliava al suo amico.

Scalabrini e le Missioni

È possibile per noi immaginare quanta gioia abbia procurato al Fondatore la realizzazione del progetto delle Missioni! Concentriamoci, per esempio, sulla persona di Scalabrini, al termine di una conferenza sull'emigrazione, davanti a persone che da fuori volevano ascoltarlo! Che soddisfazione! Ma, se i momenti di gioia restano nella nostra memoria, alcuni dolori e disagi, però, rimangono registrati nella sua. Cominciamo con l'omelia di giugno 1884 quando, presiedendo la celebrazione dell'invio di nuovi missionari del PIME, si espresse come segue:

Circostanze imprevedute sorsero [...] e la croce di legno del missionario me si cambiò in questa d'oro che porto al petto, la quale mi fa spesse volte erompere in lamenti col mio Signore, perchè mi abbia voluto dare piuttosto questa che quella (FRANCESCONI, 1985, p. 57).

Ma ecco arrivato il giorno felice, di mandare i suoi primi missionari in Brasile. Felicità che durò poco, come dimostra la lettera inviata a Simeoni l'08.09.1888. In essa scrive che quelli inviati a Curitiba sono stati accolti con festa; invece coloro che stavano andando allo Spirito Santo non erano ancora arrivati e che il loro passaggio per Rio de Janeiro non era stato affatto di buon auspicio. “[Il vescovo] li accolse dicendo che la loro missione era molto, ma molto difficile, che nulla si sarebbe ottenuto, che dal canto suo avrebbe mandato via volentieri tutti gl'italiani” (FRANCESCONI, 1985, p. 1025). Ecco perché implora Simeoni di trovare un modo affinché il Papa invii una lettera ai vescovi dell'America, lettera che da mesi si trovava sul tavolo del cardinale Giacobini. Scusatemi, ma questo mi suona come un sabotaggio!

Il mese successivo, in una lettera inviata il 17.10.1888, scrive a P. Francesco Zaboglio [negli Stati Uniti]: “Dei confratelli partiti per Brasile ho notizie non tutte lieve. [...] Gli altri tre, destinati per la Provincia dello Spirito Santo, non trovano grande appoggio nel Vescovo e sono osteggiati, al meno segretamente, dai parroci” (SCALABRINI, 1980, v. 1, p. 135).

Poi si aggiungono i problemi finanziari. La nascente Congregazione sorse, confidando nella Provvidenza, non senza gravi difficoltà finanziarie. Per affrontarle, Scalabrini contava con 10.000 lire annuali che il proprio Papa gli aveva destinato. Però, il 04.04.1889 lo vediamo chiedere al Cardinale Simeoni come era stato usato questo aiuto: “Le spese sono gravi e giornalieri e debbo pensare seriamente a non aggravarmi di debiti” (SCALABRINI, 1980,

v. 1, p. 241). Il 15.01.1890 torna sull'argomento, e il 23.06.1891 dice allo stesso cardinale: "Mi trovo in gravi bisogni" (SCALABRINI, 1980, v. 1, p. 332).

Simeoni morì e, al suo posto, entrò Rampolla. Scalabrini, il 06.09.1892 gli scrive dicendogli che si trattava di "uno sfogo confidente del cuore" (SCALABRINI, 1980, v. 1, p. 404). Gli racconta ciò che stava accadendo in relazione all'aiuto promesso, e dice che non gli era stata data nessuna giustificazione e concludeva: "Dico tutto questo senza lamentarmi [...]. **So che le opere di Dio nascono e crescono a'piè della Croce e questo è il ciò che mi conforta**" (SCALABRINI, 1980, v. 1, p. 405). E ha dovuto proprio cercar conforto nella Croce, perché le diecimila lire, non solo non sono più mai arrivate nelle mani di Scalabrini, ma sono finite, invece, in quelle di un certo Cocolo, che godeva di una buona reputazione tra i conservatori.

Cocolo avveniva alla fine del 1905, in un'iniziativa parallela a quella del nostro fondatore. Venne istituita la Società dei Missionari per l'Emigrazione per accompagnare i migranti durante il tragitto. E nel 1908, lo stesso scopo fu esteso ai luoghi di destinazione; si intendeva, inoltre, aprire una missione nel Porto di Genova dove, da 15 anni, lavorava lo scalabriniano P. Maldotti. Tale opera ebbe un'ampia diffusione e un sostegno dal Vaticano, che aveva addirittura organizzato una colletta in tutte le parrocchie italiane per le opere di Cocolo; colletta, sistematicamente negata a Scalabrini e alla San Raffaele, anche quando la richiesta era stata inoltrata, per iscritto, e con la firma di 34 dei più rinomati arcivescovi e vescovi italiani. Quello che sembrava un sabotaggio, ora si rivela come una chiara opposizione.

Almeno da questo disagio, e perdonatemi se non posso fare a meno di qualificare tutto ciò "satirico", Scalabrini si è trovato libero perché tutto è accaduto quando già riposava tra le braccia del Padre. Ma, dall'alto ha visto e può vedere che, anche se ci sono state diverse iniziative dedicate alla stessa causa, l'unica, però, sopravvissuta al maltempo dei tempi, era solo la sua e ora nostra. E perché nostra, spetta ora a noi, in mezzo alle grandi e infinite croci dei migranti, percorrere i sentieri da lui indicati, sempre con una buona dose di spiritualità, preferibilmente di quella raffinata.

In quello che segue, entriamo non solo nei momenti di dolore, ma in qualcosa di molto più sottile: di umiliazione. Scalabrini scrisse una lettera al cardinale Rampolla in cui, tra le altre cose, sollecitava il papa ad inviare una benedizione speciale a tutti i suoi missionari. È da non credere alla risposta che gli è stata data:

"[...] Colgo l'occasione per significarle esser giunto a notizia della S. Sede che alcuni dei Missionari di sopra menzionati, fanno nelle Americhe propaganda di idee

liberali e segnatamente del malaugurato opuscolo di Mgr. Bonomelli, opuscolo, che come è ben noto a V.S. è stato riprovato dalla S. Sede e dallo stesso autore. Ond'è che il S. Padre, assai preoccupato di questa cosa, mi commette di chiamare seriamente l'attenzione della stessa S.V. sopra il grave inconveniente e d'invitarla a prendere quelle energiche misure, che valgano a porvi sollecito rimedio" (RAMPOLLA, 1893. [Rampolla a Scalabrini, 04.04.1893]).

La consolazione della benedizione è svanita. Rileggete l'ultima frase del paragrafo precedente e prestate attenzione a ciò che Rampolla dirà in seguito. L'impressione che mi rimane è che lui, allo sbrigare i suoi affari, quando si rendeva conto che si trattava di Scalabrini in relazione a certi temi, finiva le sue lettere con un "Ctrl+C" e un "Ctrl+V".

Ma Scalabrini non si è fatto pregare:

La gravissima accusa palesatami da V. Em.za nella Ven. Sua del 4 p.p. Aprile, a carico di alcuni missionarii, mi recò vivo dolore, sebben avessi motivo di crederla priva di fondamento [...]. Ad ogni modo se V.E. ha in mano dati positivi al riguardo, voglia, ne la prego, indicarmeli, notificandomi, se non altro, in qual parte d'America, in quale città [...]. Ma se l'E.V. sa meglio di me che le accuse affatto generali mosse a un corpo con le frasi *alcuni, taluni*, servono a nulla e a nessuno. Attendo pertanto una risposta per mia norma (Scalabrini a Rampolla, 25.05.1893, apud CONGREGAZIONE SCALABRINIANA, s/d, s/p).

A cui Rampolla ribattè: "[Il S. Padre] Mi incaricò però di significarle che confida che V.S. vorrà continuare a vigilare i Missionari di America, affinché non offrano il minimo pretesto alle accuse che ebbi a palesarle in un precedente mio foglio" (RAMPOLLA, 1893. [Rampolla a Scalabrini, 12.06.1893]).

I commenti, a questo punto, non sono necessari e Rampolla, l'intransigente, ha avuto purtroppo un'altra opportunità di trattare Scalabrini come un ragazzino. Io uso questa espressione non perché non dò al testo un carattere accademico, ma perché cerco di far emergere ciò che stava accadendo nella profondità del nostro personaggio, come lui stesso ha scritto al collega di Cremona: "[...] immaginate voi che razza di giudizi sul conto nostro. Si fa quindi correr voce dai soliti, che saremo castigati (come bambini degli asili d'infanzia) [...]" (S. a B. 01.02.1883).

Ora presento gli antecedenti di un altro disagio. L'Arcivescovo di New York, che aveva stabilito un buon rapporto di amicizia con Scalabrini arrivando fino al punto di esprimere un pieno sostegno al suo progetto a favore degli immigrati, improvvisamente, a causa di unimprevisto, ha preso una decisione affrettata, provocando così molto male al fondatore. P. Morelli è stato tra i primi missionari inviati nel 1888 negli Stati Uniti e, come primo provinciale, si stabilì a New York. Ottimo missionario nel rapporto con la gente, ma privo di competenza in fatto di amministratore. Aveva iniziato la costruzione di una chiesa contraendo debiti al di sopra delle sue possibilità finanziarie. Per questo, Mons. Corrigan si irritò e lo licenziò dalla direzione della Chiesa e vendette il terreno, con la costruzione della chiesa, in corso.

Scalabrini si sentì colpito al petto, perché Corrigan, finora, aveva sempre lodato i missionari, e ora si mostrò duro dicendo tra l'altro: "Ma per me è questione di animee di decoro, non di danaro" (Scalabrini a Corrigan, 05.02.1894, apud SCALABRINI, 1983, v.2, p. 32). L'Arcivescovo replicò:

Se V. E. crederà bene di togliere i Missionarii per inviarli altronde dove le difficoltà finanziarie sono minori, sarà forse la migliore soluzione. [...] Per la Casa di S. Raffaele non vedo altro mezzo che di darla a qualche Americano, almeno nella parte amministrativa (CORRIGAN, 1894. [Corrigan a Scalabrini, 22.02.1894]).

Diradata la polvere del malinteso o scomparsa la nuvola che oscurava il cielo, come entrambi si sono poi detti, i due tornarono ad abbracciarsi come prima.

Con il Rampolla la polvere, tuttavia, non si calmò; al contrario egli continuò con il ventilatore acceso e approfittò di questa occasione per umiliare di nuovo il padre dei migranti:

[...] come è facile comprendere, prodotta in molti penosa impressione per il discredito che può derivarne alla Chiesa cattolica in quelle regioni, ed anche per il danno che può risentirne l'istituto fondato dalla Ill.ma e R.ma. Sapendosi che il fatto stesso deve attribuirsi alla poca o nessuna avvedutezza del Superiore dei Missionarii Italiani [...]. Sebbene non si dubiti che la cosa sia già a conoscenza di V. E., tuttavia non posso omettere di chiamarvi la sua attenzione avendo il Santo Padre espresso il desiderio

che procuri Ella di adottare i provvedimenti necessari ad impedire che abbiano a rinnovarsi fatti come quello di sopra indicato. (Rampolla a Scalabrini, 23.11.1893, apud FRANCESCONI, 1973, p. 158/9).

In seguito, il nostro fondatore ha risposto:

Purtroppo si è dovuto chiudere, non la Chiesa italiana, ma un inizio di chiesa. [...] Io mi sono spogliato di tutto. [...] Le accuse di liberalismo mi ferirono profondamente... Con questo non intendo di far lagnanze. So che le opere di Dio nascono ai piedi della Croce e crescono provate col fuoco delle tribulazioni. Quando il S.P. mi diede incarico di pensare a questo bisogno, appresi vivamente le croci che mi sarebbero venute addosso e ne ebbi tale dolore da avere la febbre per due giorni continui. Ma non più: rimetto ogni cosa nelle mani di Dio e in quelle amorosissime del S. Padre. Io lavorerò, farò del mio meglio perché ogni cosa riesca a gloria di Dio e a bene delle anime in aspettazione della divina misericordia (SCALABRINI, 1893. [Scalabrini a Rampolla, 30.11.1893]).

Chiedo permesso di aprire un'altra parentesi. Se mi venisse chiesto di preparare la carta d'identità del nostro fondatore, sulla parte anteriore, accanto alla foto io trascriverei l'esperienza vissuta da Scalabrini alla Stazione di Milano. Perché? Perché la Stazione di Milano ci permette di analizzare il DNA della persona di Scalabrini.

Occhi > vede; cuore > sente; testa > analisa; mani > agisce.

- Diversi anni fa, ho visto a Milano una scena [...]. Passando per la stazione ho visto il salone, ho visto persone, ho visto i loro volti solcati dalle rughe, ho visto l'agitazione dei sentimenti, ho visto emigranti.
- Mi ha lasciato nella mia anima una sensazione di profonda tristezza. Me ne sono andato commosso. Un'ondata di tristi sentimenti invase il mio cuore.
- Di fronte a un tale stato di cose mi sono chiesto e mi chiedevo di nuovo.
- Quale soluzione si dovrebbe trovare? Che cosa si può fare per aiutarli? [Ho fondato due società, una di sacerdoti e una di laici].

Nella parte posteriore, stamperei la risposta data a Rampolla qui sopra. Nella mia valutazione, il contenuto presente in essa, traduce anche i tratti innegabili del suo DNA: Forte personalità, sincero, sensibile, molto dolore nell'anima, rispetto per la figura del papa come icona di unità, totale fiducia in Dio e una donazione totale: "Io mi sono spogliato di tutto". Manca solo un particolare: il perdono. Diceva sempre che condannava il peccato, non il peccatore. È successo così con l'Albertario, ma non è il caso di continuare a raccontare qui.

Il 15 marzo 1892, Scalabrini inviò una lettera ai missionari negli Stati Uniti, esprimendo loro il suo desiderio di visitarli l'anno successivo. Non è stato, però, possibile. Alla fine del 1897, di fronte alle difficoltà emerse soprattutto nei pressi del porto di New York, dove era presente la San Rafaele, (lui nutriva per questa Missione un particolare affetto), decise di fare subito una visita *in loco*. Chiese il permesso immediato a Roma di lasciare, per alcuni mesi, la diocesi. Indovinate?! Fu in grado di salire a bordo solo il 18.07.1901. Io non ho più dubbi: siamo eredi di un progetto approvato e sostenuto da Leone XIII e Pio X, ma sistematicamente sabotato dietro le quinte.

Sono stati davvero tortuosi i sentieri percorsi dal nostro personaggio; alcune curve avrebbero potuto essere un po' più dolci, come lui stesso, in un sottile sfogo, spiega al confidente: "Se quel benedetto Agliardi avesse accettato il posto di Segretario, dato che gli sia stato offerto davvero, forse, le cose si sarebbero avviate ad un *modus vivendi*. Così invece... Basta. Dio ce la mandi buona" (S. a B. 11.08.1903).

Avrei potuto andare ancora avanti, raccontando altri dolori che scendevano nel profondo dell'anima del martire della vita quotidiana come, ad esempio, quei racconti che arrivavano, tramite i suoi missionari, dall'altra parte dell'Atlantico. Tenendo conto che la quantità non è sinonimo di qualità, scelgo di chiudere le tende, però non senza prima, rivolgere a tutti un invito.

Invito insolito

Vi avverto che non mi occupo di ipnosi, eppure oso lanciare un invito insolito. Eccolo: tornare indietro nel tempo e nello spazio, in un luogo geografico lontano, e rivivere un particolare momento storico. Il posto? La cattedrale di Piacenza e i suoi dintorni. Il momento? Le celebrazioni di un Giubileo Episcopale. La data? 15, 16 e 17 giugno 1901. Il personaggio? Giovanni Battista Scalabrini.

E il clima? Ce n'erano due: quello meteorologico e quello che dominava l'aria intorno all'evento, entrambi intrinsecamente mescolati.

Chi dà testimonianza del secondo (notate, con tre mesi e mezzo di anticipo), è il vescovo stesso. Il 3 marzo 1901, quando Bonomelli gli chiese se fosse vero che sarebbe diventato Arcivescovo di Ravenna, Scalabrini rispose così:

Cambiar Diocesi a omai 62 anni, con tanti impegni che ho qui per le mani, mentre l'ottimo mio clero e il caro mio popolo sta preparandosi con tanto cuore alle feste del mil Giubileo, no, no, non è possibile (S. a B. 03.03.1901).

Per quanto riguarda il clima meteorologico, i festeggiamenti non si sono svolti nel mese di gennaio per evitare il rigore dell'inverno, il mese dell'ordinazione episcopale, ma in giugno, quando in Europa era piena estate.

Sono stati tre giorni di discorsi e di gioiosi festeggiamenti più che meritati. Nel terzo giorno, ha avuto luogo la solenne celebrazione religiosa, presieduta naturalmente dal nostro festeggiato.

Ora fantastichiamo un pò: intorno all'altare una dozzina di vescovi, sacerdoti, molti sacerdoti, per non parlare dei chierichetti. In prima fila, le autorità civili.

Da un lato interno della cattedrale, le donne, le mamme, molte mamme che allattano i bambini sostenendoli con un braccio e, con l'altro, controllando gli altri piccoli in uno stato di permanente irrequietezza; alcuni di essi piangono. Altre donne guardavano queste mamme e altre ancora, con la testa occupata nei lavori da fare, non appena la cerimonia fosse finita.

Dall'altro lato, gli uomini, molti uomini con accanto loro i bambini più grandi. Sì, il loro corpo era presente e il loro volto attento, ma molti cervelli volavano via e cresceva in loro il desiderio di uscire quanto prima per poter fumare. Altri uomini, preoccupati per il cerimoniale, ponevano la massima attenzione a tutti i dettagli, in modo che tutto potesse venire eseguito secondo la preparazione fatta.

In casi simili, credetemi, l'attenzione è più rivolta a ciò che viene dopo, che a quello che sta succedendo al presente. Questa volta sarà stato diverso?

La messa è finita e nessuno è andato via. Il festeggiato ha preso la parola per ringraziare tutti e per tutto. Anticipo subito che, per poco, la festa non è finita male! Il vescovo, nel suo discorso, non riuscendo a frenare il cuore nel suo petto, immagino io, ha esternato pienamente, senza rendersene conto, il sentimento più profondo che si annidava nella sua anima.

D'altra parte, posso anche immaginare che il possibile danno provocato dal discorso non sarebbe stato così grande o non avrebbe avuto grandi ripercussioni tra gli ascoltatori, tenendo conto cosa può succedere quando una chiesa è affollata, con una cerimonia più lunga del solito, in una giornata calda e festosa. Inoltre, è stato un giorno contrassegnato dall'emozione e non dalla ragione. Era un giorno di festa, una festa rara, il giubileo del vescovo appunto!

E' difficile, tuttavia, credere che nessuno si sia accorto del vero senso delle parole pronunciate dal festeggiato, nel suo discorso! Sicuramente nell'ora di pranzo, ad alcuni il cibo è andato giù storto.

Per capire meglio cosa voglio dire, immaginiamo una grande famiglia. I figli, insieme ai cognati, i generi, le nuore, i nipoti decidono di organizzare una grande festa ai loro genitori, in occasione delle nozze d'oro. In una cerimonia pre-pranzo chiedono ai festeggiati di pronunciare qualche parola. È il turno della mamma: "Vi ringrazio per questa meravigliosa festa, ma non posso mentire a nessuno se questa giornata è un motivo di gioia per tutti voi, ma per me, sono solo tristi ricordi per le volte in cui sono stata tradita...". Risultato? Il pranzo è rovinato!

Ora, la parola al nostro festeggiato. Per non superare i pochi secondi in cui le menti elettroniche di oggi, possono rimanere concentrate, gli chiediamo di essere il più breve possibile.

Veramente sarebbe stato mio desiderio (lo sa Iddio) che il lieto avvenimento passasse inosservato. Ma come dettar legge all'amore? [...] Però gli anni di episcopato che alla vostra fede e bontà sono oggi argomento di festa, a me lo sono di trepidazione e di sgomento [...].

Oggi più che mai io sento il peso formidabile che mi grava sugli omeri. [...] e se mi atterrisce il futuro, il passato mi umilia profondamente e mi conturba (SCALABRINI, 1980, v.13, p. 300/1).

Non spetta a me aggiungere altre parole, pertanto mi rivolgo a ciò che Dostoevskij (2002, p. 245), nella sua opera *Delitto e Castigo* scrisse sulle persone che legano l'intelligenza al cuore: "*La sofferenza e il dolore sono insiti in una coscienza ampia e un cuore profondo*" e procede, attraverso il discorso del personaggio centrale del libro, Raskólhnikov: "*A mio parere, gli uomini veramente grandi devono patire in questo mondo un grande dolore.*"

A modo di congedo...

Non è stato facile per me, tenermi d'occhio durante la costruzione di questo testo. Confesso che la tentazione di scivolare per altri sentieri è stata grande, ma penso che molti altri li abbiano percorsi. Quel che è certo è che, ci sono ancora ciliegie da aggiungere alla torta, ci sono ancora olive per completare l'insalata. Difficilmente un singolo pasticcere o un singolo *maitre*, sarebbero sufficienti per servire l'intero banchetto. L'essenziale è non dissociare mai un ingrediente dall'altro, né esagerare un condimento a scapito dell'altro.

Beati siamo noi per aver in Giovanni Battista Scalabrini, una delle fonti che aiutano a dissetare tante seti del corpo e dell'anima. Ricordiamoci sempre essere fedeli a Scalabrini, non è imitarlo, ma è andare avanti sulle orme da lui tracciate.

Infine, nel profondo del cuore, mi rimane solo un auspicio: che noi scalabriniani, nonostante la nostra piccolezza, possiamo fare in modo che, lassù, con il petto gonfio, battendo le mani per la gioia e con il sorriso sul viso, qualcuno possa pronunciare due parole, che la storia ha insistentemente sottratto dalla sua bocca: *sono lieto*, sono felice!

Riferimenti

- COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, decretos, declarações. *Gaudium et Spes*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 143.
- CONGREGAZIONE SCALABRINIANA. *Scalabrini, Leone XIII e Mariano Rampolla (1887-1894)*. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/it/document/read/16026627/scalabrini-leone-xiii-e-mariano-rampolla-congregazione>>. Acesso em: 02.05.2020.
- CORRIGAN, Michael Augustine. Carta. Destinatário: G. Scalabrini. s/l, 22.02.1894. In. ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO (AGS). Roma, s/d, s/p.
- CUTTI, Dirceu (org.). *Correspondência Scalabrini-Bonomelli: Controvérsias com os intransigentes*. São Paulo: CEM/Missão Paz, 2019.
- FRANCESCONI, Mario (a cura di). “Un progetto di Mons. Scalabrini per l’assistenza religiosa agli emigrati di tutte le nazionalità”. *Studi Emigrazione*, Roma, anno IX, n. 25-26, marzo-giugno, 1972, pp. 185-203.
- FRANCESCONI, Mario (a cura di). *Storia della Congregazione Scalabriniana*. Vol. II. Organizzazione interna e Prime Missioni negli Stati Uniti (1888-1895). CSER, 1973. Disponível em: <<http://simn-global.org/wp-content/uploads/2019/04/Wholebook.pdf>>. Acesso em: 20.05.2020.
- FRANCESCONI, Mario. *G. B. Scalabrini*. Roma: Città Nuova Editrice, 1985.
- RAMPOLLA, Mariano. Carta. Destinatário: G. Scalabrini. s/l, 04.04.1893. In. ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO SCALABRINIANA (AGS). Roma, BA 02-15-12.
- RAMPOLLA, Mariano. Carta. Destinatário: G. Scalabrini. s/l, 12.06.1893. In. ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO SCALABRINIANA (AGS). Roma, BA 02-16-03.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. Carta. Destinatário: M. Rampolla. s/l, 30.11.1893. In. ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO (AGS). Roma, AGS / BA7 02-17-09c.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. *Scritti*. V. 1, L’Emigrazione e I Missionari di San Carlo I, 1887-1892. Roma: Congregazione Scalabriniana, 1980.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. *Scritti*. V. 3, Carteggio Scalabrini-Bonomelli e Controversie con gl’intransigenti. Roma: Congregazione Scalabriniana, 1980.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. *Scritti*. V. 4, Lettere I. Roma: Congregazione Scalabriniana, 1980.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. *Scritti*. V. 7, Pastoralis I, 1876-1883. Roma: Congregazione Scalabriniana, 1980.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. *Scritti*. V.13, Discorsi IV. Roma: Congregazione Scalabriniana, 1980.
- SCALABRINI, Giovanni Battista. *Scritti*. V. 2, L’Emigrazione e I Missionari di San Carlo II, 1893-1905. Basilea: CSERPE, 1983.
- TONIOLO, Giuseppe. Carta. Destinatário: Rinaldi M. s/l, 01.11.1911. In. ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO SCALABRINIANA (AGS). Roma, AGS / DE 48-09-01.
- TRINCIA, Luciano. “Galimberti e il nucleo tedesco: un potere parallelo?” *Mélanges de l’école française de Rome*. 116-1, 2004, p. 255-279. Disponível em: <www.persee.fr/doc/mefr>. Acesso em: 02.05.2020.



Do Autor

Diz o Dirceu: nada de feitos extraordinários, a não ser o fato de ter sobrevivido aos primeiros seis meses de vida contra a aposta de todos.

Nasceu em 1952, em Anta Gorda/RS. Em 1964 foi para o Seminário. Em 1975 mudou-se para São Paulo onde cursou filosofia e teologia. Fez sua primeira imersão junto aos migrantes na Serra do Mar durante a construção da Rodovia dos Imigrantes. Em 1976 passou a atuar nas CEBs – Zona

Sul da cidade, onde hoje mora –, nos movimentos sociais e em apoio ao sindicalismo. Em 1979, no 2º ano de teologia, ingressou no CEM/Centro de Estudos Migratórios, onde permaneceu após a ordenação. Em 1984 abriu uma missão em Rondônia e esteve à frente da CPT/Comissão Pastoral da Terra da diocese de Ji-Paraná. Em 1985, mudou de posição. Deixou de ser padre e foi trabalhar na CUT/Central Única dos Trabalhadores. Em 1986/87 foi bancário e professor da rede pública.

No final de 1987, após “intimação” do pe. Alfredo, deixou de lado concurso público, disse não a novas propostas salariais e retornou ao CEM. Em 1988 (ano em que casou) foi lançada a revista *Travessia*. Já em seu segundo número ela caiu no seu colo; foi timoneiro de seu processo coletivo de produção até 2014.

Ao longo de sua trajetória, manteve estreito vínculo com o SPM/Serviço Pastoral do Migrante; integrou a direção da Casa do Migrante; lecionou no Propedêutico de Jundiaí e colaborou no Filosófico de Curitiba.

Em 2015 aposentou-se. O olhar voltou-se então aos haitianos do seu entorno e, a partir de uma excursão pelo sertão mineiro, este também recaiu sobre raízes expostas ao léu com as quais passou a brincar.

Em 1997 ingressou no Movimento Leigo Scalabriniano; foi quando se aproximou e descobriu um “santo” que subverteu a visão idílica de santidade – João Batista Scalabrini.

cuttidirceu@hotmail.com

www.instagram.com/dirceucutti_madeiras

CORRESPONDÊNCIA
SCALABRINI – BONOMELLI
Controvérsias com os Intransigentes

Dirceu Cutti (org.)



Li com muito interesse o texto. É expressão da própria maneira de falar do autor, poetizando tudo o que diz. Algo como uma leitura da vida pelos personagens de Guimarães Rosa, revelando o que a maioria das pessoas reconheceu: outra face de Scalabrini, mais pessoal, um "homem das dores" ou "mártir do cotidiano" como ele o nomeia.

Sidnei Marco Dornelas - CEMLA

Li com muito gosto o escrito. Mesmo se apresentado como "singelo depoimento" mais do que um estudo científico, a sua leitura é uma fonte de inspiração na compreensão da espiritualidade de Scalabrini. Os eventos narrados, as pessoas citadas, os fatos contextuais apresentados enfocam de maneira justa e adequada não somente a grande história, mas, sobretudo, aquela história do dia a dia de nosso fundador.

Lorenzo Prencipe - CSER

Este livro é um favo de mel que, dialeticamente, traz em sua concha embiras de uma história urdidada com saberes e lancinantes dores vividas por um Scalabrini dilacerado, mas atento, não caduco, afetuoso.

José Carlos A. Pereira - CEM

"É no aparentemente insignificante que reside o maior significado". Do Dirceu marcou-me sempre o seu querer entrar em cada coisa com uma intrigante paixão, procurando o tesouro escondido da vida para revelá-la em sua totalidade que encanta. É o amor que faz conhecer as pessoas e a realidade, assim Dirceu nos revela a grandeza de Scalabrini.

Rita Bonassi – Missionárias Seculares Scalabrinianas

